



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARIA AUGUSTA AZEVEDO GAMA BUARQUE MACIEL

**PROJETO OLÍMPICO DA MANGUEIRA E A GINÁSTICA RÍTMICA:
discutindo políticas públicas de esporte, esporte educacional e educação.**

Rio de Janeiro

2016.

Maria Augusta Azevedo Gama Buarque Maciel

PROJETO OLÍMPICO DA MANGUEIRA E A GINÁSTICA RÍTMICA: discutindo políticas públicas de esporte, esporte educacional e educação.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Jairo Vieira

Rio de Janeiro

2016.

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Ap Azevedo Gama Buarque Maciel, Maria Augusta
PROJETO OLÍMPICO DA MANGUEIRA E A GINÁSTICA
RÍTMICA: discutindo políticas públicas de esporte,
esporte educacional e educação / Maria Augusta
Azevedo Gama Buarque Maciel. -- Rio de Janeiro,
2016.
132 f.

Orientador: José Jairo Vieira .
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal
do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa
de Pós-Graduação em Educação, 2016.

1. Políticas Públicas de Educação . 2. Políticas
Públicas de Esporte. 3. Projeto Olímpico da
Mangueira. 4. Ginástica Rítmica. 5. Esporte
Educacional. I. Jairo Vieira , José , orient. II.
Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Dissertação “**Projeto Olímpico da Mangueira e a Ginástica Rítmica: discutindo Políticas Públicas de Esporte, Esporte Educacional e Educação**”

Mestrando(a): **Maria Augusta Azevedo Gama Buarque Maciel**

Orientado(a) pelo(a): **Prof. Dr. José Jairo Vieira**

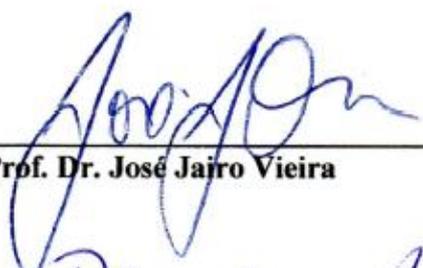
E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO

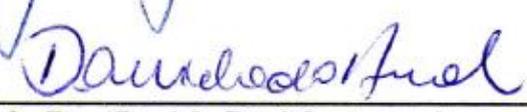
Rio de Janeiro, 31 de março de 2016.

Banca Examinadora:

Presidente:



Prof. Dr. José Jairo Vieira



Profa. Dra. Daniela Patti do Amaral



Profa. Dra. Andréa Lopes da Costa Vieira

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha avó Yeda Azevedo Gama (*in memoriam*), mulher guerreira e amorosa que dedicou sua vida às filhas, netos e bisnetos, nos brindando com sua presença até os seus 90 anos. Dias antes da defesa dessa dissertação ela foi para junto ao Pai na morada celeste, mas certamente continuará a me guiar de outro plano, como sempre fez, me ensinando pelo exemplo e amor.

Agradecimentos

Agradeço a Deus e à Nossa Senhora da Conceição por me concederem não somente a oportunidade de ingressar no PPGE/UFRJ, mas por me sustentarem, guiarem e darem forças para concluir mais essa etapa em minha vida.

Agradeço ao meu filho Gabriel, meu amor maior, luz e razão da minha vida e ao meu marido Messias pelo companheirismo, compreensão, parceria e amor. Vocês, minha “pequena família”, são minha maior fonte de alegria, coragem e motivação.

Agradeço à minha “grande família”, começando pela minha mãe Juçara, meu porto seguro e com quem aprendi, além de educação e valores, o verdadeiro sentido do amor incondicional. Também à minha amada tia Iara, meus irmãos Felipe e André, meus sobrinhos afilhados Daniel e João Felipe e às minhas madrinhas Maria Thereza e Maria Lúcia. Ah... O que seria da minha vida sem vocês e sem o amor, a proteção, os ensinamentos, a alegria e a torcida tão fraternamente partilhados?

À minha irmã Isabela deixo um agradecimento especial. Minha caçulinha, minha ex-ginasta, minha parceira, minha companheira desde sempre e para sempre; minha inspiração pela pessoa e pela profissional fantástica que é. Sem ela e sua competente ajuda (sempre tão solidária) não teria sido possível concluir essa dissertação.

Agradeço imensamente e com muito carinho a todas as meninas que foram e que são minhas ginastas na Mangueira. Pela convivência, pelo aprendizado, por me fazerem acreditar que meu trabalho com a GR vale a pena. Sem dúvidas, com vocês aprendi a ser melhor como profissional, como pessoa, como ser humano. Meu coração “salta” (porque as ginastas não pulam, saltam!) em verde e rosa por vocês: minhas ginastas, minhas estrelinhas que brilham nas quadras, nos palcos da vida e no céu do meu viver.

Por fim, agradeço ao meu orientador José Jairo Vieira pela generosidade, competência e atenção com quais me orientou; e aos componentes da banca professoras Daniela Patti, Andréa Lopes, Vânia Motta e Edlaine Gomes por suas valiosas e significativas contribuições.

RESUMO

Projeto Olímpico da Mangueira e a Ginástica Rítmica: discutindo Políticas Públicas de Esporte, Esporte Educacional e Educação.

Esta pesquisa teve por objetivo geral identificar os possíveis reflexos das Políticas Públicas de Esporte no cotidiano das alunas da modalidade esportiva educacional Ginástica Rítmica do Projeto Olímpico da Mangueira. O recorte temporal delimitado compreende os anos de 2000 a 2015, onde se observam no período, ações efetivas para a legitimação institucional do campo esportivo, sendo marcante o fato de que o esporte recebe um ministério próprio, desvinculado de outros ministérios. Também é partir do ano 2000 que se inicia, na Mangueira, a oferta oficial da modalidade esportiva Ginástica Rítmica que passa a integrar o quadro de esportes do Projeto Olímpico da Mangueira. Para atingir os objetivos delineados e para melhor interpretar a realidade social na qual a pesquisa se insere e considerando a natureza do objeto de estudo, optamos pela pesquisa qualitativa. A construção dos dados foi realizada a partir da técnica da triangulação (Minayo, 2010), com a utilização dos seguintes instrumentos: a) pesquisa bibliográfica; b) pesquisa documental; c) pesquisa de campo com a aplicação de questionários e realização de entrevistas semi-estruturadas com ginastas, ex-ginastas, e seus responsáveis. Quanto às reflexões sobre o terceiro setor e as Políticas Públicas de Esporte no Brasil dialogamos com Mezzadri e Silva (2014), Starepravo (2011) e Melo (2011). O aporte teórico utilizado nas discussões acerca da temática Esporte Educacional foi encontrado em Tubino (2010). Para desvelar e analisar as contribuições da prática da GR enquanto esporte educacional praticado por meninas do Projeto Olímpico da Mangueira recorreremos ao diálogo com Bourdieu (2003, 2013), Diaz (2011) e Sivak (2010). Concluímos que existem reflexos positivos das Políticas Públicas de Esporte Educacional no cotidiano das ginastas e ex-ginastas do Programa Social da Mangueira, uma vez que foi apontada a influencia profícua da prática da GR com relação à inclusão social e ao desenvolvimento humano e integral. A prática da GR foi oportunizada em função das ações promovidas pelo Projeto Olímpico da Mangueira, em alinhamento com as Políticas Públicas de Esporte.

Palavras – Chave: Políticas Públicas de Educação – Políticas Públicas de Esporte – Projeto Olímpico da Mangueira – Ginástica Rítmica – Esporte Educacional.

ABSTRACT

Olympic Project Mangueira and Rhythmic Gymnastics: discussing Sport Public Policy, Education and Sport Education.

This research had the general objective to identify the possible consequences of Sport Public Policy in the daily lives of students of educational sport of Rhythmic Gymnastics Mangueira Olympic Project. The defined time frame covers the years 2000-2015, which are observed in the period, effective action for the institutional legitimacy of the sports field, being remarkable the fact that the sport receives a ministry itself, detached from other ministries. It is also from the year 2000 begins, the hose, the official offer of sport Rhythmic Gymnastics that becomes part of the sports board of the Olympic Project of the hose. To achieve the outlined goals and to better interpret the social reality in which the research is part and considering the nature of the object of study, we chose qualitative research. The construction of the data was performed from the triangulation technique (Minayo, 2010), using the following instruments: a) literature; b) documentary research; c) field research with the application of questionnaires and conducting semi-structured interviews with gymnasts, former gymnasts and their parents. As for the reflections on the third sector and Sport Public Policy in Brazil we dialogued with Mezzadri and Silva (2014), Starepravo (2011) and Melo (2011). The theoretical approach in the discussions on the theme Educational Sports was found in Tubino (2010). To uncover and analyze the contributions of the GR practice as an educational sport practiced by girls from Mangueira Olympic Project resorted to dialogue with Bourdieu (2003, 2013), Diaz (2011) and Sivak (2010). We conclude that there are positive effects of Educational Sports Public Policy in daily gymnasts and former gymnasts Social hose program, since it was aimed at fruitful influences of the GR practice in relation to social inclusion and human and integral development. The practice of GR was nurtured on the basis of the actions promoted by the Mangueira Olympic Project in alignment with the Public Sport Policy.

Key - Words: Education Public Policy - Sport Public Policy - Mangueira Olympic Project - Rhythmic Gymnastics - Education.

Lista de abreviaturas e siglas

CAMP- Círculo dos Amigos do Menino Patrulheiro

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CIEP - Centro Integrado de Educação Pública

EMOP - Empresa de Obras Públicas do Rio de Janeiro

FAETEC - Fundação de Apoio à Escola Técnica

FGERJ - Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro

FHC - Fernando Henrique Cardoso

FIG – Federação Internacional de Ginástica

G.R.E.S.- Grêmio Recreativo Escola de Samba

GG - Ginástica Geral

GR - Ginástica Rítmica

GRD - Ginástica Rítmica Desportiva

INDESP - Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto

IP Mangueira - Instituto de Profissionalização Mangueira

M.E. - Ministério do Esporte

PPA - Plano Plurianual

Snelis - Secretaria de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social

V.O. Mangueira - Vila Olímpica da Mangueira

Lista de Tabelas e Gráficos

Tabela 1 – Tipografia das ex-ginastas entrevistadas

Tabela 2 – Tipografia das ginastas entrevistadas

Tabela 3 – Tipografia dos responsáveis entrevistados

Gráfico 1 – Raça /cor das ginastas

Gráfico 2 - Local de moradia das ginastas

Gráfico 3 – Meio de transporte utilizado para chegar à Vila Olímpica

Gráfico 4 – Já conhecia a GR antes de ter aulas?

Gráfico 5 – Sentimento de acolhimento na GR

Gráfico 6 – GR oportuniza conhecer lugares e pessoas?

Gráfico 7 – Tipo de escola que frequenta

Gráfico 8 – GR e o desenvolvimento na escola

Gráfico 9 – Utiliza na escola o que aprendeu na GR?

INTRODUÇÃO

O Brasil, não diferentemente de grande parte dos demais países, é assolado por graves problemas advindos da situação de desigualdade social, pobreza e exclusão na qual milhões de brasileiros estão imersos. Inúmeras ações e políticas são disseminadas e afirmadas como em prol do enfrentamento da exclusão social, do combate à pobreza e com vistas a amenizar as desigualdades.

Nesse sentido a educação possui um relevante papel já que os indivíduos, através da educação, podem aprender competências, valores e atitudes que os permita interagir uns com os outros, intervindo e modificando a realidade que os cerca.

A relação entre desigualdades e educação tem ocupado um importante lugar no debate contemporâneo, seja ele teórico e/ou político. A educação e, portanto, a aquisição de conhecimentos, competências e habilidades assume um papel de destaque nas políticas, projetos e ações sociais também em diversas áreas como saúde, esporte, dentre outras.

Há uma valorização da educação na condução de programas e políticas sob o argumento de que com a sua democratização com qualidade e equidade seria possível enfrentar, quiçá acabar, com as desigualdades e exclusão social.

Contudo a educação e conhecimento adquirido também se tornam fatores de distinção social, pois os que conseguem apreender e utilizar este conhecimento teriam condições de ter êxito no mercado de trabalho e ascender socialmente. Os que, na impossibilidade de acessar e apreender tal conhecimento, permanecem à margem da sociedade, segregados e excluídos em relações sociais e de trabalho que refletem a diferenciação e distinção entre indivíduos e grupos.

Os inúmeros fatores de diferenciação e distinção entre indivíduos e grupos (entre eles o grau de escolaridade) podem se apresentar de forma concreta ou simbólica. A educação pode significar a marca que reduz ou que exalta as diferenças e desigualdades. Tudo depende da forma como é realizado o manejo das ações e políticas sociais pela sociedade como um todo, tendo o Estado e os blocos dominantes de poder, um papel decisivo na condução da relação entre conhecimento, educação e desigualdades.

Para Saviani (2012), a condição fundamental para que ocorra uma atuação estruturada e consciente no campo da educação é conhecer a sociedade na qual se desenvolve a prática educativa:

Dizer, então, que a educação é um ato político significa dizer que a educação não está divorciada das características da sociedade; ao contrário, ela é determinada pela

sociedade na qual está inserida. E, quando a sociedade é dividida em classes cujos interesses são antagônicos, a educação serve a interesses de uma ou de outra das classes fundamentais (2013, p.26).

Questões quanto à educação e seu uso extrapolam o debate acerca das políticas públicas de educação e os limites dos muros das escolas para permearem outros espaços de desenvolvimento, como as atividades extra-escolares. Esse é o caso do esporte educacional. O esporte educacional é ofertado não apenas nas escolas, mas também em projetos e equipamentos de cunho social, esportivo e educacional como as Vilas Olímpicas.

Desta forma, a educação se une ao esporte em uma perspectiva pedagógica de educação pelo movimento. No esporte educacional os alunos são estimulados a desenvolverem competências, valores e atitudes, que gradativamente os permitirá uma ação crítica e participativa na convivência em sociedade. Sociedade esta que pode ser transformada para melhor pela ação desses mesmos indivíduos.

As relações entre educação e esporte, tão debatidas e com um campo de produção acadêmica considerável, continuam presentes nas políticas públicas de esporte no Brasil. As formas como estas relações se dão nas políticas nacionais de esporte configuram-se como um fecundo campo de reflexões, debates e pesquisa.

Observando o panorama político, social e econômico do Brasil percebe-se uma redução do papel do Estado nas políticas sociais (a exemplo das políticas educacionais e de esporte), incentivando as parcerias público-privadas com ampla participação do terceiro setor, conforme Dupas (2003). Portanto o deslocamento das ações da sociedade civil e do Estado paulatinamente favoreceu a ação privada, estimulada por uma onda de isenções fiscais.

É nesse contexto, onde o papel do Estado se minimiza ao buscar garantir direitos sociais como educação e esporte, dando espaço à ação das empresas privadas, que podemos observar a presença e proliferação de equipamentos sócio-esportivo-educacionais¹, como as vilas olímpicas, que em alinhamento à política nacional de esporte propõem-se a democratizar a prática esportiva e atividade física, contemplando crianças, adolescentes, adultos, pessoas da terceira idade e pessoas com deficiência.

Mas quais são as políticas públicas de esporte no Brasil voltadas para o esporte, educação, lazer e inclusão social na perspectiva de atender a uma parcela da população constituída por crianças e jovens em situação de vulnerabilidade e exclusão social? Qual o papel do esporte educacional nestas políticas?

¹ Entendemos equipamentos sócio-esportivo-educacionais como espaços agregadores de políticas sociais através do esporte. Os principais exemplos são as Vilas Olímpicas.

Para refletir sobre as políticas públicas de esporte no Brasil, em especial sobre as políticas com ênfase no esporte educacional, torna-se fundamental identificar em que cenário político, econômico e social estas políticas foram elaboradas, implementadas e executadas. É fundamental que sejam estabelecidas as relações entre esporte e educação para o alcance das principais metas destas políticas, declaradas como de combate às desigualdades e inclusão social.

Dentre os principais objetivos das políticas de esporte que são proclamados institucionalmente destacam-se: diminuir as desigualdades, incluir as parcelas desfavorecidas econômica e socialmente, melhorar a qualidade de vida e o oferecer acesso ao esporte como direito de todos.

Será que estes objetivos são alcançados e as contribuições estão efetivamente presentes na vida dos sujeitos a quem se destinam tais políticas?

A opção pelo curso de Mestrado em Educação faz parte da minha inquietação pela busca por tais respostas. Tendo implementado a modalidade esportiva Ginástica Rítmica (GR) e ministrando aulas no Projeto Olímpico da Mangueira a partir do ano 2000, minha atuação profissional se dá em um equipamento esportivo, parte de um grande e expressivo programa social de uma das mais populares e internacionalmente reconhecidas escolas de samba: o Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira.

Enfrentar diferentes problemas da educação brasileira, em variados espaços e em inúmeros momentos de minha vida, como aluna de instituições públicas, no seio de uma família de professoras da educação pública, aluna/ginasta de GR por muitos anos e como educadora física, sempre serviu como impulso para, exercendo a cidadania, contribuir para a realização de mudanças através de minha prática profissional.

Estas contribuições, ainda que em micro-espços (fundamentalmente os resultantes de minha atuação na Vila Olímpica da Mangueira [V.O. Mangueira]) serviram de gatilho para um processo de reflexão em busca de caminhos para o aprofundamento e sistematização das questões apontadas anteriormente.

Foi possível acompanhar, não apenas o desenvolvimento técnico das meninas/ginastas, como também seu desenvolvimento social e vida escolar. O acompanhamento das alunas também se deu através dos relatos dos responsáveis e das histórias de vida relatadas muitas vezes pelas próprias meninas.

No cotidiano do trabalho com a GR na Mangueira, através da observação e vivência das práticas pedagógicas que permeiam esse universo, foi possível perceber algumas das contribuições na vida das alunas (BUARQUE, 2000).

Já no início de minha jornada profissional na Mangueira, chamou-me a atenção o fato de que desde sua inauguração em 1987, a V. O. Mangueira foi apoiada, financiada e patrocinada por diferentes parceiros, em sua maioria empresas privadas como, por exemplo, a Xerox do Brasil.

Ao longo destes 15 anos de trabalho no referido espaço, minha experiência profissional possibilitou a análise e intervenção em um cenário influenciado diretamente pelas políticas públicas de esporte. O contexto histórico, político e social da prática da GR na Mangueira modificou-se no decorrer deste tempo, as políticas públicas de esporte em vigência também sofreram alterações significativas. Atualmente, por exemplo, a V. O. Mangueira é um dos Centros de Referência Esportiva da Petrobras.

No intuito de aprofundar as reflexões iniciais sobre as contribuições por mim percebidas para as meninas da Mangueira, pela prática da GR enquanto esporte educacional, tornou-se indispensável refletir sobre as relações entre as políticas públicas de esporte no Brasil, o Projeto Olímpico da Mangueira e a percepção que, atualmente, as alunas e responsáveis têm acerca da prática dessa modalidade esportiva.

O recorte temporal deste estudo compreende os anos de 2000 a 2015, onde se observam ações efetivas para a legitimação institucional do campo esportivo, encontrando-se, por exemplo, como marco o fato de que o esporte recebe um ministério próprio, desvinculado de outros ministérios. Também é partir do ano 2000, que se inicia, na Mangueira, a oferta oficial da modalidade esportiva GR, que passa a integrar o quadro de esportes do Projeto Olímpico da Mangueira.

É também neste recorte temporal, durante o governo Lula, que se observa no Brasil, o crescimento de políticas esportivas sociais. Este contexto influenciou diretamente o crescimento do Projeto Olímpico.

O objetivo geral dessa pesquisa é identificar os possíveis reflexos das Políticas Públicas de Esporte no cotidiano das alunas da modalidade esportiva educacional GR do Projeto Olímpico da Mangueira. Os objetivos específicos são: (a) apresentar e contextualizar as políticas públicas de esporte no Brasil, com ênfase no esporte educacional, a partir da criação do Ministério do Esporte; (b) identificar relações entre as ações do Projeto Olímpico da Mangueira e a atual política nacional de esporte, apontando questões acerca de financiamentos, presença do terceiro setor e relações público-privadas; (c) analisar as possíveis contribuições da prática da GR na Mangueira para as ex-ginastas e ginastas no que diz respeito à inclusão social e socialização e desenvolvimento humano rumo a seu desenvolvimento integral.

Apesar da relação entre esporte e educação ter destaque nos debates contemporâneos, no Brasil há pouca circulação de produção, principalmente no que diz respeito às políticas públicas de esporte educacional fora do contexto escolar.

Este estudo pretende contribuir para a ampliação do espaço e para o debate acadêmico a respeito políticas públicas sociais que promovam o diálogo entre esporte e educação e para o aprimoramento das ações e políticas públicas de educação pelo movimento que promovam o desenvolvimento humano e integral de crianças e adolescentes através da prática esportiva.

Com relação aos caminhos metodológicos para a realização deste estudo houve uma preocupação em relação ao cuidado e rigor exigidos para a produção do conhecimento científico. Lembramos Bachelard (1996):

A opinião pensa mal; ela não pensa, traduz, necessidades em conhecimentos. Ao designar os objectos pela sua utilidade, coíbe-se de os conhecer. Nada se pode fundar a partir da opinião; é necessário, antes de mais, destruí-la. Ela constitui o primeiro obstáculo a ultrapassar. [...] O espírito científico proíbe-nos de ter uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular claramente. É preciso, antes de tudo saber formular problemas. [...] É precisamente o sentido do problema que dá a marca do verdadeiro espírito científico. Para um espírito científico, todo o conhecimento é uma resposta a uma questão. Se não houver uma questão, não pode haver conhecimento científico. Nada é natural. Nada é dado. Tudo é construído (p.166).

Para atingir os objetivos delineados e para melhor interpretar a realidade social na qual a pesquisa se insere e considerando a natureza do objeto de estudo, optamos pela pesquisa qualitativa.

Sobre pesquisa qualitativa, Minayo (2010) considera que:

A pesquisa qualitativa se ocupa nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ou não poderia ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (p.21).

A construção dos dados foi realizada a partir da técnica da triangulação (Minayo, 2010), com a utilização dos seguintes instrumentos:

- (a) pesquisa bibliográfica. Para a busca de dissertações e teses foram utilizados: o Banco de Teses e Dissertações da CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Para busca de artigos foram utilizadas: a ScientificElectronic Library Online –SciELO, revistas e periódicos nas áreas de Educação Física, Políticas Públicas e Educação. Foram consultados livros e artigos de autores da área de educação visitados através da ementa das disciplinas cursadas no PPGE/UFRJ e da busca de suas produções recentes via internet.
- (b) pesquisa documental. Levantamento e análise de documentos oficiais como:
- ✓ Leis, ementas, instrumentos normativos, programas e projetos do ME;
 - ✓ Revistas e publicações do Grêmio Recreativo Escola da Samba Estação Primeira de Mangueira arquivados no Centro Cultural Cartola;
 - ✓ Revistas e encartes do Projeto Olímpico da Mangueira;
 - ✓ Acervo pessoal (fotos, cartas e mensagens das ginastas que treinaram ou que ainda treinam na Mangueira);
- (c) pesquisa de campo com a aplicação de questionários e realização de entrevistas semi-estruturadas com ginastas, ex-ginastas, e seus responsáveis.

A pesquisa de campo com aplicação de questionários e entrevistas foi realizada na V. O. Mangueira, no período compreendido entre o segundo semestre de 2014 e o segundo semestre de 2015.

Considerando-se os limites de tempo e cronograma para a realização da pesquisa, a amostra foi composta por setenta ginastas, por quarenta responsáveis e por onze ex-ginastas.

A escolha de um percentual menor de responsáveis se justifica devido a alguns fatores dificultadores para obtenção de dados: a maioria dos responsáveis não leva as alunas às aulas de GR, pois as alunas vão sozinhas ou acompanhadas por outras pessoas; um mesmo responsável pode se responsabilizar por mais de uma aluna. Observa-se esta realidade no contexto social e de vida das comunidades e bairros que são abrangidos pelo Projeto Olímpico da Mangueira.

Foram aplicados questionários específicos para as sessenta ginastas que freqüentavam regularmente as aulas de GR e para quarenta responsáveis (ver apêndices). Não foram aplicados questionários às alunas na faixa etária de 5 a 7 anos.

Para complementação e aprofundamento dos dados dos questionários, foi realizada entrevista com as ginastas da equipe maiores de 8 anos. Também foram entrevistados dez responsáveis pelas ginastas da equipe e quatorze ex-ginastas que se dispuseram espontaneamente a participar da pesquisa respondendo a entrevista.

A entrevista normalmente é utilizada quando se deseja levantar sentimentos, emoções, percepções, motivações ou opiniões dos sujeitos envolvidos na pesquisa (Lüdorf, 2003).

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada (NETO, 1994).

A seleção das ginastas, ex-ginastas e responsáveis entrevistados se deu em função dos critérios: a) quanto às ginastas e responsáveis: tempo de permanência e frequência nas aulas de GR no Projeto Olímpico da Mangueira e a carga horária semanal de treinos (a equipe de GR possui uma carga horária maior de treinos, além de ter a possibilidade de vivenciar uma série de experiências fora do âmbito dos treinos). A equipe treina três vezes por semana quando não está em período de apresentações ou competições, pois nestes períodos a carga de treinamento aumenta. As alunas da escolinha treinam duas vezes por semana; b) quanto às ex-alunas: proximidade e contato com o projeto e disponibilidade para participar da pesquisa.

Os dados colhidos foram expostos e analisados a partir de três eixos de discussão que se configuram como os principais objetivos das políticas públicas de esporte no Brasil, de acordo com o Ministério do Esporte (ME). Os três eixos são: democratização à prática esportiva; inclusão social e socialização; e desenvolvimento humano rumo a um desenvolvimento integral. É inegável a relação entre esses eixos, todavia eles se encontram divididos para uma melhor exposição didática. Esta etapa de análise e interpretação dos dados foi realizada em diálogo com os dados empíricos e os referenciais teóricos iluminadores da realidade investigada.

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa optou-se pelo diálogo com diferentes autores para discussão e análise das temáticas inerentes ao estudo. As temáticas centrais são: políticas públicas de esporte, com ênfase no esporte educacional, Esporte Educacional e a prática da GR no Projeto Olímpico da Mangueira.

Quanto ao contexto político, econômico e social onde se inserem as políticas públicas de esporte, enquanto ferramenta de educação e inclusão social nos apoiamos nas contribuições de Leher (2002) e Arroyo (2010).

Quanto às reflexões sobre o terceiro setor e as Políticas Públicas de Esporte no Brasil dialogamos com Mezzadri e Silva (2014), Starepravo (2011) e Melo (2011). O aporte teórico utilizado nas discussões acerca da temática Esporte Educacional foi encontrado em Tubino (2010).

Para desvelar e analisar as contribuições da prática da GR enquanto esporte educacional praticado por meninas do Projeto Olímpico da Mangueira recorreremos ao diálogo com Bourdieu (2003, 2013), Diaz (2011) e Sivak (2010). Esses autores iluminaram as reflexões sobre quem são essas meninas e quais as relações de poder/dominação, hegemonia e subalternidade são existentes no contexto cotidiano que envolve as vivências através da prática da GR pelas ginastas da Mangueira.

Desta forma, o estudo foi organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo é apresentado o Programa Social da Mangueira, com o contexto de sua criação e os desdobramentos de sua ampliação. Abordamos desde a origem do Programa Social da Mangueira até a sua configuração atual, contemplando seu desenvolvimento e ampliação até que se verifiquem ações que vão do esporte e cultura à educação, capacitação, inclusão e saúde.

Posteriormente, no segundo capítulo, são apresentadas considerações relativas ao contexto político, econômico e social das políticas públicas de esporte a partir da criação do Ministério do Esporte. Abordamos as atuais Políticas Públicas de Esporte no Brasil e a presença do terceiro setor. Considerando a passagem cronológica, situamos e analisamos a influência deste contexto no desenvolvimento do Projeto Olímpico da Mangueira.

No terceiro capítulo discorremos sobre o histórico, ainda que breve, da GR na Mangueira e os desdobramentos de sua prática – enquanto esporte educacional. No quarto capítulo nos concentramos na análise específica da GR enquanto esporte educacional no Projeto Olímpico da Mangueira, analisando e discutindo os dados da pesquisa documental e de campo realizadas. Observou-se como estas políticas influenciam a vida das meninas da Mangueira e adjacências que praticam GR.

A análise qualitativa forneceu subsídios para reconhecer, identificar e avaliar os reflexos das políticas públicas de esporte – ainda que em um universo micro – no cotidiano das meninas que praticam GR no equipamento tido como referência de ação social, educacional e esportiva no Rio de Janeiro: o Projeto Olímpico da Mangueira.

CAPÍTULO 1 – Onde tudo começou: da Vila Olímpica da Mangueira ao Programa Social da Mangueira.

Mangueira o santuário da esperança
 O Olimpo é verde e rosa
 É o esporte na cultura da criança
 (Samba-enredo, Mangueira, 1997)

Mangueira. Vocábulo que ao ser ouvido ou lido, é muito frequentemente associado ao Grêmio Recreativo Escola de Samba (G.R.E.S.) Estação Primeira de Mangueira. Tradição (mesmo aquela “inventada”²)? Popularidade? Reconhecimento internacional? Um pouco de tudo isso. O G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, uma das primeiras escolas de samba a serem fundadas no Rio de Janeiro (abril de 1928), é consagradamente berço do samba e reduto de compositores, poetas, músicos e de uma nação da cultura popular brasileira: a nação Mangueirense.

Mas todo o encanto vindo dos desfiles de carnavais, dos belos sambas e composições musicais e da riqueza da cultura em verde-e-rosa, não seria suficiente para descrever a amplitude do que a Estação Primeira de Mangueira proporciona enquanto instituição promotora de ações sociais, culturais, esportivas e educacionais.

É importante situar o leitor quanto às proporções que hoje a Mangueira representa, não o deixando “contaminar” por um primeiro olhar, que a priori, poderia enxergar a Mangueira apenas enquanto sinônimo de samba.

Começemos por situar geograficamente o complexo da Mangueira, onde se encontra a sede do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira e a maioria dos projetos que compõe o Programa Social Mangueira.

O Complexo da Mangueira está situado no bairro de Mangueira, na VII Região Administrativa, São Cristóvão, e pertence à Unidade Espacial de Planejamento – UEP – 05.

De acordo com o Censo de 2010, uma população residente em favelas de 40.250 pessoas, correspondendo a 2,8% da população favelada total da cidade.

Localizado na zona central da cidade o Complexo da Mangueira é constituído pelo Morro da Mangueira (Chalé, Buraco Quente e Olaria), Morro dos Telégrafos (Vila esperança, Telégrafos e Três Tombos), Morro da Candelária (Pedra, Caboclo, Parque Candelária e Bartolomeu Gusmão) e uma área que está fora da AEIS – Área de Especial Interesse Social, que se chama Loteamento.

O Complexo da Mangueira faz limite com os bairros de São Cristóvão, Benfica, Maracanã, Vila Isabel e São Francisco Xavier.

O morro dos Telégrafos localiza-se na parte mais alta do Complexo da Mangueira e está limitado pela área de Tiro do Exército na linha de cumeeira do morro. Limita-se também com o Parque da Candelária pela Travessa São Pedro, num local denominado “Pedra”; e com a Mangueira por um muro de contenção (EMOP,

²Ver HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. São Paulo: Paz e Terra, 2002

Disponível em < <http://www.emop.rj.gov.br/trabalho-tecnico-social/projeto-comunidade-da-mangueira/> > Acesso em 19 dez. 2015.).

De acordo com o site empresa de obras públicas do Rio de Janeiro – EMOP (2015), o processo de ocupação no morro da Mangueira se deu a partir do século XIX quando foram construídos barracos nas terras do Visconde de Niterói. Atualmente é a terceira favela mais antiga da cidade do Rio de Janeiro.

Falar do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira exige observar a grandiosidade conquistada e reconhecida internacionalmente não apenas pela cultura popular brasileira do samba, dos carnavais, mas pelo modelo de ações e projetos sociais construídos para sua e outras comunidades, fruto do seu processo histórico.

A Mangueira não é apenas uma das mais tradicionais e populares Escolas de Samba, mas também a Escola que possui um dos maiores e mais completos programas sociais do mundo (Revista da Mangueira, 2015). Pioneira no samba e nas ações sociais para sua comunidade e bairros populares adjacentes, inaugurou um modelo de programa social reconhecido e recomendado pelo poder público e sociedade civil.

1.1 Do esporte e cultura à educação, capacitação, inclusão e saúde - o Programa Social da Mangueira.

O Programa Social da Mangueira recebeu dois prêmios internacionais da BBC de Londres e da UNESCO, sendo recomendado como um modelo de projeto social para os países da América Latina e para o Terceiro Mundo.

Esse Programa foi criado em 1987, como uma tentativa de promover o combate à pobreza, à desigualdade social e exclusão, através do esporte. Inicialmente foi criado como um programa esportivo. Ampliou-se consideravelmente desenvolvendo ações também em outras áreas como cultura, saúde, educação e ensino profissionalizante.

A trajetória do Programa Social da Mangueira é permeada por conflitos e contextos desde sua criação. Gonçalves (2003) pontua parte destes conflitos e contextos descrevendo a realidade dos jovens pobres e das camadas populares no Rio de Janeiro:

Nos anos 1980, intensificou-se a violência nas comunidades e favelas, advinda da expansão do tráfico de drogas. Bombardeados por todas as alterações da dinâmica da vida social da cidade os jovens pobres são considerados “vulneráveis”. (p.44).

Durante esta pesquisa outras tensões e conflitos serão apontados para que seja possível compreender como e por que ações sociais desenvolvidas pela Mangueira foram expandidas e aprimoradas ao longo dos anos.

A fala de Gonçalves (2003) pode nos direcionar a pensar na importância que ações sociais podem ter neste contexto, pois a oferta de oportunidades para os jovens ajudaria a garantir direitos sociais constitucionais não materializados nesta realidade, por problemas históricos relacionados às políticas públicas sociais.

Programas sociais como o da Mangueira surgem da necessidade de intervenção em determinada realidade social onde as desigualdades e exclusões existem; propõem-se a promover o resgate da cidadania de pessoas pobres, em situação de risco social e “à margem” da sociedade.

A demanda por garantias e direitos mínimos fica cada vez mais exposta na sociedade e o G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira não esteve à parte da situação dos jovens pobres de sua comunidade. Jovens estes que se encontravam em situação de vulnerabilidade social. Com relação a esta realidade social e possíveis reações a ela, Gonçalves (2003) expõe o seguinte quadro:

Como reação surgiram, a partir do final dos anos de 1980, formas alternativas de participação, entidades que tentam responder à situação de exclusão e violência imposta às populações pobres. São organizações não governamentais, religiosas e de entretenimento, que, sem fazerem parte do governo, desenvolvem atividades de interesse público, atuando nas favelas e nos bairros populares. A presença dessas entidades mudou o cenário político da cidade. Na busca de integração social e da inclusão dos setores desfavorecidos, elas desenvolvem programas e projetos apoiados por diferentes parceiros – empresas, organismos internacionais e o poder público (p.44)

O Programa Social da Mangueira teve início através de um projeto de educação pelo esporte que hoje se expandiu, possuindo inúmeros braços operacionais. O trabalho social na Mangueira se personifica em indivíduos que lutaram para que a comunidade tivesse acesso aos direitos que deveriam ser garantidos pela Constituição.

Foi ano de 1987 que Carlos Alberto Dória (então presidente do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira), Tia Alice de Jesus e Chiquinho de Carvalho (morador de Vila Isabel e mangueirense), idealizaram e deram início a um projeto de educação pelo esporte para crianças e adolescentes da Comunidade da Mangueira. A Mangueira já demonstrava a preocupação em ocupar de forma saudável o tempo de suas crianças e adolescentes através de atividades esportivas.

Estes três personagens tinham relação direta com a escola de samba e a comunidade, atentando-se para as demandas sociais que advinham da Mangueira. Juntos, encontraram no

esporte a possibilidade de amenizar os problemas sociais relacionados à violência e à falta de oportunidades aos quais os moradores da Mangueira estavam submetidos, tal como acontecia em inúmeras outras comunidades. Assim, Tia Alice, juntamente com Chiquinho e Agrinaldo Santana deram início ao que hoje é o Projeto Olímpico da Mangueira.

Francisco de Carvalho, atual presidente do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira e Vice - Presidente de Esporte e Desenvolvimento Social, pelos contínuos trabalhos prestados à comunidade da Mangueira, veio a se tornar o “Chiquinho da Mangueira”. O também precursordo Projeto Olímpico conquistou três mandatos públicos consecutivos de Deputado Estadual.

A Revista Mangueira³, já em sua edição de 1988, apresenta matéria informando que o Departamento de Esporte do G.R.E.S. Estação Primeira da Mangueira já mantinha em execução quatro projetos dos quais três eram responsáveis por oferecer a prática esportiva e de manifestações da cultura corporal como a capoeira. As atividades eram realizadas em uma área própria do Morro.

De acordo com o trecho publicado na Revista Mangueira de 1989:

A Estação Primeira da Mangueira está incentivando a prática esportiva na comunidade com o principal objetivo de socializar as cerca de 15 mil crianças que moram no morro, através do maior convívio com outros atletas e a ocupação do seu tempo ocioso. A verde e rosa é a primeira escola a realizar uma atividade que não seja apenas o samba (p.15).

O primeiro esporte a ser implantado no projeto esportivo foi o futebol. Posteriormente o atletismo, o vôlei e o handebol. De acordo com dados da Revista Mangueira (1988) o atletismo era praticado por mais de 120 crianças, o vôlei, o futebol e o handebol, contavam com mais de 300 crianças. Também era oferecida a prática da capoeira, que incluía mais de 200 crianças.

No ano de 1988 a iniciativa do Departamento de Esportes da Mangueira contava com o apoio da Associação de Moradores, dos seus Presidentes e da empresa XEROX do Brasil.

Desenvolvendo um trabalho inédito no Brasil em comunidades carentes, a Mangueira em breve terá a sua Vila Olímpica, numa área de 11.000m², na Rua Santos Melo, e frente ao Palácio do Samba. A iniciativa conta com o apoio do Governador Moreira Franco e do Dr. Marcos Vilaça, além dos Drs. Aldio Leite, Nelson Moreira Franco, Arnaud Ferreira e Gerson Samartino. A construção da Vila Olímpica dará ao Departamento de Esportes do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira a possibilidade de atender 3.000 jovens da comunidade, nas instalações do seu complexo esportivo: Ginásio, Campo de

³As diversas edições da Revista Mangueira foram consultadas através de pesquisa de campo no Centro Cultural Cartola, explicar o que é, onde foi possível encontrar diferentes fontes primárias (publicações do G.R.E.S. Estação Primeira da Mangueira) que nos ajudaram a relatar a história de como através do esporte, entra em cena o Programa Social da Mangueira.

Futebol, Pista de Atletismo, Salas de Aula e Arquibancada (REVISTA DA MANGUEIRA, 1988, p. 16).



Figura 1 – Primeira planta da Vila Olímpica Mangueira

Pouco tempo depois, em um terreno de 11 mil metros quadrados em frente à Mangueira e doado pela Rede Ferroviária Federal foi inaugurada a V. O. Mangueira, contando com diferentes apoios e financiamentos.

Foi no cenário marcado pela falta de políticas públicas sociais que realmente atendessem a população (especialmente as camadas mais pobres e vulneráveis), salvaguardando direitos constitucionais como educação, saúde, segurança pública, entre outros, que a V. O. Mangueira foi inaugurada.

Gonçalves (2003), assim apresenta este cenário:

Nesta urdidura, onde se entrelaçam efeitos da redução do poder do Estado, em virtude das restrições impostas por acordos internacionais, e do desmonte das políticas de bem-estar, a Vila Olímpica da Mangueira surge como um projeto local que reivindica a ampliação de oportunidades para a criança e o jovem das classes populares da localidade (p.45).

No ano de 1989 as construções e ações se seguiram com auxílio de outros financiamentos, como do governo estadual e recursos federais, ampliando e aprimorando os espaços de atuação da então V. O. Mangueira. Paulatinamente, os serviços oferecidos à comunidade e aos alunos foram se expandindo, ano a ano, gestão a gestão (Presidência do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, Departamento de Esportes, etc).

Podemos considerar que o esporte, com a criação da Vila Olímpica, foi a força propulsora para o planejamento e execução dos demais serviços (em diferentes áreas de atuação) oferecidos de forma complementar ao esporte, para os alunos e população do entorno.

Nas palavras do atual Presidente do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira:

Nascido inicialmente como um programa esportivo, com a criação da Vila Olímpica da Mangueira, o Programa Social seguiu seu objetivo de através do desenvolvimento de atividades esportivas organizadas e da melhora da qualidade de vida da terceira idade; educando e formando cidadãos com autonomia (CARVALHO, Revista Mangueira, 2013, p. 03).

Além da oferta de atividades físicas e esportivas, foram incorporados ao que hoje constitui o Programa Social da Mangueira atendimentos na área de saúde (nutrição, fisioterapia e clínica médica), serviço social, educação (reforço escolar e oferta de matrícula no Centro Integrado de Educação Pública [CIEP] Nação Mangueirense e Escola Tia Neuma), inclusão (Projeto Vidro e Casa Lar), capacitação para o mercado de trabalho (Círculo de Amigos do Menino Patrulheiro [CAMP] Mangueira e Instituto Profissionalizante [IP] Mangueira) e cultura (Dançando para não dançar e Mangueira do Amanhã).

O Programa Social da Mangueira, como uma nova forma de gestão de políticas sociais, realizado através de redes que envolvem um grande número de empresas privadas e governos federal, estadual e municipal na promoção de projetos de saúde, educação, cultura, esporte, lazer e formação profissional. (COSTA, 2002, p.154)

Atualmente o Programa é um equipamento de grande porte, agregador de políticas públicas sociais de cunho esportivo, educacional, cultural, de lazer, de saúde, de capacitação para o mercado de trabalho e de inclusão. As diferentes áreas contam com diferentes fomentos e parcerias públicas e privadas. Descreveremos brevemente os projetos que compõe o Programa Social da Mangueira.

Quanto às atividades físicas e esportivas a V. O. Mangueira conta com uma variada oferta de modalidades esportivas e atividades que contemplam as três manifestações sociais do esporte: o esporte educacional⁴ (todas as modalidades esportivas tem turmas de esporte educacional para crianças e adolescentes), o esporte participação (voltado para adultos e terceira idade) e o esporte de rendimento (formação de atletas e descoberta de talentos).

O público alvo atendido é bastante abrangente compreendendo bebês, crianças, adolescentes, adultos, pessoas da terceira idade e pessoas com deficiência.

⁴ Este assunto será tema do capítulo três.

Dentre os esportes oferecidos podemos citar: atletismo, basquete, futebol, futsal, ginástica rítmica, natação, boxe e levantamento de peso. Também são oferecidas turmas de alongamento, ginástica localizada, hidroginástica, dança sênior e dança de salão.

Os alunos, atletas e comunidade também têm acesso aos serviços especializados de clínica médica, fonoaudiologia, nutrição, fisioterapia, psicologia, reforço escolar e serviço social.

No que se refere à educação, no Programa Social da Mangueira as crianças e jovens tem acesso a educação do ensino fundamental ao ensino médio. *“A educação sempre foi um dos pilares na construção da cidadania do Programa Social da Mangueira”* (Chiquinho da Mangueira, Revista da Mangueira, 2013).

A Vila Olímpica da Mangueira, em parceria com o Santa Mônica Centro Educacional, fundou, em 2001, a Escola Tia Neuma, que prepara e ensina gratuitamente mais de 750 alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. A parceria oferece ainda aos alunos uma piscina semiolímpica, duas quadras de esportes, sala de dança e biblioteca.

Essa conquista só foi possível graças ao apoio do professor Albano Parente, diretor do Santa Mônica Centro Educacional, instituição responsável pela organização, programação pedagógica e funcionamento da escola. Todos os projetos realizados nas outras unidades da rede são desenvolvidos na Escola Tia Neuma (INSTITUTO MANGUEIRA DO FUTURO, disponível em <http://www.mangueiradofuturo.com.br/educacao/escola-tia-neuma/>, acesso em 13 nov, 2015).

Inaugurado em abril de 1994, em parceria com o Governo do Estado, o CIEP Nação Mangueirense Governador Leonel de Souza Brizola atende a alunos do ensino fundamental 2 e ensino médio, que recebem alimentação e material didático gratuitamente. A escola também conta com uma biblioteca, salas de informática e uma piscina semiolímpica.

Apontado como modelo entre as escolas do gênero tanto pela excelência conquistada no ensino fundamental e médio, quanto pelas atividades culturais e esportivas desenvolvidas. O CIEP Nação Mangueirense funciona em três turnos, com um total de 1102 alunos divididos em 17 turmas pela manhã, 8 turmas a tarde e 7 turmas a noite. (REVISTA DA MANGUEIRA, 2013, p.40).

A experiência de oferecer formação gratuita e de qualidade da educação, do ensino fundamental ao ensino médio, na escola Tia Neuma e no CIEP Nação Mangueirense, incentivou a criação de oportunidades para que jovens pudessem completar os estudos com o ingresso gratuito na universidade. O Programa Social da Mangueira oferece bolsa de ensino integral para os alunos que mais se destacaram no último ano letivo.

Em relação à capacitação para o mercado de trabalho, o Círculo dos Amigos do Menino Patrulheiro – CAMP Mangueira⁵ é uma entidade sem fins econômicos criada em

⁵ Para maiores informações ver: <http://campmangueira.org.br/>

1988, com o objetivo de contribuir para a formação sócio-educativa de adolescentes e jovens, capacitando-os para o mercado de trabalho.

Há mais de 20 anos, a instituição desenvolve um projeto social junto à comunidade da Mangueira e adjacências de forma a incentivar o desenvolvimento de competências e habilidades que possibilitem o seu acesso ao exigente mundo corporativo.

O CAMP oferece um treinamento profissional para jovens de 17 a 21 anos, antes de seu ingresso no ambiente corporativo. Realizado na sede da Instituição, o Curso de Capacitação ao Mercado de Trabalho garante aos jovens uma posição de destaque desde o primeiro momento que chegam à empresa.

Os aprendizes do CAMP contam ainda com o Programa de Acompanhamento Social e Psicológico, realizado tanto na instituição como nas empresas onde desenvolvem sua experiência profissional. O projeto já capacitou oito mil e quinhentos jovens e adolescentes desde sua criação. Possui a Certificação ISO 9001:2008, é reconhecido como de Utilidade Pública Municipal e registrado no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente – CMDCA e no Conselho Municipal de Assistência Social – CMAS (INSTITUTO MANGUEIRA DO FUTURO, disponível em: < <http://www.mangueiradofuturo.com.br/capacitacao/camp-mangueira/>>, acesso em 13 nov 2015).

O IP Mangueira

(...) foi inaugurado no dia 15 de Maio de 2000 e desde então tem como principal objetivo promover o desenvolvimento de uma prática sócio-educativa, visando na construção da identidade, no resgate da cidadania e na inserção, como profissionais capacitados, no mercado de trabalho formal ou informal, oferecendo formação básica para atuarem em diferentes setores na área de beleza, manutenção predial e construção civil.

O IPM investe na formação integral do jovem, a partir de oficinas práticas e aulas teóricas que abordam conhecimentos, habilidades, valores e atitudes necessárias para o seu ingresso e permanência no mercado de trabalho. Atendendo jovens entre 17 e 24 anos, através dos Programas: Capacitação para Empregabilidade e Espaço Beleza. Todos os anos são oferecidas 276 vagas, preenchidas em 50% por jovens da comunidade da Mangueira e 50% de outras regiões. Os cursos têm duração de seis meses, com aproximadamente 440 horas/aula. Além do curso, eles recebem cesta básica, bolsa auxílio, uniformes, seguro escolar e lanche. Podem participar os alunos que estejam cursando a partir do sexto ano do ensino fundamental.

No decorrer desses treze anos, foram formados mais de três mil alunos, preparados para atuarem no mercado de trabalho formal e informal, dos quais, 85% foram encaminhados para o mercado de trabalho, em empresas como: Todeschini, Dellano, Itálínea, Toque a Campainha e Criare. Na área de beleza, a maioria dos nossos ex-alunos estão nas grandes redes de salões do Rio de Janeiro como: Werner Coiffeur e Walter.

Este Programa ganhou o selo ISO 9001 de excelência em qualidade (INSTITUTO MANGUEIRA DO FUTURO, disponível em <http://www.mangueiradofuturo.com.br/capacitacao/ipm/>, acesso em 13 nov 2015).

A Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), além do IP Mangueira e o CAMP, oferece cursos técnicos voltados para a empregabilidade e inserção de jovens no mercado de trabalho (Revista Mangueira, 2015, p. 39).

O Projeto Vidro é Cidadania Garantida e Meio Ambiente Preservado existe há mais de treze anos e conta com a parceria com a Owens Illinois do Brasil Indústria e Comércio LTDA.

O Projeto Vidro tem por objetivo “conscientizar a população sobre a importância da reciclagem de vidro para o planeta”. A fábrica da O-I (Owens Illinois do Brasil Indústria e Comércio LTDA), no Rio de Janeiro, buscando responsabilidade social e sustentabilidade, incentiva no Estado a troca de embalagens de vidro pós-consumo por cestas básicas. Por meio desse projeto, mais de 150 toneladas de vidro/mês são destinados responsabilmente à reciclagem na planta da O-I Rio de Janeiro, deixando de seguir para aterros sanitários.

Ao mesmo tempo que reduz o consumo de matérias – primas virgens, beneficia a população com cestas básicas de ótima qualidade. Cerca de 18 mil pessoas são beneficiadas cestas básicas/ano. Qualquer pessoa pode participar do Projeto. Basta juntar embalagens de vidro (garrafas ou potes) inteiras ou quebradas e entregar à Rua Santos Melo, 73 – Vila Olímpica da Mangueira, de segunda a sexta-feira das 8 às 17h (INSTITUTO MANGUEIRA DO FUTURO, disponível em <http://www.mangueiradofuturo.com.br/inclusao/vidro-e-cidadania/>, acesso em 14 nov 2015).

Correspondem a uma cesta básica: 90 Kg de caco de embalagens de vidro transparente, 100 Kg de caco de embalagens de vidro âmbar/marrom, 110 Kg de caco de embalagens de vidro verde ou 120 Kg de caco de embalagens de vidro misto (transparente marrom e verde misturados).

O projeto Casa-Lar Mangueira abriga meninos com deficiência e sem referência familiar. A Casa Lar disponibiliza aos moradores orientação psicológica, médica, fonoaudiológica, atividades sociais, assistência social e alimentação balanceada. O espaço onde esta localizada a Casa Lar foi utilizado como ateliê de fantasia da Mangueira durante anos. Após ser desativado, o espaço do ateliê, passou por reformas que o transformaram na residência que hoje abriga os residentes com conforto, acessibilidade e segurança.

O Programa também conta com o atendimento médico. O posto de saúde Tia Alice faz parte do Programa de Saúde da Família, da Prefeitura do Rio de Janeiro. O Programa de Saúde da Família pretende que as práticas de saúde sejam humanizadas e conquistem a satisfação do usuário pela proximidade entre os profissionais e a comunidade.

(...) o programa visa estimular o reconhecimento da saúde como um direito à cidadania e, portanto, expressão e qualidade de vida. Com o Centro Municipal de Saúde Tia Alice, os benefícios são ampliados para os atendidos através da possibilidade da ligação direta para outras unidades da rede municipal de saúde (INSTITUTO MANGUEIRA DO FUTURO, disponível em <http://www.mangueiradofuturo.com.br/saude/cms-tia-alice/>), acesso em 14 nov 2015).

No Centro Municipal de Saúde Tia Alice são encontrados os seguintes serviços: consultas individuais, planejamento familiar, exames laboratoriais, curativos, vacinas, pré-natal, visita domiciliar, saúde bucal e vigilância em saúde.

A Clínica da Família Dona Zica é umas das Clínicas da Família espalhadas por todo o Estado do Rio de Janeiro. A referida clínica possui três equipes de saúde da família e uma equipe de saúde bucal, que contam com os seguintes profissionais: 3 médicos de família, 3 enfermeiros, 3 técnicos de enfermagem, 3 agentes de vigilância em saúde, 1 dentista, 1 auxiliar em saúde bucal, 1 técnico em saúde bucal e 18 agentes comunitários de saúde.

A escola de samba mirim Mangueira do Amanhã é mais um dos projetos que compõem o Programa Social da Mangueira. Fundada pela cantora Alcione, que hoje é presidente de honra do grupo. A escola de samba mirim, reúne crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos. Para participar, assim como nos demais projetos do Programa Social da Mangueira, é obrigatório que as crianças e adolescentes estejam matriculados na escola.

A Mangueira do Amanhã conta com um expressivo número de componentes e chegou a ter mais de três mil crianças e adolescentes desfilando no mesmo ano. Pode ser considerada um celeiro natural de talentos, revelando artistas que hoje compõem o elenco da escola principal.

As alunas da Ginástica Rítmica do Projeto Olímpico compõem uma ala coreografada na Mangueira do Amanhã desde 2003, onde cerca de 40 meninas desfilam na passarela do samba carioca fazendo ginástica e sambando.

O projeto “Dançando para não dançar” foi criado em 1995 e conta com o apoio da Lei de Incentivo à Cultura e patrocínio da Petrobras. Atende a crianças de treze comunidades da cidade do Rio de Janeiro (Mangueira, Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, Rocinha, Chapéu-Mangueira, Babilônia, Macacos, Tuíuti, Jacarezinho, Salgueiro, Dona Marta, Oswaldo Cruz e Borel).

Através do Programa Social da Mangueira, cento e trinta e nove crianças da comunidade verde e rosa participam do projeto. As crianças matriculadas e que frequentam o projeto têm acesso a aulas de inglês, alemão e reforço escolar. Ainda são oferecidos assistência médica, odontológica, acompanhamento psicológico, fonoaudiológico e assistência social.

Apadrinhado pela bailarina Ana Botafogo e pelo cineasta Walter Salles, o Projeto Dançando para não Dançar forma bailarinas clássicas de comunidades de baixa renda, possibilitando que tenham uma melhor perspectiva de vida futura. Mais de uma centena de crianças foram integradas à escola de Dança Maria Olenewa, do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Dez desses alunos foram encaminhados para especialização em companhias e escolas de dança no Brasil e no exterior (INSTITUTO MANGUEIRA DO FUTURO, disponível em <<http://www.mangueiradofuturo.com.br/cultura/dancando-pra-nao-dancar/>> acesso em 14 nov 2015).

Em 2015 a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro inaugurou um Núcleo de Primeiro Atendimento na Mangueira. A comunidade e adjacências têm à disposição serviços como obtenção de ofícios para emissão gratuita de documento de identidade e certidão de nascimento, além de assistência jurídica para ingressar com ações na Justiça Estadual, nas áreas de família, de consumidor, cível, entre outras.

1.2 O Projeto Olímpico da Mangueira

Como mencionado anteriormente, o Projeto Olímpico foi o embrião para o que hoje se tornou o Programa Social da Mangueira. Com 25 anos de existência, o Projeto Olímpico da Mangueira mantém seu objetivo central que é através do esporte e atividades físicas, colaborar para o desenvolvimento integral dos indivíduos, promovendo a inclusão social e minimizando as desigualdades.

O Projeto Olímpico que teve início como um projeto esportivo realizado embaixo do viaduto da Mangueira, hoje viaduto D. Neuma e D. Zica, conta com uma estrutura física que inclui uma área de 35 mil metros quadrados, uma pista de atletismo (com 200 metros), um campo de futebol society, dois ginásios poliesportivos, duas piscinas (sendo uma semi olímpica) sala de ballet, além de estruturas específicas equipadas para atendimento de fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, nutrição, medicina e serviço social.

Ao longo do tempo o Projeto Olímpico da Mangueira se expandiu e teve o apoio e financiamento de instituições públicas e privadas. Para fins de divulgação na mídia e identidade visual, o Projeto Olímpico recebeu diferentes nomenclaturas, de acordo com contrato firmado com o patrocinador da ocasião. Assim podemos encontrar variadas terminologias como Vila Olímpica da Mangueira, Projeto Olímpico Mangueira, Centro Petrobras de Referência Esportiva Projeto Olímpico da Mangueira, Centro de Referência Esportiva Vila Olímpica da Mangueira, entre outros, mas todas dizem respeito ao Projeto Olímpico da Mangueira.

O G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira delegou oficialmente a gestão do Projeto Olímpico ao Instituto Mangueira do Futuro, organização sem fins lucrativos que atualmente é responsável por administrar o Projeto.

No rol das empresas privadas, podemos destacar como pioneira e de grande importância, a parceria com Xerox do Brasil. A Xerox foi a primeira grande investidora do Projeto Olímpico, desde seu início em 1987.

No período entre a saída da Xerox e entrada da Petrobras, que foi a empresa patrocinadora que assumiu o Projeto Olímpico da Mangueira, o projeto se manteve funcionando com meios próprios, ou seja, não dispunha de financiamento por parte de instituição ou empresa específica.

Em 2011, a Petrobras inicia sua parceria com Projeto Olímpico da Mangueira, pois já apoiava outros projetos culturais do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira. O encarte “Mangueira e Petrobras: um show de cidadania” foi lançado para divulgação da nova parceria e assim a anuncia:

A novidade chega com a ampliação do apoio da Petrobras, que já se fazia presente nos projetos culturais e agora se estende ao Projeto Olímpico. A grande diferença é que passa a existir foco maior na questão da educação, mais do que nunca atrelada aos programas esportivos e culturais tanto do Centro Cultural Mangueira Petrobras, no Palácio do Samba, quanto da Vila Olímpica. Com o patrocínio da Petrobras, rendimento escolar, participação e integração familiar – e não apenas a presença dos jovens na escola – passam a ser peças-chave no processo de inclusão proporcionado pelo Projeto Olímpico (ENCARTE MANGUEIRA E PETROBRAS: um show de cidadania, 2010, p. 04).

O Projeto Olímpico possui diferentes frentes de atuação para as diversas demandas da população que atende, oferecendo atividades físicas orientadas e encaminhando seus usuários (dentro do próprio Programa Social da Mangueira), quando necessário ou solicitado, a serviços auxiliares de saúde, nutrição, assistência social e jurídica. O Projeto não se restringe a atender somente os moradores da Mangueira. Com crescimento do Projeto, é possível que se atenda a uma demanda que extrapola os limites da Comunidade da Mangueira e suas áreas circunvizinhas.

As inscrições para as todas as atividades permanecem abertas durante todo o ano e quando não há mais vagas para as turmas procuradas, é feita uma lista de espera.

Existe uma variada gama de esportes de participação e demais atividades voltadas para a qualidade de vida de pessoas adultas e da terceira idade e a demanda existente para estas atividades é atendida. Dentre as atividades oferecidas podemos destacar: natação, hidroginástica, ginástica, dança sênior, dança / ritmos e alongamento.

Quanto à oferta de esporte educacional para crianças e adolescentes em idade escolar, cada esporte oferecido pelo Projeto tem, necessariamente, uma ou mais turmas voltadas para a iniciação esportiva e desporto educacional. Assim, existem turmas de esporte educacional nas modalidades esportivas: Ginástica Rítmica, Natação, Basquete, Futebol, Futsal, Boxe, Levantamento de Peso e Handebol.

Já no que se refere ao esporte de rendimento, apenas alguns esportes possuem investimentos e planejamento voltados para o trabalho de competição. Podemos citar os casos do basquete feminino, atletismo, boxe, levantamento de peso e futsal.

De acordo Revista da Mangueira (2013), o Projeto Olímpico atende 4271 beneficiados. Além de destacar o cumprimento das funções social e cultural do esporte em todas as modalidades oferecidas pelo Centro de Referência anuncia algumas das principais conquistas obtidas pelos esportes de rendimento, reforçando a posição de celeiro na revelação de atletas.

Pôde-se perceber neste capítulo que um dos principais objetivos do Projeto Olímpico foi expandir e ampliar o número de atendimentos a crianças e adolescentes oportunizando o acesso a serviços e à educação pelo e para o esporte. Para tal, foi preciso dialogar com as políticas de esporte e também abrir espaço para os financiamentos e patrocínios de empresas privadas. Esta discussão será encaminhada no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 – Políticas Públicas de Esporte no Brasil: analisando o Projeto Olímpico da Mangueira / Centro Petrobras de Referência Esportiva.

Neste capítulo vamos apresentar considerações relativas ao contexto político, econômico e social das políticas públicas de esporte a partir da criação do Ministério do Esporte. Abordamos as atuais Políticas Públicas de Esporte no Brasil e a presença do terceiro setor. Considerando a passagem cronológica, situamos e analisamos a influência deste contexto no desenvolvimento do Projeto Olímpico da Mangueira.

2.1 Políticas Públicas para o Esporte a partir da criação do Ministério do Esporte.

O surgimento do Ministério do Esporte e a consequente sistematização de políticas públicas esportivas, bem como a eleição do Brasil para sediar a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e as Olimpíadas em 2016, atraíram a atenção de inúmeros atores sociais de diversas instituições e setores, impulsionando uma série de debates acadêmicos e da sociedade civil organizada. Para Mezzadri, Silva&Figuerôa (2015):

O interesse em estudar políticas públicas direcionadas ao esporte é algo relativamente novo no Brasil, iniciando-se na década de 1980, justamente o período em que se inicia no país uma abertura democrática (STAREPRAVO, 2011). (...) essa tendência aumentou consideravelmente após o surgimento do Ministério do Esporte, da Rede Cedes, a eleição do Brasil para sediar a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e as Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016. Tais fatos atraíram olhares de vários setores do campo acadêmico e da sociedade civil organizada (p.50).

O desenvolvimento do esporte no mundo – e não diferentemente no Brasil – está atrelado ao contexto histórico, político, econômico das sociedades nas quais se insere.

A história do esporte no Brasil foi abordada por diferentes autores e, sobretudo comentada por alguns como LINHALES (1996); MELO (2011); MELO (2014) - mesmo que através de um recorte temporal específico - criticamente à luz de acontecimentos históricos e políticos que situavam o esporte diante de uma sociedade moderna capitalista em processo de desenvolvimento. De acordo com Melo (2014), “A trajetória do fenômeno esportivo brasileiro dialogou com o que ocorreu no cenário internacional ” (p. 198).

Nesta seção tecemos considerações quanto ao esporte no Brasil mais especificamente a partir da criação do Ministério do Esporte (2003), por compreendermos este momento como um marco da exponencialização do esporte no Brasil, com decorrente aumento dos debates, formulação, implementação, avaliação e fomento de políticas públicas de esporte. Este recorte contempla o período no qual se estabelece esta pesquisa.

Para melhor compreender o panorama onde ocorre a criação do Ministério do Esporte, foi necessário retroceder um pouco em nossa linha cronológica até a década de 1990. Brevemente serão analisados momentos políticos e históricos do desenvolvimento do Brasil, observando qual era o tratamento dado ao esporte nestes períodos. Buscaremos um paralelo entre a conjuntura nacional e seus reflexos na história institucional do esporte no Brasil.

Mais especificamente a partir do primeiro governo Lula a conjuntura nacional à luz de influências internacionais expõe um quadro onde as políticas de esporte no Brasil, apesar de se balizarem em um discurso de esporte enquanto direito social, acabam por se efetivarem como políticas setoriais de Governo (e não de Estado) influenciadas diretamente por uma lógica neoliberalista de caráter mercadológico.

Starepravo (2011) conclui sobre as ações do Ministério do Esporte nos governos Lula quando afirma que:

(...) completou-se um ciclo político de oito anos de existência do Ministério do Esporte, e nesse período foram várias as ações desse órgão que motivaram o olhar dos pesquisadores, seja através da criação de uma Rede que apóia diretamente esse lócus de pesquisa, pela implementação de políticas públicas ditas inovadoras, pela possibilidade dada de participação dos diferentes grupos sociais na formulação dessas políticas, ou ainda por ter “abraçado a causa” da realização de megaeventos esportivos no país. (p.174)

Autores, como os citados anteriormente, desenvolveram análises sobre o desenvolvimento do esporte em diferentes períodos históricos e políticos da sociedade brasileira. Contamos, assim, com análises sobre os caminhos do esporte em momentos emblemáticos do desenvolvimento do Brasil como a Era Vargas, a Ditadura Militar e a Redemocratização do Estado. Não iremos aqui, aprofundar nesses momentos anteriores, pois privilegiamos os acontecimentos próximos ao surgimento do Ministério do Esporte.

Parece evidente que a forma como o esporte vem se desenvolvendo no Brasil, de acordo com uma perspectiva histórica, mas também crítica, está atrelada ao modo como a sociedade brasileira se organizou política, econômica e socialmente ao longo dos anos. A partir dos anos 1990 e, especialmente, dos anos 2000, no Brasil, observam-se diversas medidas políticas e econômicas que favorecem o tratamento do esporte como uma prioridade fundamental na sociedade. É válido ressaltar que nos referimos às ações e práticas efetivas/institucionalizadas que, finalmente, eclodem no cenário social brasileiro.

O esporte se desvincula de outras áreas para iniciar discursos e práticas com relativa autonomia.

A despeito do importante papel que vem desempenhando a prática esportiva, é somente a partir dos anos 1990 que se tem gestado no Brasil, um campo de investigação histórica ao seu redor, inicialmente no âmbito da Educação Física, área que desde os anos 1980 passa por um processo de reformulação, posteriormente na

própria história, disciplina na qual também houve um movimento de renovação e ampliação de interesses (MELO, 2014, p.198).

Ao longo do tempo percebe-se uma esportivização cada vez maior nas sociedades brasileiras, especialmente na transição do século XX para o XXI. Melo (2014) ainda aponta que a presença do esporte na sociedade brasileira se exponenciou nas últimas décadas.

Este fenômeno não é casual e decorre de um complexo processo no qual o esporte (assim como outras áreas, por exemplo, a educação) se relaciona e sofre influência das relações entre Estado, Organismos Internacionais e sistema capitalista.

Bueno (2008), em seus estudos sobre as políticas de esporte no Brasil apresenta-nos as contribuições de diferentes sociólogos do esporte para a interpretação do fenômeno esportivo. O autor destaca em Brohm (1982, 1993) a relação esporte - capitalismo, fundamentada em uma sociologia crítica do esporte de tradição Marxista:

Ele [BROHM] faz exaustivo trabalho para mostrar que o desenvolvimento do esporte é contemporâneo ao desenvolvimento capitalista e que isto não é por acaso, mas pelo fato de que o esporte reproduz, no plano ideológico, as categorias fundamentais do modo de produção capitalista, tornando-se assim mais uma instância justificadora deste modo de produção. Tem, portanto, o esporte como instrumento da dominação pelo capital (BUENO, 2008, p.60)

Vaugrand apud BUENO (2008) referindo-se às análises de Brohm, indica três postulados segundo os quais: pela sociologia dialética marxista, o esporte é puro reflexo das sociedades capitalista; pela sociologia da alienação, os esportistas são instrumentalizados como máquinas a serviço do capitalismo; e, pela sociologia da mistificação, o esporte é o ópio do povo.

O esporte, analisado por Brohm, conforme aponta Bueno, traz consigo marcas e características do esporte moderno (discutido anteriormente). No Brasil, percebemos estas características, inerentes ao esporte moderno, até o Governo FHC, onde apesar de já existirem ações e programas direcionados ao lazer e iniciação esportiva, podemos dizer que as políticas públicas de esporte priorizavam o esporte de alto rendimento.

No Governo Lula é dada atenção especial ao esporte quanto à sua priorização enquanto direito social, apesar do esporte e lazer serem oficialmente reconhecidos como direitos sociais desde a Constituição de 1988. Sobre isto, Correia (2012), segue ponderando:

Contudo, não basta o reconhecimento normativo de um direito para que o acesso universal a ele se efetive. São necessárias políticas públicas capazes de tornarem reais as condições estabelecidas pelas leis. Entretanto, diversas são as disputas travadas no interior dos processos de formulação e execução das políticas, em meio às quais a visão do esporte e do lazer como direitos muitas vezes tem sido derrotada por acepções que os assumem como meios para os mais diversos fins (p. 67).

Longe de abandonar as questões relativas ao esporte de rendimento e seus usos políticos - ideológicos, o governo Lula aparelha ainda mais sua estratégia de governabilidade dando ao esporte um fundamental papel social: o de direito social e constitucional a ser efetivamente garantido a todos os cidadãos brasileiros.

Vejamos então uma breve análise da conjuntura brasileira a partir dos anos 1990, observando como esta conjuntura se refletiu no campo dos esportes Brasil.

A conjuntura social de uma determinada população é, indiscutivelmente, resultado das políticas econômicas praticadas pelo seu governo. Uma boa qualidade de vida, a justiça social, a democratização das oportunidades e a inserção no mundo do trabalho – requisitos básicos para o convívio em sociedade – refletem a adoção de programas oficiais que promovam essa condição. Ao contrário, entretanto, uma sociedade será injusta socialmente e excludente quando o conjunto de políticas sociais favorecerem a estratificação das possibilidades dos indivíduos. (ALMEIDA, 2013, p.21)

O uso político e ideológico do esporte no Brasil foi discutido e analisado por Paulo Almeida em sua tese de doutorado. Para o autor o esporte passou a ser protagonista nos processos sociais, pois tornou-se sedutor para a classe trabalhadora a partir de ações do Estado e das classes dirigentes, através do que o autor chama de ações “domesticadoras”.

Com pouco mais de 500 anos, nosso país viveu, ao longo desse tempo, uma história impregnada de turbulências políticas e sociais que justificaria as necessárias iniciativas governamentais para estabelecer o diálogo com a sociedade e acalmar a classe trabalhadora e as práticas esportivas e recreativas foram protagonistas nestes processos (ALMEIDA, 2013, p.68).

Observando-se a historiografia do esporte no Brasil pode-se apontar claros momentos do uso do esporte como estratégia política e social, servindo aos interesses das classes dirigentes e atuando como um “anestésico social”.

Apesar de nossas ponderações iniciais quanto ao campo do esporte no Brasil se darem brevemente a partir da Era Vargas, vale ressaltar que a história institucional do esporte no Brasil teve início em 1937, quando, por intermédio da Lei nº 378 de 13/03/37, foi criada a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura.

Destacaremos, então, períodos emblemáticos que expressam a utilização do esporte como pano de fundo político-ideológico: a Era Vargas (e seu populismo) deu ao esporte um caráter social através das “*grandes concentrações populares em estádios esportivos para onde a população era atraída pelas grandes competições esportivas*” (ALMEIDA, 2013, p.68) e da oferta de lazer e recreação à classe trabalhadora e suas famílias.

Outro importante período a ser destacado é o da ditadura militar brasileira. Se por um lado este momento tornou-se o auge da repressão e da violação dos direitos humanos e sociais, por outro, o esporte paradoxalmente ganhou espaço e investimento em todo o

território nacional. O governo militar estrategicamente buscou desviar o foco das tensões vivenciadas neste período, mediando conflitos através da utilização das práticas esportivas. Um dos maiores exemplos⁶ neste período foi à comoção causada durante a Copa do Mundo de Futebol de 1970 – início dos chamados “Anos de Chumbo”. O nacionalismo e o patriotismo foram estimulados em associação ao esporte. Para Almeida (2013), este foi o momento *“quando o exacerbado ufanismo nacional foi capitalizado pelo governo militar e contribuiu consideravelmente para um processo de alheamento a que foi submetido o povo brasileiro”* (p.69).

A institucionalização do esporte neste período, assim se apresentava: em 1970, a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura foi transformada em Departamento de Educação Física e Desportos, ainda veiculada ao Ministério da Educação e Cultura, e teve como diretores dois militares que apresentavam a patente de Coronel. Em 1978, este departamento foi transformado em Secretaria de Educação Física e Desporto, ainda ligado ao Ministério da Educação, e assim permaneceu até 1989.

Após o período da ditadura militar, outro período possuiu grande relevância para a discussão acerca dos usos do esporte.

No Brasil, nos anos de 1990, consolida-se a hegemonia neoliberal, com reformas implantadas a partir dos governos Collor de Melo, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso (FHC). Ao fim do governo FHC, o modelo econômico predominante no mundo, se legitimava no Brasil.

Para Melo (2011) os anos 1980 e 1990 são anos de tentativa de estabilização política e econômica desse novo modelo de desenvolvimento capitalista.

Algumas medidas, como a paulatina e contínua remoção dos mecanismos de controle sobre os fluxos externos de capitais, abertura comercial, privatização de empresas estatais e de serviços públicos essenciais com o objetivo de facilitar a flexibilização e a terceirização das relações de trabalho, tornaram-se marcos de uma nova fase Brasil a partir dos anos 1990. Passarinho (2010) considera que o processo que então se estabelece, consolida uma nova etapa da história econômica, social e política do Brasil. Ainda segundo o autor:

A adoção da agenda liberalizante ganha hegemonia e sepulta de vez o passado desenvolvimentista do país, ao construir um novo consenso em torno da pauta de reformas ditada pelo interesse do capital financeiro, cristalizando uma unidade programática entre os seus diversos setores – bancos, multinacionais e grandes corporações nacionais (PASSARINHO, 2010, p.14).

⁶ Entre outras ações do período ditatorial brasileiro poder-se-ia citar o Projeto Esporte para Todos do Departamento de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura; Projeto Rondon e interdição dos espaços urbanos durante os finais de semana para o lazer e prática esportiva (Ruas de Lazer).

Em 1990, o governo Collor de Melo extingue a Secretaria ligada ao Ministério da Educação e cria a Secretaria de Desportos da Presidência da República, cujos secretários foram os ex-atletas Arthur Antunes Coimbra - Zico (março/91 a abril/91) e Bernard Rajzman (abril/91 a outubro/92). Neste governo o esporte assume um importante papel e ganha uma relativa autonomia separando o esporte em uma Secretaria própria. “Interessadamente” nomeia para a Secretaria ídolos do esporte brasileiro, apostando na imagem desses atletas (cujo prestígio nacional era grande) como apelo à popularidade.

A escolha de atletas de rendimento para a nomeação também denotava a preocupação em investir no segmento do esporte de rendimento. Quando Collor deixa a presidência o esporte volta a ser vinculado ao Ministério da Educação, na Secretaria de Desportos.

Em seu primeiro mandato FHC cria o Ministério de Estado Extraordinário do Esporte, nomeando o ex-jogador de futebol Edson Arantes do Nascimento - Pelé (1995 a 1998), cabendo à Secretaria de Desportos do Ministério da Educação prestar o apoio técnico e administrativo. No mesmo ano, esta secretaria é transformada no INDESP - Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, desvinculado do MEC e subordinado ao Ministério Extraordinário do Esporte.

Em seu segundo mandato, em 1998, FHC cria o Ministério do Esporte e Turismo, pela Medida Provisória nº 1.794-8. O INDESP passa a ser vinculado a este órgão. Em 2000, o INDESP é extinto e substituído pela Secretaria Nacional de Esporte. Esta Secretaria chegou a ter como secretário o atleta Lars Schmidt Graef que cumpriu mandato nos anos de 2001 e 2002.

O panorama histórico-político-social a partir da década de 1990 aponta que, ao longo e apesar das modificações no modelo político econômico adotado pelo Estado, as desigualdades se exponenciam de forma agravante, gerando excluídos em diferentes aspectos (econômico, social, cultural, educacional).

O que nos parece instigante e paradoxal é que chegamos ao final do século – cujo balanço nos traz as mais candentes e brutais contradições e violências do capital em escala global (Hobsbawn, 1995/2000, Jameson, 1996 e Mészáros, 1996) – mostrando que as análises de Marx e Engels sobre a natureza violenta e excludente do capital não tiveram evidências tão candentes como no final do século XX, e o que sobressai é um domínio quase absoluto do pensamento e teorias conservadoras que tentam nos convencer de que o capitalismo é eterno. Trata-se de teorias e de um corpo ideológico que opera num duplo sentido: mascarando a especificidade e a profundidade da crise do capital e sua violência na destruição de direitos, a mutilação da vida da grande maioria dos 6 bilhões de seres humanos que habitam o planeta (Forrester, 1997) e a própria ameaça das bases da vida; e afirmando os horizontes ético-políticos utilitaristas que sustentam o ideário do mercado autoregulado como parâmetro das relações sociais e impõe a ditadura do razão única – a razão do capital. (FRIGOTTO, 2014, p. 35).

Neste contexto de exclusão e desigualdades – marcas de uma sociedade moderna, ocidental, capitalista e neoliberal – o esporte se apresenta não como um direito social legítimo e adquirido por todos, mas assumindo um papel de mediação dos conflitos sociais e ofertado sob o argumento de se constituir um importante instrumento para a diminuição das desigualdades e alívio à pobreza.

A conjuntura brasileira apresentava-se em um quadro onde as crises financeiras que transpassaram diferentes países considerados periféricos, como o Brasil, por exemplo, contribuíram para que o modelo econômico implantado desde o governo Collor e aprofundado no governo FHC fosse fragilizado. Somado a essas crises houve ainda modificações no mundo do trabalho que causaram, além de grandes impactos, reestruturações e conseqüências negativas no que tange ao emprego e renda dos trabalhadores. Estes fatos contribuíram significativamente para uma derrota política e eleitoral do Neoliberalismo e das correntes que o representavam, como evidencia Passarinho (2010).

Conforme Dupas (2003), o discurso hegemônico neoliberal mostrou-se causador de mais concentração de renda, exclusão social e redução do emprego. Portanto, produzindo novas formas de desigualdade e reproduzindo outras.

Leher (2002) nos apresenta um quadro quanto à proposição neoliberal em comparação à proposta liberal, evidenciando ainda mais a “violência” devastadora do neoliberalismo. Devastadora de direitos sociais, de igualdade e equidade. Expondo a mínima atuação do Estado quanto a seu papel de garantir direitos sociais a população e curvando-se cada vez mais aos interesses do capital.

A proposição neoliberal é ainda mais restritiva do que a proposta liberal que advoga a “universalização da cidadania”. Como se sabe a cidadania confere a todos liberdade e igualdade formais. Todos somos iguais diante do Estado. No neoliberalismo, a igualdade é exercida no mercado (o Estado não deve interferir), conforme as *habilidades e competências* de cada um. Em ambas perspectivas cidadania liberal e neoliberal, não há lugar para as classes sociais. (LEHER, 2002, p.161).

Neste contexto, a manifestação do esporte priorizada pelos governos que adotaram o modelo liberal e neoliberal, foi o esporte de rendimento.

Em 2002, acontece uma aparente virada política, caracterizada pela eleição do Partido dos Trabalhadores (internacionalmente reconhecido como esquerda e retaguarda de resistências) na figura de Luís Inácio Lula da Silva, eleito democraticamente para a Presidência do Brasil.

É importante frisar que esta chegada ao poder aconteceu também graças às coligações e acordos pactuados com outros partidos de centro e até mesmo de direita, o que apontava para

um enfraquecimento dos ideais políticos sustentados pela esquerda colocando em suspenso as expectativas de mudanças nas políticas, no modelo econômico e na hegemonia do capital financeiro. Para Almeida (2013), o governo Lula *“representava um projeto de poder, em detrimento de um projeto de sociedade”* (p.105).

O Governo Lula assumiu o país numa conjuntura internacional de mundialização do capital, da consolidação da ideologia neoliberal e do colapso do chamado socialismo real. A nação perderia sua soberania econômica e a mercantilização dos direitos sociais se afirmaria nos processos de Parceiras Públicas Privadas (MELO, 2011, p.14).

A conciliação entre dois extremos do capitalismo, como mostra Almeida (2013), começa a se manifestar - descortinando parte dos conflitos que marcariam todo o Governo - quando no documento *“Carta ao Povo Brasileiro”* (2002) Lula se compromete a cumprir a agenda do Governo anterior, garantindo respeito aos contratos e obrigações do país com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial.

“Se, eleitoralmente, a esperança havia vencido o medo, na política real, a prudência – ou a metamorfose política dos vitoriosos – venceu as esperanças de uma decidida, firme e clara superação do legado neoliberal” (PASSARINHO, 2010, p.15).

Na tentativa de garantir o apoio do povo, mas sem deixar de atender aos direcionamentos do capital, o governo Lula foi marcado por paradoxos, contradições e mediações. Ao mesmo tempo em que caminhou de mãos dadas com os empresários, apresentava propostas, ações e políticas sociais em benefício dos pobres e da classe trabalhadora. Paradoxos, contradições e mediações estes que garantiram também um longo período de Governo.

Indiscutivelmente, o governo Lula assume governar orientado por uma mistura inspirada pelo ideário de desenvolvimento e autonomia da Nação, vinculada aos interesses dos organismos financeiros internacionais e sob orientação de uma ditadura do capital, mas também contraditoriamente inspirada por um forte apelo popular (vista a figura de um líder de origem operária e de esquerda) e que propaga melhorias sociais, a garantia de longa e aceitável governabilidade parece ser algo justificável: *“(...) os dois mandatos de Lula, [foram] autorizados por eleições democráticas, sancionados pelas classes do país e legitimados por altos índices de popularidade”* (ALMEIDA, 2013, p. 105).

Neste contexto paradoxal, o esporte tem um papel de grande destaque. O Ministério do Esporte, criado em 2003 pelo governo Lula, deu pela primeira vez ao esporte no Brasil a autonomia significativa de possuir um ministério próprio, desvinculando o esporte de qualquer outra área como a educação, cultura, turismo – a exemplo dos governos anteriores.

No governo Lula, as políticas públicas de esporte foram voltadas para todas as manifestações do esporte: o esporte de rendimento, o esporte de participação e o esporte educacional. Diferentemente dos governos anteriores, pela primeira vez, o esporte foi ofertado sob o discurso de se caracterizar enquanto um direito social de cada indivíduo. Para tanto, a fim de garantir este direito a todos os cidadãos brasileiros, eram necessárias políticas sociais de acesso à prática esportiva gratuita e de qualidade. Lula, então, assume o esporte como uma diretriz de grande relevância em suas políticas sociais.

Se nos governos anteriores, o foco dado ao esporte contemplava o esporte de rendimento, no governo Lula existiram políticas de esporte que contemplariam a cada uma das manifestações do esporte. Não discutindo qual manifestação do esporte foi mais ou menos priorizada, o fato é que foram elaboradas e postas em prática políticas de esporte para agradar a todos. Leia-se todos como os pobres, a classe trabalhadora, os empresários, o capital. Em virtude do investimento social, característica do governo Lula, o esporte educacional encontra brechas para se estabelecer.

Como característica deste governo na área do esporte, podemos observar uma mescla de grandes investimentos do setor privado e de organizações sociais injetando dinheiro no esporte e também investimento de dinheiro público em programas e ações esportivas.

A Lei de Incentivo ao Esporte, criada no Governo Lula e sancionada em dezembro de 2006 (Lei nº 11.438/06, regulamentada pelo Decreto nº 6.180/07) faz parte de uma política nacional de fomento ao desporto e ao paradesporto brasileiro. Ela estimula pessoas e empresas a patrocinar e fazer doações para projetos esportivos e paradesportivos, em troca de incentivos fiscais. O Ministério do Esporte é órgão responsável pelo fomento das questões do desporto em consonância às estratégias do Governo Federal e de acordo com o mesmo esta Lei:

(...) permite que empresas e pessoas físicas invistam parte do que pagariam de Imposto de Renda em projetos esportivos aprovados pelo Ministério do Esporte. As empresas podem investir até 1% desse valor e as pessoas físicas, até 6% do imposto devido (BRASIL, Ministério do Esporte, 2015)

Temos na Lei de Incentivo ao Esporte um claro e aprofundado exemplo da relação público-privado na gestão de esportes no Brasil, já manifestado anteriormente no governo FHC pela sanção de duas leis em 1998: a Lei Pelé, que permitia o repasse direto de recursos de loterias para entidades como Comitê Olímpico Brasileiro e Comitê Paraolímpico Brasileiro, com a finalidade de desenvolver o esporte de rendimento nacional, e a Lei do Voluntariado.

Os principais programas destinados ao esporte em vigência ao longo do governo Lula no esporte de alto rendimento são: Brasil campeão, esporte e lazer da cidade; na inclusão social pelo esporte e vivência e iniciação esportiva educacional: Programa Segundo Tempo.

O Plano Plurianual (PPA), de acordo com o Ministério do Planejamento:

(...) é um instrumento previsto no art. 165 da Constituição Federal destinado a organizar e viabilizar a ação pública, com vistas a cumprir os fundamentos e os objetivos da República. Por meio dele, é declarado o conjunto das políticas públicas do governo para um período de quatro anos e os caminhos trilhados para viabilizar as metas previstas, construindo um Brasil melhor. O PPA orienta o Estado e a sociedade no sentido de viabilizar os objetivos da República. O Plano apresenta a visão de futuro para o País, macrodesafios e valores que guiam o comportamento para o conjunto da Administração Pública Federal. Por meio dele o governo declara e organiza sua atuação, a fim de elaborar e executar políticas públicas necessárias. O Plano permite também, que a sociedade tenha um maior controle sobre as ações concluídas pelo governo (Disponível em <www.planejamento.gov.br/assuntos/planejamento-e-investimentos/plano-plurianual> acesso em 18 nov. 2015).

De acordo com Relatório de Avaliação do PPA 2008-2011, disponível no sítio do ME, os principais resultados no que se refere às ações e programas do ME, assim foram expressos:

Democratizar e Universalizar o acesso ao esporte e lazer, em todas as suas dimensões e Promover o desenvolvimento humano e a inclusão social por meio do esporte e lazer - por meio do Programa Segundo Tempo (PST), com atendimento prioritário às áreas de vulnerabilidade social, foi possível beneficiar, em 2011, cerca de um milhão de alunos da educação básica, matriculados em 4.947 escolas públicas de 789 municípios do país, com a oferta de práticas esportivas educacionais no contra turno escolar. A priorização da seleção de entidades públicas como parceiras para desenvolvimento do Programa foi continuada com a decisão de celebrar parcerias somente com governos estaduais, prefeituras e universidades públicas. Foram criados o PST Universitário e o PST para portadores de deficiência, resultando em parceria com 33 universidades federais.

No âmbito do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), buscou-se o desenvolvimento de ações em parceria com os governos estaduais, municipais, Instituições de Ensino Superior e organizações da sociedade civil, para garantir o acesso aos direitos sociais, através do funcionamento de Núcleos do PELC. Foram celebrados 09 convênios tendo como objeto a implantação dos referidos núcleos, para proporcionar a prática de atividades físicas, culturais e de lazer, envolvendo todas as faixas etárias e as pessoas portadoras de deficiência, estimulando a convivência social, a formação de gestores e lideranças comunitárias, fomentando a pesquisa e a socialização do conhecimento, e contribuindo para que o esporte e o lazer sejam tratados como políticas públicas e direito de todos.

Fortalecer o esporte de alto rendimento, elevando o nível esportivo do país - O Programa Brasil no Esporte de Alto Rendimento Brasil Campeão, em 2011 atuou na preparação de atletas da formação de base à excelência esportiva, deu ênfase à atletas e equipes com vistas à qualificação da participação brasileira nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 e à inserção do Brasil entre as 10 (dez) maiores potências olímpicas mundiais e entre as 5 (cinco) paralímpicas. Foram realizados convênios com 26 Confederações Olímpicas entre as 28 existentes e 16 Entidades Paralímpicas entre as 20 existentes, significando apoio direto à preparação de cerca de 80% dos atletas e equipes brasileiras para os Jogos Rio 2016. Destaca-se ainda o Programa Bolsa-Atleta que possibilitou a concessão de 3.598 bolsas, distribuídas entre 74 modalidades e inseridas nas categorias Estudantil, Nacional, Internacional e Olímpica/Paraolímpica. Em 2011, o Bolsa-Atleta passou a incluir atletas que tenham

outras fontes de recursos, como patrocínios. Foram criadas as categorias de Bolsa Atleta de Base, para atletas iniciantes, e Bolsa Atleta Pódio, que irá beneficiar os principais atletas brasileiros que estejam entre os 20 melhores do mundo na sua modalidade.

Das medalhas conquistadas pelo Brasil nos Jogos Panamericanos de 2011, em Guadalajara, 38% foram trazidas por bolsistas do Programa. Participaram 198 bolsistas, do total de 519 atletas brasileiros. Os beneficiados pelo programa participaram da conquista de 54 medalhas das 141 conquistadas pelo Brasil, sendo 11 de ouro, 15 de prata e 28 de bronze. Nos Jogos Parapan-americanos, a delegação nacional conquistou o primeiro lugar no quadro geral, com 197 medalhas: 81 de ouro, 61 de prata e 55 de bronze. Os atletas que recebem o auxílio financeiro do programa Bolsa-Atleta foram responsáveis por 79% dos pódios brasileiros. A delegação brasileira contou com a participação de 222 atletas, dos quais 162 recebem o benefício do programa.

Houve importante contribuição do ME, também, na realização dos Jogos Mundiais Militares no Rio de Janeiro, nos quais o Brasil ocupou a primeira posição entre 111 países participantes. Para tanto foram investidos recursos na infraestrutura e organização dos Jogos assim como na preparação dos atletas da equipe brasileira, principalmente com a criação do programa atleta militar que possibilitou o engajamento dos principais atletas brasileiros nas Forças Armadas. Esse conjunto de ações proporcionou ao ME atender 151 espaços esportivos, além de 393 espaços esportivos referentes às emendas individuais. Destaca-se o Projeto Praça da Juventude que implanta áreas de convivência comunitária, onde são realizadas atividades culturais, de inclusão digital e de lazer para todas as faixas etárias, privilegiando comunidades situadas em espaços urbanos (Disponível em <www.planejamento.gov.br/assuntos/planejamento-e-investimentos/publicacoes/2008-2011/relatorios> acesso em 18 nov. 2015).

Ao analisarmos os resultados do Relatório de Avaliação do PPA 2008-2011 é possível que se identifique um esforço no sentido de comprovar melhorias e ganhos para as todas as manifestações do esporte. O espaço conquistado pelo esporte paulatinamente se expandiu, buscando contemplar aos muitos e diferentes interessados em sua oferta totalitária a população brasileira. A intenção de se apresentar resultados no Relatório, mais do que uma satisfação à sociedade, representou uma estratégia de governabilidade e de divulgação positiva das ações do governo para garantir boa popularidade.

Pode-se avançar nesta discussão a partir da seguinte crítica: a realidade social não pode ser interpretada apenas por resultados numéricos. Ou seja, ainda que os números do referido relatório fossem mais expressivos e considerassem a totalidade de cidadãos nas cinco regiões do Brasil, poderíamos acrescentar questões quanto à avaliação da qualidade e equidade da oferta do esporte. Não se pode ter uma visão ingênua quando se trata de interpretação de estatísticas oficiais, pois é possível que haja distorção da realidade em dados numéricos, o que fragiliza a credibilidade das políticas públicas de esporte.

Após oito anos de mandato, quando Luis Inácio Lula da Silva deixa a presidência do Brasil, é eleita para a Presidência do Brasil, Dilma Rouseff, também do Partido dos Trabalhadores.

Sob o discurso de benfeitorias sociais e estímulo à democratização da prática esportiva, mas também para contemplar aos empresários e fortalecer ainda mais a relação público-privado, o Governo Lula plantou boas sementes para no governo de continuidade ao seu (governo Dilma), as políticas de esporte serem ampliadas, aperfeiçoando o modelo de gestão do esporte iniciado no governo Lula.

O atual Ministério do Esporte (M.E.), de acordo com seu sítio oficial agrega a seguinte responsabilidade e ações:

(...) construir uma Política Nacional de Esporte. Além de desenvolver o esporte de alto rendimento, o Ministério trabalha ações de inclusão social por meio do esporte, garantindo à população brasileira o acesso gratuito à prática esportiva, qualidade de vida e desenvolvimento humano (BRASIL, Ministério do Esporte, 2015).

O M.E. é composto por quatro secretarias a saber: Secretaria Executiva, Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (Snelis), Secretaria de esporte de alto rendimento e Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor. Cada uma tem atribuições e responsabilidades diferenciadas e neste sentido, destacamos ainda do sítio oficial, o que cabe a cada uma delas:

A Secretaria Executiva auxilia o Ministro do Esporte na supervisão e coordenação das atividades das secretarias nacionais integradas à estrutura do ministério, e na definição das diretrizes e políticas no âmbito da Política Nacional do Esporte. Além disso, supervisiona e coordena as atividades relacionadas aos sistemas federais de planejamento e orçamento, organização e modernização administrativa, recursos humanos e de serviços gerais.

A Secretaria Executiva é responsável pelo gerenciamento de recursos para construção, modernização de quadras, ginásios, espaços esportivos e aquisição de equipamentos para instituições de ensino e comunidades.

A Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (Snelis) é responsável pela implantação de diretrizes relativas aos programas esportivos educacionais, de lazer e de inclusão social. A Snelis faz ainda proposições sobre assuntos da sua área para compor a política e o Plano Nacional de Esporte.

A Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento (Snear) é responsável pela implantação de decisões relativas aos programas de desenvolvimento do esporte de alto rendimento. A Snear faz ainda proposições sobre assuntos da sua área para compor o Plano Nacional de Esporte.

A Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor é responsável por várias ações que irão contribuir para o melhoramento do futebol como um todo no Brasil, entre elas o incentivo a uma cultura de respeito aos direitos do torcedor (BRASIL, Ministério de Esporte, 2015).

Quanto à focalização em políticas de esporte que contemplem o esporte de rendimento, percebe-se um claro alavancamento quando o Brasil conquista ineditamente sediar, Mega eventos esportivos, primeiro os Jogos Pan americanos de 2007 e depois a Copa de Mundo de Futebol de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Se anteriormente existia um predomínio do alto rendimento, este agora não seria desprivilegiado. Reconhecimento internacional, injeção de capital financeiro, investimento no capital humano, legados sociais,

econômicos e estruturais foram alardeados pelo governo que tinha recursos midiáticos ao seu dispor e a seu favor.

Dentre os programas e projetos relacionados ao esporte de rendimento apresentados e executados pelo no atual governo Dilma destacamos: Centro de Iniciação ao Esporte - CIE; Plano Brasil Medalhas; Rede Nacional de Treinamento; Bolsa Atleta; Calendário Esportivo Nacional; Jogos Escolares Brasileiros; Jogos Militares; Rio 2016.

Quanto à focalização em políticas de esporte que contemplem o esporte de participação e lazer, também em consequência da realização dos Mega eventos no Brasil, uma onda de modificações transformava, pouco a pouco, espaços como praças, parques e vias públicas em espaços para prática esportiva e de lazer. Os programas e projetos relacionados ao esporte de participação e ao educacional no atual governo Dilma são os seguintes: Segundo Tempo; Esporte da Escola; Recreio nas Férias; Esporte e Lazer da Cidade; Competições e Eventos de Esporte e Lazer; Jogos Indígenas; Rede Cedex; Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social; Pintando a Cidadania e Pintando a Liberdade.

Com relação às políticas públicas que contemplem o esporte educacional, uma série de políticas que associavam o esporte à educação formal e não formal foram elaboradas e implementadas, inclusive tendo como palco escolas públicas e voltadas a alunos de diferentes níveis de ensino. Nota-se sob diferentes pretextos, o discurso de investimento na inclusão social através do esporte, também pela iniciação esportiva e detecção de talentos. As políticas para o esporte educacional permeiam escolas e outros locais de educação não formais, incluindo Vilas Olímpicas e projetos sócio-esportivos de pequenos, médio e grande porte.

É evidente a nível de Brasil, dada a grande extensão do território nacional e as acentuadas diferenças na distribuição de recursos entre as regiões que essas modificações se deram basicamente e prioritariamente no sudeste do Brasil.

O PPA 2012-2015 foi apresentado pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão em 2013. O documento apresenta na sua introdução trechos explicitados abaixo e que julgamos pertinentes às nossas reflexões:

Importantes mudanças foram introduzidas na estrutura do Plano Plurianual PPA 2012-2015 visando, entre outros pontos, a incorporar ao Plano os objetivos de governo tais como declarados, em uma linguagem capaz de comunicá-los tanto ao próprio governo como à sociedade civil. Como resultado, o PPA 2012-2015 revela, com mais clareza, os compromissos de governo para públicos específicos: negros, quilombolas, povos e comunidades tradicionais, povos indígenas, mulheres, jovens, crianças e adolescentes, pessoas idosas, pessoas com deficiência, população LGBT e população em situação de rua. Isso ocorreu, inclusive, em programas não voltados exclusivamente a esses públicos, pela indução realizada para a explicitação de compromissos relativos a públicos específicos em programas temáticos da educação, da saúde, da assistência social, da agricultura familiar, entre outros. A partir da maior riqueza das informações contidas no PPA 2012-2015, foram constituídas as

Agendas Transversais - documentos que reúnem o conjunto dos compromissos de governo relativos a temas de natureza transversal e multissetorial. São formas alternativas de organização das informações contidas no Plano, que permitem apreender a ação planejada para assuntos que estão dispersos nos programas temáticos, fazendo uso da maior capacidade do PPA 2012-2015 de revelar os compromissos de governo para os públicos específicos. São, desse modo, uma referência, uma outra perspectiva, para o seu monitoramento. Nesse sentido, este Relatório de Avaliação das Agendas Transversais consolida os principais resultados para os programas, objetivos e metas que compõem as Agendas e foi elaborado a partir do Relatório Anual de Avaliação do PPA 2012-2015, exercício 2012, encaminhado ao Congresso Nacional em maio de 2013, sendo assim parte dos esforços de monitoramento e avaliação do PPA vigente. (...) O PPA 2012-2015 reforça esse compromisso com o desenvolvimento inclusivo reafirmando a importância do Estado e da democracia, seja na indicação em conjunto com a sociedade do futuro desejado, seja no provimento de meios, seja na coordenação com o setor privado para o alcance da visão de futuro perseguida. Além desta introdução, o presente documento conta com uma seção sobre a estratégia nacional de desenvolvimento e outra sobre essa mesma estratégia e sua relação com as Agendas Transversais (Disponível em <www.planejamento.gov.br/assuntos/planejamento-e-investimentos/publicacoes/2012-2015/relatorios> acesso em 18 nov. 2015).

Fica claro que o plano aponta possíveis estratégias e objetivos que se consolidariam como avanços no que diz respeito ao esporte como um direito social. Contudo, não se pode fazer uma leitura ingênua deste texto, já que é redigido pelo próprio governo. Neste sentido, observamos pontos que podem ser discutidos: no sentido do compromisso do governo com públicos específicos (negros, população de rua, etc) podemos pensar em até que ponto isso se torna um avanço, já que pode acabar por promover guetos e mais segregação ainda, na medida em que age separadamente, de formas diferenciadas, de acordo com cada público, sem oferecer ações que realmente dêem conta de públicos diversificados.

Outra questão relevante que pode suscitar reflexões e diálogo é: a importância do Estado na democracia, já que o documento aponta que "seja na indicação em conjunto com a sociedade do futuro desejado, seja no provimento de meios, seja na coordenação com o setor privado para o alcance da visão de futuro perseguido". Isso é questionável, pois há que se pensar a participação democrática da sociedade nas ações, a relação com o capital privado e a atuação do terceiro setor junto à dinâmica de controle social.

Desta forma, podemos dizer que há uma preocupação por parte do Estado junto ao campo esportivo, mas que essa preocupação não está desconectada de interesses outros, que vão além da popularização do campo.

2.2 Reflexões sobre o terceiro setor e as Políticas Públicas de Esporte no Brasil: o caso do Projeto Olímpico da Mangueira.

Antes de iniciar o debate sobre as relações que existem entre o terceiro setor e as políticas de esporte no Brasil, é importante apresentar algumas breves reflexões sobre o terceiro setor.

No Brasil a expressão terceiro setor começou a ser utilizada há poucos anos, mas assim como em outros países, se manifesta de forma crescente. O terceiro setor coexiste com outros dois: o primeiro setor, correspondente as ações do Estado com fins públicos e o segundo setor ocupado por empresas privadas com fins lucrativos. O terceiro setor pode ser visto como um setor social, atuando conjuntamente com o Estado e com o setor privado.

Contudo, mesmo entre os pesquisadores e estudiosos do tema, não há um consenso quanto à sua definição.

De acordo com Montanõ (2002) apud Correia (2012), o terceiro setor

(...) acaba por representar a tentativa de privatização de serviços sociais e parte de fundos públicos. Isso se dá por meio da criação de leis e incentivos para organizações sociais, para filantropia empresarial e o serviço voluntário, desenvolvendo-se relações de parceria entre estas instituições e o Estado (p.51).

A discussão quanto ao terceiro setor e o debate sobre como este setor se manifesta no Brasil, são permeados, ainda que de forma indireta, por uma análise crítica do papel do Estado em garantir direitos sociais e combater a pobreza. Este papel não estaria sendo realizado de forma eficiente, passando a ser desempenhado por outros atores sociais e a também pela iniciativa privada.

Segundo Melo (2011) os elementos que se relacionam às lutas entre e intraclasses sociais se relacionam diretamente com a oferta de políticas sociais por parte do Estado. Cabe ressaltar que para o autor, as classes sociais encontram-se em constante luta, ainda que algumas destas lutas se coloquem de forma velada. A análise de Melo (2011) aponta ainda que as políticas sociais propostas pelo Estado acabam por se tornarem reguladoras destes mesmos conflitos de classes ao passo que se tornam também respostas às pressões constantes dos movimentos e classes sociais que buscam maior participação estatal nas lutas que travam.

A resignificação de sociedade civil tem como desdobramento o estabelecimento de movimentos sociais de outro tipo. Com efeito, em seu sentido mais comum atualmente, esta noção apaga as diferenças de classes, as contradições, servindo para atenuar as tensões sociais e, por seguinte, as lutas de classe. (LEHER, 2002, p.284).

O debate sobre as ações e políticas que se propõem a amenizar as desigualdades ganha corpo, entrando em cena novos atores sociais, como as Organizações Não Governamentais (ONGs).

Foi nesse contexto – na falta de alternativas que envolvessem uma ação pública eficaz – que o ativismo político pela cidadania e pela justiça social foi se transformando em ativismo civil voltado para a solidariedade social. A demanda por responsabilidade social passou, aos poucos a se deslocar do governo para o ativismo social e voluntário da população (por alguns chamados *terceiro setor*) (DUPAS, 2003, p.77).

A lacuna deixada pelo Estado em seu dever de garantir direitos constitucionais aos cidadãos provocou uma reação da sociedade civil que buscou se organizar para ocupar espaços onde o poder público não era atuante. As organizações não governamentais, religiosas e de entretenimento, que desenvolviam atividades de aparente interesse público apareceram, então, como protagonistas nas relações sociais.

A forma como os sujeitos e organizações populares, transpassados por desigualdades, lidam com as pressões sociais advindas dos mecanismos de geração e manutenção das desigualdades não é linear e muito menos passiva. As circunstâncias e processos onde se dão este quadro estão em movimento contínuo. A pressão social gerada é aparentemente absorvida, mas alavanca uma reação em cadeia de movimentos populares e novas organizações da sociedade civil.

A sociedade civil se organiza, criando inúmeras associações civis autônomas com atividades e ações sociais políticas e econômicas de grupos particulares. Esses grupos pleiteiam demandas particulares, mas exigindo o caráter público de seus interesses. Neste novo espaço público, conforme Dupas (2003) encontram-se as organizações não-governamentais (ONGs) e ainda as diversas associações tais como associação de moradores, associações culturais e de lazer. O autor aponta em sua análise que:

As ONGs pretendem com consensos emergentes, não com interesses; propõe-se a promover e representar esses consensos; e esperam que sua legitimidade venha por brotarem da vida cotidiana e comunitária da sociedade, sem manipulação ou artificialismo (DUPAS, 2003, p.64)

A presença desses novos atores sociais como as ONGs e associações levanta questionamentos sobre sua própria legitimidade. Dupas (2003) nos auxilia em um exercício de reflexão que nos permite, por exemplo, questionar: seria possível deslocar o espaço e ação pública para estas instituições com interesses e demandas tão específicos e que disputam escassos recursos públicos? Estamos certos de que a ação pública não pode ser substituída.

Em sua fala no discurso de sanção da Lei do Voluntariado, FHC se manifesta a respeito do terceiro setor, situando a atuação sociedade civil diante do Estado e do mercado:

Nós estamos assistindo à formação do que se costuma chamar de terceiro setor: formas de associação, formas de sociabilidade que não se restringem à dicotomia clássica entre Estado e sociedade civil, à antiga. É a sociedade civil moderna, ou seja, não contando apenas os setores produtores da sociedade civil. São novas formas de sociabilidade. [...] Nem o Estado é suficiente, nem o mercado. Ambos são, entretanto, partes que compõem o mundo contemporâneo. O que há de novo agora é, precisamente, o terceiro setor. O que há de novo é que existem formas dinâmicas de controle social, de organização de objetivos, e até mesmo de generosidade e solidariedade, que não decorrem nem do princípio racionalizador do mercado, nem do princípio autoritário de distribuição do Estado (CARDOSO apud FRANCO, 1998 p.2).

A partir daí, paulatinamente, houve um deslocamento nas ações da sociedade civil e do Estado onde a ação privada foi favorecida e estimulada por uma onda de isenções fiscais. Em síntese:

O recuo das políticas públicas e a admissão de esgotamento dos Estados nacionais em sua missão de mediar, pelo exercício da política, as crescentes tensões sociais fruto dos efeitos negativos do capitalismo global, levaram as grandes corporações – por sua vez – a descobrirem um novo espaço que está rendendo altos dividendos de imagem pública e social: o desejo dos governos de empurrar para o âmbito privado as responsabilidades e os destinos da desigualdade (DUPAS, 2003, p.75).

Dupas (2003), aponta ainda que o empresariado passa a ocupar a lacuna descrita acima (espaço de ação social aberto pelo encolhimento das garantias e dos direitos sociais) modificando o sentido das relações entre o setor público e o privado (que passa a desempenhar papéis públicos): “privatizou-se a esfera pública e publicizaram-se os interesses privados” (p. 78).

Não restam dúvidas de que o envolvimento social das empresas traz para além das eventuais contribuições à sociedade, inúmeros benefícios como a promoção da imagem e agregação de valor à marca, sendo um excelente recurso de marketing.

Rodrigues (2004), em sua tese de doutorado se propôs a desenvolver e testar uma metodologia para avaliar os resultados da ação social das empresas privadas, identificando que indiscutivelmente esta ação social corporativa se expandiu consideravelmente a partir dos anos 90, fazendo parte do discurso organizacional.

Entendemos que a ação social empresarial representa uma parceria entre Empresa-Estado, na medida em que, por outro lado, o Estado investe nela, mediante a isenção (ou redução) de tributos e crédito subsidiado para empresas com ação social. E também, por outro lado, porque a empresa privada passa a atuar na esfera social, *locus* de competência e responsabilidade por excelência do setor público (RODRIGUES, 2004, p. 15).

No Brasil, o campo dos esportes e das políticas públicas de esporte, também é marcado pela presença do terceiro setor, da responsabilidade social das empresas e do voluntariado, mais fortemente a partir dos anos 1990. Neste contexto crescem o número de projetos sociais e a oferta de ações sociais voltadas à iniciação esportiva para crianças e

jovens pobres. Variadas instituições, ONGs, fundações esportivas e empresariais disputam verbas públicas, reconhecimento social e uma imagem positiva veiculada à mídia, enquanto se beneficiam também de isenções de impostos.

Longe de uma atitude ingênua e/ou desinteressada, personalidades do esporte, artistas e atletas aderem (individualmente ou associados a empresas) à proposta da criação de organizações destinadas à oferta e ações esportivas. MELO (2011) afirma que:

Sendo saudado como retrato da uma elevação da consciência por parte de nossos esportistas, essa onda de programas de esportes passou a ser constante no Brasil a partir desse momento, estando amplamente afinado com as concepções do capitalismo neoliberal de Terceira Via (p. 284).

O caso da parceria Mangueira/Xerox do Brasil, iniciada em 1987 através da criação da Vila Olímpica da Mangueira, é um exemplo da responsabilidade e a ação social das empresas privadas no investimento em ações sociais para comunidades pobres.

A Xerox do Brasil foi à empresa pioneira a investir recursos no Programa Social da Mangueira. Para Costa (2002) ocorre no Programa Social da Mangueira uma nova forma de gestão de políticas sociais, sendo este *“realizado através de redes que envolvem um grande número de empresas privadas e governos federal, estadual e municipal na promoção de projetos de saúde, educação, cultura, esporte, lazer e formação profissional”* (p.3).

Apesar das ações da Xerox na Mangueira possuírem diferentes frentes de atuação, nos detemos mais especificamente nas ações referentes ao esporte. Para tanto, recorreremos aos estudos de Rodrigues (2004), que quando se propôs a desenvolver e testar uma metodologia para avaliar os resultados da ação social das empresas privadas utilizou como estudo de caso a ação social desenvolvida pela Xerox do Brasil na comunidade da Mangueira.

Vale ressaltar que a empresa apoiava institucionalmente outros projetos sociais, mas o Projeto Olímpico da Mangueira era o principal projeto apoiado pela Xerox do Brasil através do Instituto Xerox.

Em 2002, o Programa Social da Mangueira contava com 24 projetos sociais em diferentes áreas, assim distribuídos: esporte (1), educação (5), cidadania (9), profissionalização (2), cultura (3) e saúde (4). A Xerox do Brasil tinha a participação na maioria destes projetos, mas dois possuíam os maiores investimentos: o Projeto Olímpico e o CAMP Mangueira.

Após anos de parceria, a Xerox deixa de patrocinar o Projeto. Depois de um pequeno período mantendo-se por fontes próprias e com a já em vigor Lei de Incentivo ao Esporte, o Projeto Olímpico da Mangueira ganha novo fôlego e um patrocinador de peso: a Petrobras.

A Xerox do Brasil apoiou institucionalmente o Projeto Olímpico da Mangureira no bojo e efervescência da ação e responsabilidade social das empresas privadas. A Petrobras assume o patrocínio do Projeto Olímpico quando e, que a Lei de Incentivo ao Esporte já vigorava.

Se na década de 1990 houve uma expansão da responsabilidade e a ação social das empresas enquanto um dispositivo utilizado em parceria entre o Estado e a iniciativa privada para trazer (nos referindo prioritariamente ao esporte) benefícios a uma parcela carente da população, mas também trazer benefícios às empresas através de reduções e estímulos fiscais, com a criação da Lei de Incentivo ao Esporte esse dispositivo foi potencializado.

Nota-se que com os anos o esporte não perdeu espaço nas relações Estado/iniciativa privada na tentativa de modificar a situação de pobreza e exclusão na qual o Brasil (assim como a maioria dos países periféricos) se encontra. Ao contrário disso, ganha ainda mais notoriedade nas políticas sociais, recebendo leis, normas e dispositivos a fim de normatizar, regulamentar e fomentar sua difusão.

Ao acompanharmos o desenvolvimento do Projeto Olímpico da Mangureira ao longo do tempo e dos seus diferentes patrocinadores podemos observar a dinâmica das relações entre Estado – sociedade civil – setor privado com objetivo do alívio da pobreza e desenvolvimento social através do esporte.

Existem argumentos que defendem a Lei de Incentivo ao Esporte enquanto um mecanismo estratégico para as empresas, considerando que esta Lei se deu no manejo de distintas forças políticas na condução de políticas públicas de esporte que atendessem aos interesses do empresariado e de organismos internacionais, porém travestidos de benefícios sociais geradores de popularidade e aceitação do governo brasileiro interna e externamente.

Para além dos incentivos fiscais e a promoção de uma imagem socialmente correta e responsável, os “apoiadores” do esporte nacional ainda podem ser agraciados com uma premiação do Governo Federal:

O "Prêmio Empresário Amigo do Esporte" é destinado a homenagear os apoiadores de projetos desportivos e paradesportivos de que trata a Lei nº 11.438, de 29 de dezembro de 2006 (Lei de Incentivo ao Esporte), que contribuíram para o desenvolvimento e o fortalecimento do desporto nacional, nas suas diversas modalidades e manifestações. Concorrem à Premiação exclusivamente pessoas físicas e jurídicas que aportaram recursos em projetos da LIE em 2013, na forma de patrocínio ou doação, segundo as categorias definidas em edital regulador (BRASIL, Ministério do Esporte, 2015).

Nesta esfera de ação “conjunta” entre Estado e a iniciativa privada, se deu a parceria Mangureira /Petrobras. Na área do esporte a Petrobras passa a patrocinar o Projeto Olímpico

da Mangueira, via Lei de Incentivo ao Esporte, incluindo a Mangueira em seu programa “Petrobras Esporte e Cidadania”.

Lançado pela Petrobras em outubro de 2010, o Programa Petrobras Esporte & Cidadania foi construído em alinhamento com a Política Nacional do Esporte e abrange quatro diferentes segmentos de esporte: Esporte Educacional; Esporte de Rendimento; Esporte de Participação e Memória do Esporte. A iniciativa é uma parceria da Petrobras com o Ministério do Esporte.

Espera-se que os resultados de todas as ações contribuam para o fortalecimento de políticas públicas de afirmação do esporte como um direito e qualificação das práticas do setor.

No âmbito do programa, existem os Centros Petrobras de Referência Esportiva, que integram as práticas esportivas com ações de saúde, educação, cultura e de formação em esporte educacional para professores e técnicos da rede pública e de educação popular.

O Projeto Olímpico da Mangueira passou a ser considerado um dos 7 Centros de Referência Esportiva mantidos pela Petrobras no Brasil.

Os Centros Petrobras de Referência Esportiva são resultados de parcerias com instituições da sociedade civil com o propósito de contribuir para o fortalecimento e qualificação das práticas de esporte para crianças e adolescentes. Representam espaços de construção, implementação e disseminação de metodologias e práticas esportivas educacionais, que reconhecem o esporte como um fator de desenvolvimento humano e transformação social (PETROBRAS, disponível em <<http://sites.petrobras.com.br/PPEC/esporte-educacional>> acesso em 18 nov 2015).

Ainda de acordo com o site o Centro Referência Esportiva Projeto Olímpico da Mangueira representa um espaço de *“construção, implementação e disseminação de metodologias e práticas esportivas educacionais, que reconhecem o esporte como um fator de desenvolvimento humano e transformação social”* (PETROBRAS, disponível em <<http://sites.petrobras.com.br/PPEC/esporte-educacional>> acesso em 18 nov 2015 – grifo meu).

Ocorre na gestão do Centro de Referência Esportiva Vila Olímpica da Mangueira um exemplo da articulação existente entre o poder público (Governo Federal) e Empresa Estatal de economia mista (Petrobras) no desenvolvimento de políticas públicas de caráter social.

Dessa forma, Vilas Olímpicas e outros projetos sócio-esportivos-educacionais como os Centros de Referência Esportiva, surgem como privilegiados espaços agregadores de políticas públicas de natureza sócio educacional, onde pode-se verificar a ações articuladas entre os três poderes públicos (Municipal, Estadual e Federal), sociedade civil e iniciativa privada para

estimular a prática esportiva; promover, captar e coordenar recursos públicos para desenvolver suas ações assim como ampliar, manter e modernizar espaços e equipamentos esportivos do município e estimular a cultura da prática do esporte a fim de promover melhora na qualidade de vida da população.

Existem distintas correntes que buscam analisar a presença e ação do setor privado aliado ao Estado na busca por diminuir as desigualdades sociais e combater a pobreza na população. Ainda que em algumas análises exista o argumento de que tais ações sociais trazem benesses apenas para uma parcela da população às custas de ceder às forças do capital e forjar mecanismos para a manutenção de uma popularidade do governo, parte da população conquistou alguns benefícios advindos de terem seu direito à prática esportiva oportunizado. E se isso se deu por conta de investimento privado, não é a questão principal. Não estou aqui defendendo uma posição que considere público tudo aquilo que não é pago, mas reconhecendo que é possível sim, que se de forma ajustada, investimentos privados no esporte favoreçam ao desenvolvimento e acesso com qualidade para um número cada vez maior de cidadãos.

O desafio que se tem pela frente é, pois, como expandir e aprofundar essa parceria do Estado com os segmentos empresariais. Sem dúvida, este aprofundamento passa pela transparência do chamado investimento social privado e pela eficácia crescente dos seus resultados (RODRIGUES, 2004, p.14).

O que se discute é que embora parte da população tenha tido acesso a este direito constitucional de praticar esporte, que acesso foi este? Por que este direito não foi garantido a todos democraticamente e sim apenas a uma parcela da população brasileira?

Mais que estatísticas, avaliações e números que comprovem a eficácia das políticas públicas de esporte no Brasil, no sentido de garantir o esporte enquanto direito social, faz-se necessário encarar a realidade de um país com fronteiras continentais, ponderando, sobre tudo, a relevância de garantir um acesso ao esporte para todos com qualidade e equidade.

Alguns fatores como Criação do Ministério do Esporte e a eleição do Brasil para sediar mega eventos esportivos alavancou o desenvolvimento das políticas públicas para o esporte. Com isso programas e projetos sócio – educacionais - esportivos foram estimulados e beneficiados tanto pela iniciativa pública, como privada. O Projeto Olímpico da Mangueira, que desde 1987 já contava com investimento privado, ampliou-se quando a partir de 2010 foi apoiado pela Petrobras, via Lei de Incentivo ao Esporte.

O desdobramento prático desta ampliação, especialmente quando o Projeto Olímpico passa a ser patrocinado por meio da Lei de Incentivo ao Esporte é comentado pela Prof.^a

Barbara Machado, Coordenadora do Centro de Referência Esportiva Projeto Olímpico da Mangueira:

O Instituto Mangueira do Futuro, ele assumiu a responsabilidade pela gestão do Programa, do Projeto Olímpico, esse trabalho que a gente desenvolve com esporte ao longo desses vinte e seis anos. Hoje a gente tem uma média de quatro mil pessoas diretamente beneficiadas no esporte com práticas de futebol, natação, atletismo, basquete feminino, ginástica rítmica, levantamento de peso, futsal, atendendo à crianças, adolescentes, jovens, adultos, idoso, pessoas com deficiência.

A gente começou a trabalhar com a Lei de Incentivo já tem uns cinco, seis anos e isso propiciou ao Projeto um avanço muito grande. A gente saiu de uma média de atendimento de umas duas mil pessoas, eu dobrei esse número, mais do que dobrei porque eu nem chegava nem a duas mil pessoas. Então a gente avançou em todos os aspectos. A Lei, ela vem verdadeiramente não só para somar e agregar ao esporte de alto rendimento, mas a estruturas e trabalhos como o nosso que também produzem grandes atletas que a gente já tem despontando no mercado (...) a idéia é essa, não só que ele seja um grande atleta, mas que ele dê continuidade a vida dele de uma forma bem sucedida (MACHADO, depoimento in Ministério do Esporte, 2015)⁷.

Pôde-se verificar o expressivo aumento no número de beneficiados (que quase dobrou em comparação ao período de apoio da Xerox do Brasil, na época eram aproximadamente 2.000), a melhoria e ampliação das instalações esportivas, o aumento do quadro de modalidades esportivas oferecidas, a qualidade do material esportivo utilizado pelos alunos (observada especialmente no caso da GR), a diversidade de serviços prestados aos alunos e usuários.

A Lei de Incentivo ao Esporte pode ser considerada um avanço significativo para as políticas de fomento ao esporte e no caso do Projeto Olímpico da Mangueira, possibilitou que mais pessoas pudessem exercer sua cidadania através do acesso ao esporte.

2.3 Esporte e educação nas Políticas Públicas de Esporte: o Esporte Educacional.

Sabendo-se da importância das políticas públicas de esporte para o desenvolvimento social e integral dos indivíduos e exercício da cidadania, o grande desafio se dá em como promover ações que permitam o alcance dos objetivos proposto por tais políticas.

Com criação de uma metodologia própria do esporte educacional, ampliou-se o espectro das ações sociais do esporte; o Esporte Educacional vem se consolidando como uma

⁷Transcrição da fala da Profª. Bárbara Machado no Vídeo do M.E.: “Conheça o trabalho do Instituto Mangueira do Futuro, no Rio de Janeiro. Conheça o projeto desenvolvido pela Lei de Incentivo ao Esporte”. (<http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/53925-video-conheca-o-trabalho-do-instituto-mangueira-do-futuro-no-rio-de-janeiro>).

ferramenta cada vez mais utilizada por diferentes instituições que buscam concretizar um plano estratégico onde o esporte é o fio condutor de ações sociais educacionais.

Considerando definitivamente o Direito ao Esporte para Todos, a manifestação Esporte-Educação deve ser dividida em Esporte Educacional e Esporte Escolar. O Esporte Educacional, para todos, é independente de vocação, no sentido de favorecer as ações educativas que as práticas esportivas oferecem (respeitar as regras, aprender a ganhar e perder, recuperar-se após as derrotas, perceber o sentido de equipe etc.), apoiado pelos princípios sócio-educativos (inclusão, participação, cooperação, corresponsabilidade, coeducação e outros). O Esporte Escolar aceita as vocações esportivas (possíveis talentos) e é destinado à utilização nas competições externas intercolégiais, nas quais os princípios soberanos são o Princípio do Desenvolvimento Esportivo e o Princípio do Desenvolvimento do Espírito Esportivo. No Esporte-Educação (Esporte Educacional e Esporte Escolar), o sentido será sempre o da formação, e a cidadania estará efetivamente na referência principal (TUBINO, 2010, p. 69/70).

De acordo com Gaia e Torres (2008) o esporte educacional, reconhecido como manifestações esportivas que incorporam compromissos pedagógicos pertinentes aos valores de cidadania, diversidade, inclusão social, democracia, comprometidos com objetivos na esfera de educação e formação de crianças e adolescentes, praticado nas escolas e em outros espaços de educação, implica na formação de valores, hábitos e atitudes.

Todavia, é importante ressaltar, que a inclusão do esporte como manifestação educativa justifica-se pelo reconhecimento de seu valor pedagógico e pela expectativa que ele é capaz de proporcionar à melhoria da vida das pessoas e da sociedade. O esporte assume incumbência pedagógica própria de contribuir para a educação da pessoa e para a melhoria da sociedade, quando através de sua prática oferece a possibilidade de ações normativas e de intervenção intencional sobre valores, atitudes, habilidades e condutas. Nesse sentido, reforçamos a idéia de que não se trata de justificar o esporte educacional com argumentos genéricos. É necessário definir quais os sentidos e formas do esporte que são relevantes para a educação, pois “por mais aberta que seja a concepção de esporte perfilhada não podemos dar como adquirido que o esporte é por definição pedagógica, uma realidade educativa” [GRAÇA, Op. Cit, p.101] (GAIA, TORRES, 2008, p.62).

O Esporte Educação é representado pela prática esportiva com base nos princípios educacionais como participação e integração. É voltado para o desenvolvimento da cidadania e é destinado principalmente a crianças, adolescentes e jovens em período de formação.

O Esporte Educacional compreende as atividades praticadas nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de Educação, evitando-se a seletividade e a hiper-competitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo, a sua formação para a cidadania e a prática do lazer ativo (TUBINO, 2010, p.88).

Segundo o Instituto Esporte Educação, o objetivo central dessa manifestação esportiva é: *“Alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo, com o desenvolvimento dos quatro pilares da educação: Saber, Fazer, Ser e Conviver, para a formação de competências à cidadania plena, na busca da inclusão e transformação social”* (IEE, Disponível em <http://www.esporteeducacao.org.br/?q=metodologia/objetivos>, acesso em 14 nov 2015).

Uma das principais características do Esporte Educacional é a participação de todos. Ele é pensado não selecionando por grau de habilidades motoras e levando em consideração outros aspectos do desenvolvimento que não somente do ponto de vista motor. Mobiliza, através da educação física e esportes, aprendizagens de conteúdo em diversas áreas. O participante é estimulado quanto à importância de sua presença nas atividades e na tomada de decisões que afetam a sua vida e da comunidade. Espera-se que este seja levado a agir de forma crítica e participativa não somente nas atividades relacionadas ao esporte, mas em toda sua vida.

Cabe aqui uma primeira problematização: por definição, de acordo com Tubino (2010), o esporte educacional privilegia a participação e integração, contudo, apesar de representar um espaço para o desenvolvimento sócio-esportivo-educacional, ele não é estanque, podendo inclusive ser a ponte para a inserção no esporte de rendimento. Pelo seu caráter educacional, pedagógico e de desenvolvimento integral do indivíduo, o esporte educacional é (ou pelo menos deveria ser) difundido como base para as demais manifestações sociais do esporte.

Atualmente o Esporte Educacional é amplamente utilizado como parte integrante de uma política social de esporte, seja na educação formal ou nas formas assistemáticas da educação. O Esporte Educacional é também encontrado nas escolas e utilizado por diferentes Programas do M.E. e do Ministério da Educação. Ele também é difundido em larga escala em projetos e programas sociais com vistas à oportunização da prática esportiva como ferramenta social para “amenizar” desigualdades, ampliar oportunidades e auxiliar na formação integral de crianças e adolescentes.

No M.E encontramos na Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (Snelis) a secretaria responsável pelas ações relativas ao esporte educacional. De acordo com a página do M.E., acessada em dezembro de 2015:

A Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (Snelis) é responsável pela implantação de diretrizes relativas aos programas esportivos educacionais, de lazer e de inclusão social. A Snelis faz ainda proposições sobre assuntos da sua área para compor a política e o Plano Nacional de Esporte (Disponível em <<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/missao>>, acesso em 24 nov 2015).

Na mesma página é possível encontrar um quadro com as competências da (Snelis):

- I. fazer proposições sobre assuntos da sua área para compor a política e o Plano Nacional de Esporte;
- II. coordenar, formular e implementar políticas relativas ao esporte educacional, desenvolvendo gestão de planejamento, avaliação e controle de programas, projetos e ações;

- III. implantar as diretrizes relativas ao Plano Nacional de Esporte e aos Programas Esportivos Educacionais, de Lazer e de Inclusão Social;
- IV. planejar, supervisionar, coordenar e realizar estudos compreendendo:
 - I. o desenvolvimento das políticas, programas e projetos esportivos-educacionais, de lazer e de inclusão social;
 - II. a execução das ações de produção de materiais esportivos em âmbito nacional; e
 - III. a execução das ações de promoção de eventos;
 - V. zelar pelo cumprimento da legislação esportiva, relativa à sua área de atuação;
- VI. prestar cooperação técnica e assistência financeira supletiva a outros órgãos da administração pública federal, aos Estados, ao Distrito Federal, aos Municípios e às entidades não governamentais sem fins lucrativos, nas ações ligadas aos programas e projetos sociais esportivos e de lazer;
- VII. manter intercâmbio com organismos públicos e privados, nacionais, internacionais e com governos estrangeiros, em prol do desenvolvimento dos programas sociais esportivos e de lazer;
- VIII. articular-se com os demais segmentos da administração pública federal, tendo em vista a execução de ações integradas na área dos programas sociais esportivos e de lazer;
- IX. planejar, coordenar e acompanhar estudos e pesquisas com as universidades e outras instituições correlatas com vistas à obtenção de novas tecnologias voltadas ao desenvolvimento do esporte educacional, recreativo e de lazer para a inclusão social; e
- X. articular-se com os demais entes da federação para implementar política de esporte nas escolas (M. E. Disponível em <<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/missao>> , acesso em 24 nov 2015).

Dentre os programas e projetos do M.E. coordenados pela Snelis podemos encontrar os seguintes: Segundo Tempo, Esporte da Escola, Esporte e Lazer da Cidade, Competições e Eventos de Esporte e Lazer, Jogos dos Povos Indígenas e a Rede Cedex.

Até aqui buscou-se apresentar a relevância do esporte educacional enquanto fenômeno social que visa a produção de conhecimentos e valores a partir do esporte. Vimos que esta manifestação do esporte pode, se implementada de forma concreta, contribuir efetivamente para a construção de cidadãos mais críticos, conscientes e participativos. A seguir, apresentamos a experiência de como o esporte educacional se insere no Projeto Olímpico da Mangueira, e posteriormente mais especificamente na Ginástica Rítmica.

2.3.1 O Esporte Educacional como pilar de sustentação do Centro de Referência Esportiva Projeto Olímpico da Mangueira).

No momento em que é divulgada a parceria entre a Mangueira e a Petrobras o encarte “Mangueira e Petrobras: um show de cidadania” (material de divulgação e circulação interna) anuncia a ênfase a ser dada nesta parceria quanto à questão da educação:

(...) A grande diferença é que passa a existir foco maior na questão da educação, mais do que nunca atrelada aos programas esportivos e culturais tanto do Centro Cultural Mangueira Petrobras, no Palácio do Samba, quanto da Vila Olímpica. Com o patrocínio da Petrobras, rendimento escolar, participação e integração familiar – e não apenas a presença dos jovens na escola – passam a ser peças-chave no processo

de inclusão proporcionado pelo Projeto Olímpico (ENCARTE MANGUEIRA E PETROBRAS: um show de cidadania, 2010, p. 04 – grifo meu)

No período de patrocínio da Petrobras podemos destacar como objetivo central do Projeto Olímpico: “*o desenvolvimento de atividades esportivas organizadas, educando e formando cidadãos com autonomia, tendo na manifestação do Esporte Educacional sua sustentação, com a participação de crianças e adolescentes*” (Folder de divulgação Centro Petrobras de Referência Esportiva Vila Olímpica da Mangueira, 2011 - Grifo meu).

No mesmo encarte ainda podemos encontrar mais uma ação voltada ao desenvolvimento do esporte educacional no âmbito do Projeto Olímpico Mangueira. Projeto agora considerado um dos Centros de Referência Esportiva Petrobras.

Para fortalecer as ações no Centro Petrobras de Referência Esportiva, conta com a parceria do Instituto Esporte e Educação no trabalho de formação e qualificação dos professores, e disseminação do Esporte Educacional (FOLDER DO CENTRO PETROBRAS DE REFERÊNCIA ESPORTIVA PROJETO OLÍMPICO DA MANGUEIRA, 2011, p.01).

Na prática, o discurso a respeito da valorização do esporte educacional enquanto pilar de sustentação do Projeto Olímpico, se materializa no fato de todas as modalidades esportivas oferecidas possuírem turmas voltadas para a iniciação esportiva através da metodologia do esporte educacional. O que não acontece para o esporte de participação e o esporte de rendimento, que tem um número reduzido de turmas em comparação ao esporte educacional.

Quando o Projeto Olímpico da Mangueira se torna um Centro de Referência Esportiva da Petrobras, o trabalho desenvolvido em todas as turmas se adequa as diretrizes propostas pela Petrobras quanto ao esporte educacional. Para a Petrobras, o conceito de Esporte Educacional está baseado em cinco diretrizes:

- Promover a interação das diferenças e o respeito às individualidades – incentivar ao acesso de crianças e adolescentes ao esporte, sem qualquer forma de distinção ou discriminação. Trabalhar a percepção, reconhecimento e valorização das diferenças entre as pessoas no que se refere à raça, cor, religião, gênero, biotipo e níveis de habilidades.
- Atuar em sinergia com políticas, especialmente nas áreas de esporte, educação e cultura – desenvolver práticas pedagógicas esportivas articuladas às demais áreas de conhecimento e o diálogo estreito com diferentes esferas públicas, como saúde, esporte, assistência, educação, entre outros.
- Incentivar a autonomia, a cooperação e a corresponsabilidade – utilizar o esporte como fator de educação emancipatória, baseando-se no conhecimento, no esclarecimento e na autorreflexão crítica para superar modelos. Portanto, a autonomia constitui-se na participação ativa de todos os envolvidos na estruturação do processo de ensino e aprendizagem do esporte.
- Valorizar as identidades regionais e saberes populares – reconhecer o esporte enquanto manifestação cultural e identitária. Trabalhar a cultura corporal (com jogos, danças, brincadeiras e esportes) socialmente referenciada na comunidade, como uma importante ferramenta de ensino, de aprendizagem e de definição das identidades dos sujeitos em suas realidades locais.

- Contribuir para o desenvolvimento motor, cognitivo e socioafetivo de crianças e adolescentes – ampliar o entendimento do esporte como veículo potencial de desenvolvimento, não apenas das habilidades motoras, mas também de interação social e de processos de ensino-aprendizagem. As ações pedagógicas devem abordar os conteúdos nas dimensões: conceitual, atitudinal e procedimental (PETROBRAS, disponível em <<http://premioesporte.petrobras.com.br/esporte-educacional/>>, acesso em 20 de nov 2015).

É relevante frisar que o fato de haver diretrizes específicas por parte da Petrobras para nortear o trabalho, não significa que antes da Petrobras não houvesse práticas que fossem ao encontro de tais diretrizes. Ou seja, houve uma adequação do gerenciamento do trabalho, pois ideais fortalecidos pela Petrobras já existiam desde a inauguração do Projeto Olímpico.

Ainda de acordo com a proposta dos Centros de Referência Esportiva Petrobras é prevista uma capacitação de profissionais, especialmente da área esportiva, para a atuação com o esporte educacional. Assim, na Mangueira, os agentes esportivos e os profissionais da área de Educação física, Fisioterapia, Nutrição e Fonoaudiologia foram convocados a participarem de uma capacitação em esporte educacional, oferecida em parceria com o Instituto Esporte e Educação. Como culminância desta capacitação ocorreu o I Seminário de Experiências em Esporte Educacional do Projeto Olímpico da Mangueira.

Nessa ocasião foi possível que o trabalho desenvolvido na GR, balizada nos princípios do esporte educacional, fosse exposto a partir de um produto acadêmico (pôster)⁸. Foi exposto especificamente o processo desenvolvido em uma unidade didática planejada e executada com duração de três meses.

A partir de todo o exposto nesta seção, fica nítida a ênfase dada às questões de educação e ao esporte educacional no Projeto Olímpico da Mangueira desde o início da parceria com a Petrobras. A parceria entre a Petrobras e o Projeto Olímpico da Mangueira teve fim em março de 2015. Nos próximos capítulos será ilustrado como a relação entre esporte e educação se dá no Projeto Olímpico na prática, a partir da modalidade GR.

⁸ Foto do pôster nos apêndices.

CAPÍTULO 3 – A Ginástica Rítmica (GR) enquanto esporte educacional no Projeto Olímpico da Mangueira.

3.1 Da implementação da modalidade esportiva aos dias de hoje: breve histórico.

A ginástica na Mangueira tem início com uma oficina de Ginástica Geral (modalidade de ginástica hoje denominada Ginástica Para Todos) oferecida pelo Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Nação Mangueirense como atividade extracurricular para os alunos.

Essa oficina proporcionava a prática da Ginástica Geral, mas somente em 2000 quando o projeto “GRD no Ritmo da Mangueira” foi implementado por mim no Programa Social da Mangueira, a GR, antes Ginástica Rítmica Desportiva (GRD), passa a compor oficialmente o quadro das modalidades esportivas oferecidas pelo Projeto Olímpico.

Pode-se dizer que o Projeto Olímpico da Mangueira, através do Projeto “GRD no Ritmo da Mangueira”, foi um dos pioneiros no Rio de Janeiro a oportunizar gratuitamente a prática da GR a crianças e adolescentes.

A GR é uma modalidade esportiva feminina de expressão gímnica e artística que alia os elementos corporais à música, utilizando aparelhos de pequeno porte. Tradicionalmente, é um esporte elitista, principalmente devido ao alto custo do material (oficial) individual utilizado pelas ginastas e às taxas exigidas para participação em competições e festivais (eventos de cunho demonstrativo, nos quais os grupos apresentam suas coreografias). Barros e Nedialcova (1998) descrevem a GR como “uma relação harmoniosa entre o corpo em movimento, os objetos manipulados, o espaço envolvente inter-relacionados à música, possibilitando assim toda a sua expressão” (p.01).

Cabe ressaltar que a prática da GR era direcionada a uma parcela da população que possuía maior capital simbólico e financeiro, pois é um esporte caro⁹ e pouco conhecido no Brasil naquele momento. Portanto, havia uma distinção entre quem podia ou não praticá-la. A inserção da GR em projetos sociais, especificamente no caso do Projeto Olímpico da Mangueira, foi um importante passo na democratização do acesso a este esporte.

Bourdieu (2013) mostra que as distinções culturais, de gostos e práticas se dão a partir das possibilidades que se estabelecem de acordo com três esferas: a família, a educação formal, ou seja, os anos de escolaridade e a possibilidade financeira de consumo. Neste sentido, é possível dizer que a prática da GR se dava para e pela população mais favorecida. A GR, neste contexto, apresenta-se como elemento de distinção social.

⁹ Os altos custos dos aparelhos oficiais e demais equipamentos dificultavam a prática da GR. Não havia um mercado estabelecido que pudesse ser popularizado.

A GR no “Projeto G.R.D. no Ritmo da Mangureira” visa desde sua implementação:

Promover, através da prática da Ginástica Rítmica, oportunidades para que crianças e adolescentes percebam seu corpo como meio e modo de integração no mundo, desenvolvendo habilidades esportivas, artísticas, sociais e culturais, valores éticos, num trabalho com base nas raízes da comunidade da Mangureira, buscando a formação de cidadãos críticos, conscientes e participativos. (BUARQUE, 2000, p.02)

A participação na modalidade e demais atividades relacionadas à GR é facultada às meninas¹⁰ com idades entre 5 e 18 anos. A primeira equipe foi composta por quinze ginastas, algumas delas oriundas da oficina de Ginástica Geral do CIEP 241 – Nação Manguereense.

A equipe treinava regularmente três vezes na semana e com o aprendizado e aprimoramento técnico, alcançou condições que permitiam demonstrações em pouco tempo. Assim, as ginastas passaram a se apresentar em eventos internos e convidadas a participarem de eventos externos à V. O. da Mangureira.

A GR, nova modalidade esportiva na Vila Olímpica, causava estranheza e, ao mesmo tempo, despertava a curiosidade dos moradores da comunidade e dos participantes do Projeto Olímpico da Mangureira, que já conheciam e conviviam com outros esportes como atletismo, futebol, futsal, natação, basquete. A então desconhecida GRD recebeu curiosas e erradas abreviaturas como RD, GRT, sem contar com “aquele negócio de três letras...”, sendo confundida com ginástica olímpica, dança ou balé. Após muito ouvirem das ginastas o nome Ginástica Rítmica Desportiva e assistirem as apresentações das séries (coreografias) de conjunto ou individuais, as pessoas começaram a entender que se tratava de um esporte. Associou-se o nome deste esporte à sua sigla. Este fato me levou a comprovar a tradição elitista da GR, onde o acesso tanto a seu conhecimento quanto à sua prática era restrito.

Castro (2003) escreve:

Antes de ingressar no Projeto “GRD no Ritmo da Mangureira”, Cinthya nunca tinha ouvido falar em ginástica rítmica. Sozinha em casa, na Mangureira, ficava se exercitando, sem saber que tinha elasticidade de atleta. Até que chegou à Vila Olímpica. As primeiras aulas foram de balé, mas não era exatamente aquilo que ela queria.

– Não sabia que a ginástica rítmica existia. Fiz balé, mas não me sentia bem. Até que descobri a ginástica. Se não fosse o projeto, não teria esta chance – conta Cinthya, que não vê a hora de participar da 12ª Gymnaestrada, em Portugal. (p.6)

¹⁰A GR era um esporte praticado exclusivamente por meninas. Apenas mais recentemente esta prática se deu também por meninos, porém, de forma ainda não oficializada pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). Existem algumas iniciativas isoladas de campeonatos e competições masculinas de GR.

Apesar das trocas de nome e da não identificação imediata da GR, rapidamente mães e responsáveis estavam ávidos por inscrever suas filhas na nova modalidade oferecida na Vila Olímpica.

Com a necessidade de ampliar o número de participantes do Projeto “GRD no Ritmo da Mangueira” em função da grande procura por vagas, foi criada, em 2001, uma escolinha de GR, visando direcionar a prática esportiva não só ao desenvolvimento das valências físicas, mas, sobretudo, às relações sociais e educacionais decorrentes dessa prática. Buscou-se também executar preparação técnica de base com vistas à renovação da equipe.

A prática da GR passou a se desenvolver em duas vertentes: equipe e escolinha. As turmas de escolinha são compostas por alunas em fase de iniciação esportiva. Estas turmas são a “porta de entrada” para todas as meninas que querem praticar a GR. As meninas que apresentam um maior desenvolvimento e potencial técnico são encaminhadas a turma “Equipe”.

A equipe é composta por meninas com idades variadas e que recebem treinamento mais específico para a trabalho de performance. A equipe representa o Projeto Olímpico em apresentações e competições internas e externas. Porém desenvolvimento técnico e talento não são as únicas características consideradas para o ingresso na equipe. São levados em conta o interesse, a assiduidade, o comprometimento, além de valores como cooperação, trabalho em grupo e responsabilidade. Todas estas características são estimuladas no trabalho tanto com a escolinha, quanto com a equipe.

A escolinha passou a atender inicialmente vinte crianças na faixa etária de cinco a quatorze anos, moradoras da Mangueira e adjacências. A escolinha do Projeto se apresentava juntamente com a equipe em alguns eventos internos como, por exemplo, a comemoração do “Dia das Mães na GRD” na V.O. Mangueira, o que divulgou o trabalho e resultou em maior procura por vagas no Projeto. O fato de as alunas da escolinha se apresentarem gerava, e continua a gerar, motivação para os treinos e, quiçá, o ingresso na equipe.

As vinte vagas até então oferecidas tornaram-se insuficientes. Foi elaborada uma lista de espera que incluía sessenta nomes. Em função disso foi liberada a compra de material para que mais vinte crianças pudessem ingressar na escolinha. Ou seja, o número de vagas foi ampliado para quarenta.

Ginastas que se destacaram na escolinha passaram a integrar a equipe. Com o passar do tempo a equipe foi sendo ampliada e renovada em função da rotatividade natural que se

verifica por conta do avanço da idade e encaminhamento para uma rotina que leve ao mercado de trabalho¹¹.

A equipe de GR avançou tecnicamente e se destacou em vários eventos tanto competitivos como demonstrativos na cidade do Rio de Janeiro e em outras cidades do Estado, onde havia participação de equipes de diversos estados do Brasil e também de outros países.

O Projeto cresceu e conquistou um espaço importante na ginástica do Rio de Janeiro e hoje em dia, pelo menos na Mangueira, “todo o mundo” conhece mais um esporte: a “GR”. E que para a maioria das pessoas ainda é “o GRD”. Agora que o termo se consolidou, está difícil suprimir o “D” referente à Desportiva e trocar “o GRD” por “a GR”. De acordo com Vieira (2003) *“A GRD é a nova coqueluche da Mangueira e não foi difícil para as crianças acostumadas desde cedo com o ritmo da dança adaptarem-se a ela”* (p. 26).

É possível observar a diversidade presente não só na faixa etária das meninas matriculadas nas aulas de GR, mas também nos locais de onde são oriundas, nas escolas que frequentam, nas oportunidades que possuem, nas perspectivas de vida e futuro, nas visões a respeito de si mesmas e do mundo que as cerca e na relevância da GR para cada uma.

Com a ampliação e reconhecimento do Projeto Olímpico da Mangueira, a GR passou a receber não só meninas da comunidade da Mangueira e de bairros adjacentes, mas também meninas de bairros mais afastados e de diferentes realidades socioeconômicas. Existe uma variada gama de diversidades que permeiam o universo das meninas-ginastas em sua prática da GR.

Importantes modificações ocorreram ao longo destes quinze anos na estrutura da GR na Mangueira observando-se o investimento na modalidade, com o incremento na infraestrutura das aulas: aprimoramento do local das aulas, aumento dos recursos materiais, maior participação em eventos, com maior motivação e interesse das alunas, aumento no número de atendimentos e, por fim, a legitimação da modalidade e das ginastas pela comunidade em geral.

As mudanças apontadas ocorreram em função de inúmeros fatores, ressaltando-se os contextos políticos e a atuação do Estado de forma em geral. Porém é necessário compreender criticamente. Elas certamente não foram “inocentemente conquistadas” e podem ser explicadas politicamente, já que as ações dos homens carregam consigo uma vocação política,

¹¹ Muitas ginastas, ao completarem 16 anos, deixaram os treinos para ingressarem no CAMP-Mangueira, projeto profissionalizante já descrito anteriormente.

ou seja, são apoiadas em questões relacionadas a poder, legitimidade e dominação. Weber (2011) sinaliza esta característica:

(...) Quando de uma questão se diz que é “política” (...), é preciso entender que os interesses de divisão, conservação ou transferência do poder são fatores essenciais para que se possa esclarecer aquela questão (...); impõem-se entender que aqueles mesmos fatores condicionam a esfera de atividade (...). Todo homem, que se entrega a política, aspira o poder – seja porque o considere como instrumento a serviço da consecução de outros fins, ideais ou egoístas, seja porque deseja o poder “pelo poder” para gozar do sentimento de prestígio que ele confere (p.67).

No ano de implementação da GR, a V.O. Mangueira contava com o patrocínio da empresa Xerox. Apesar da oportunidade de acesso gratuito à GR por parte das meninas (crianças e adolescentes) da Mangueira, comunidades e bairros vizinhos ser considerada um ganho, a infra-estrutura era mínima. As alunas treinavam em uma quadra de cimento e aberta nas laterais. Quando chovia a quadra molhava e não era possível que as aulas ocorressem normalmente. As alunas treinavam sem uniforme de aula e sapatilhas, com aparelhos não oficiais. A verba para participação em eventos era muito pequena. Tornava-se muito difícil pensar em um trabalho técnico de excelência e treinamento adequado, sem nenhum tipo de recurso.

A motivação das meninas sempre foi um aspecto relevante. Seu esforço para se aprimorarem tecnicamente também. Com o tempo as meninas e os grupos a que pertenciam reconheciam os benefícios da prática da GR em suas vidas, o que muitas vezes foi relatado pelas próprias ginastas e seus responsáveis. Observou-se melhora na vida escolar, na auto-estima e na perspectiva de vida que tinham.

Elas se sentem mais segura, se sentem mais bonita. Elas se sentem bem em falar, em praticar, em fazer, né? assim pras colega ver, porque só falando , às vezes, né, a pessoa não entende. O que é GRD? Aí elas fazem questão de mostrar o que é GRD, o que elas fazem né, tudo. E elas se sentem bem, se sentem segura do que elas fazem, né? Com certeza a ginástica fez bem a elas. Porque melhorou 100%. Não é 80, 70% não. Foi 100% a melhora. Ou até mais, né? É porque não pode botar mais, né? Porque era assim aquele tipo de criança às vezes preguiçosa, respondona, essas coisa assim, indecisa do que fazer: não sei se eu faço, se não faço. Depois que elas entraram, não. Elas são assim decidida. Até pra me ajudar em casa, pra fazer as coisas (Depoimento *in* BUARQUE, 2003, p. 45).

Atualmente, o espaço físico para as aulas de GR são duas quadras poliesportivas, uma com piso emborrachado e a outra com piso de madeira. Ambas possuem altura (pé direito) adequada à realização dos lançamentos dos aparelhos. As meninas que frequentam as aulas de GR têm uniforme de treino e as que participam da “equipe” (turma de nível técnico mais elevado) possuem também uniforme de apresentações e competições. Todas têm acesso a materiais e aos aparelhos oficiais (corda, bola, arco, fita e maças) que apesar de possuírem um

custo considerável, são disponibilizados. Este desenvolvimento acompanhou o crescimento do Projeto Olímpico da Mangueira.

Como já dito, observa-se uma melhoria na infra-estrutura das aulas, o aumento no número de alunas que praticam a GR e chega-se a trabalhar com aspecto de excelência técnica, caracterizando um avanço nas condições da prática da GR e nas conquistas pelas meninas.

3.2 Desdobramentos de uma prática: a GR da Mangueira enquanto esporte educacional.

A prática da GR na Mangueira trouxe para as ginastas a possibilidade de variadas vivências esportivas e desenvolvimento de sensibilidades, especialmente no âmbito do Esporte Educacional, já que não apenas nas aulas, mas também para além delas, os valores e princípios pedagógicos eram colocados em prática. Observou-se que mesmo fora do ambiente cotidiano das aulas, as ginastas apresentavam uma incorporação dos valores positivos estimulados e experimentados durante as aulas. Por exemplo: durante a participação das ginastas na festa junina da terceira idade na Vila Olímpica da Mangueira, em 2015, vimos que havia uma preocupação das meninas em ajudar os idosos e uma interação respeitosa, pois além de acolhe-los e dançarem juntos, procuravam respeitar limitações e estimular a participação de todos os idosos.

Este tipo de comportamento apresentado pelas ginastas reflete diretamente um dos valores mais trabalhados – respeito à diversidade – que foi sendo incorporado pelas ginastas em sua vida cotidiana.

Tanto as ginastas da escolinha, quanto as da equipe, independente do grau de desenvolvimento técnico, foram e continuam sendo orientadas dentro dos princípios do esporte educacional.

Apesar de o esporte ser dividido em diferentes tipos de manifestações sociais, acreditamos que o esporte educacional e o de rendimento possam dialogar, construindo valores de base, que sejam levados ao longo do desenvolvimento técnico e para a vida. Com relação ao movimento entre as diferentes manifestações do esporte:

(...) Não são excludentes, porque aqueles que praticam o esporte de participação deveriam ser oriundos do esporte educacional e poderiam, inclusive, alimentar o esporte de rendimento. Aqueles que chegam ao esporte de rendimento deveriam ser preparados de acordo com os princípios do esporte educacional, pois, antes de serem atletas, precisam ser cidadãos (ABCD do esporte educacional, p.8)

Apesar da GR de competição não ser o objetivo da GR oferecida pelo Projeto Olímpico da Mangueira, algumas meninas se desenvolveram tecnicamente bem e manifestaram o desejo de aprofundar seu treinamento. Existe uma turma, a equipe, para esse desenvolvimento técnico específico, que inclui meninas com maior grau de experiência.

Negar a possibilidade de avanço técnico com trabalho para rendimento seria uma forma de exclusão. Deve existir espaço para todos, respeitando-se as individualidades e levando-se em consideração os interesses e as possibilidades de cada indivíduo. Um longo e árduo caminho foi percorrido para que hoje, seja oferecida uma prática esportiva e educacional de qualidade, que permita a existência de turmas desde a iniciação à prática da GR a uma turma para o aprofundamento técnico onde as alunas que apresentam interesse e maior grau de desenvolvimento técnico podem evoluir em sua carreira esportiva.

A evolução técnica apresentada pela equipe de GR da Mangueira se ampliou de tal forma que a Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro (FGERJ), representada por profissionais em alguns dos eventos em que a equipe da Mangueira se apresentava, recomendou que as atletas fossem cadastradas nesta instituição a fim de que pudessem competir oficialmente nos campeonatos estaduais e demais eventos cancelados pela FGERJ.

Em novembro de 2010, a equipe de GR da Mangueira estreou no cenário das competições oficiais, conquistando excelentes resultados. Nos anos de 2011, 2012 e 2013 obteve com suas ginastas inúmeras premiações individualmente e em conjunto. A partir de 2014, por inúmeros fatores como a questão financeira e o desestímulo advindo de questões relativas à condução das competições, as ginastas deixaram de participar das competições do Campeonato Estadual de GR, participando apenas de competições não oficiais como Copas.

Por três vezes as meninas da equipe de GR da Mangueira participaram da seletiva e foram qualificadas para três edições (12^a, 13^a e 14^a) da Gymnaestrada Mundial (evento promovido pela Federação Internacional de Ginástica a cada quatro anos, sempre em um país da Europa. É considerado o maior evento de ginástica do mundo, movimentando milhares de pessoas e de euros). A 15^a edição da Gymnaestrada Mundial – para qual a equipe da Mangueira também foi qualificada – foi realizada em 2015, na Finlândia, mas efetivamente, no momento de irem à Gymnaestrada retoma-se o discurso de que não há verbas para a participação em um evento desse porte, pois o objetivo do atendimento é investir no social. Como se o termo social fosse desconectado do profissional.

Este exemplo é peculiar da modalidade GR, que se encontra na linha de investimentos em esporte educacional. Todas as modalidades esportivas oferecidas pelo Projeto Olímpico da Mangueira possuem investimentos em esporte educacional, mas apenas algumas possuem

investimento para o esporte de rendimento. A GR não integra o quadro de modalidades esportivas contempladas com investimento em esporte de rendimento.

Além de todo aprendizado, conquistas e também de superação de dificuldades (técnicas, emocionais, financeiras) advindas das experiências com as competições, podemos citar ainda algumas outras ricas experiências de aprendizado e desenvolvimento que se deram fora das aulas regulares de GR: os Workshops de Ginástica Dinamarquesa, promovidos através de uma parceria com a International Academy of Physical Education at Ollerup; a visita de atletas de Rúgbi da Nova Zelândia; a participação no projeto fotográfico da artista britânica JoLonghrst; as aulas, apresentações e participações no curso de Dança da UFRJ; as visitas ao Centro Coreográfico da cidade do Rio de Janeiro para assistir a espetáculos de diferentes modalidades de dança.

Em geral as parcerias internacionais foram trazidas à Mangueira graças à exposição do bom trabalho técnico desenvolvido com a equipe, mas também pelo reconhecimento dos valores e princípios arraigados nesse trabalho.

Sobre a parceria entre a GR da Mangueira e a escola dinamarquesa de ginástica é importante mencionar que esta não aconteceu de forma aleatória ou um convite via coordenações; a parceria foi sendo idealizada a partir do encontro entre as duas instituições em um evento internacional. Em junho de 2010 foi aprovada pela coordenação técnica e administração da Vila Olímpica da Mangueira a participação da Equipe de GR no V Fórum Internacional de GG, na cidade de Campinas, SP. Iniciou-se, então, a jornada da Equipe de ginástica da Mangueira rumo a participação no V Fórum, mas também rumo à convivência, ao conhecimento e à realização técnica e pessoal.

Durante todo o Fórum as ginastas puderam conviver com ginastas e pessoas de vários lugares do Brasil e do Mundo. Fizeram amizade com os ginastas da Argentina e da Dinamarca.

Como um dos resultados mais positivos da participação da Equipe de GR da Mangueira no V Fórum Internacional de GG, podemos citar a parceria com a *International Academy of Physical Education at Ollerup* – Dinamarca, concretizada em função do contato feito na apresentação dos grupos e nas demais atividades que envolveram a Equipe da Mangueira durante todo o Fórum.

Foram destacados pelo grupo dinamarquês o bom trabalho técnico apresentado pelas ginastas da Mangueira e a postura, responsabilidade e forma positiva como as meninas se relacionavam entre si e com as demais pessoas. Além de serem aplaudidas por suas ótimas

apresentações, as meninas foram elogiadas pela maneira como se comportavam, ajudando as companheiras de equipe e se organizando com disciplina e atenção para todas as atividades propostas pelo Fórum.

Nos três anos que sucederam o V Fórum, respectivamente 2011, 2012, e 2013 foram realizados na Vila Olímpica da Mangueira o I, II e III workshop de Ginástica com alunos da *International Academy of Physical Education at Ollerup* – Dinamarca, em um intercâmbio realizado entre as ginastas da Mangueira e o grupo de ginastas da Dinamarca.

As ginastas das turmas de escolinha e equipe participam do *Wokshop*, totalizando cerca de oitenta ginastas da Mangueira em movimento e convívio com ginastas dinamarqueses. Através da ginástica houve contato com a diversidade presente em diversos níveis como técnico, social, cultural e econômico. A diferença está posta e é percebida pelas ginastas na cor da pele, olhos e cabelos, na língua falada, na técnica utilizada para os movimentos, nos hábitos e formas de expressão.

No segundo semestre de 2015, a V.O. Mangueira recebeu a visita de atletas da seleção de Rúgbi da Nova Zelândia. As ginastas fizeram uma apresentação para recebê-los e depois de se apresentarem foram surpreendidas quando o grupo da Nova Zelândia apresentou um Haka para as meninas.

(...) a dança, chamada Haka, é tradicional da cultura maori, o povo nativo neozelandês, e sua utilização no rúgbi há mais de 100 anos está intrinsecamente ligada à preservação de costumes e tradições (G1, disponível em <<http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2015/08/video-saiba-como-e-o-haka-danca-de-guerra-da-nova-zelandia.html>>, acesso em 08 dez 2015).

As ginastas também puderam participar da clínica de Rúgbi dada pelos Atletas da Nova Zelândia aos meninos e meninas que praticam esporte na Vila Olímpica.

Na ocasião, as ginastas não sabiam bem para quem iriam se apresentar. Não conheciam o Rúgbi e a maioria não sabia onde fica a Nova Zelândia. Nunca tinham ouvido falar do Haka. Mas toda essa experiência foi valorizada ao máximo. Várias atividades foram propostas e executadas pelas ginastas como pesquisarem e trocarem informações sobre a Nova Zelândia, os Maori, o Rúgbi e a dança Haka. As meninas se divertiram e aprenderam bastante e até se arriscaram a fazer um Haka.

Durante a visita do grupo da Nova Zelandia à Vila Olímpica, as meninas tentaram conversar com atletas, falando algumas palavras em inglês e gesticulando bastante. Acharam diferente e intrigante, mas muito forte, bonito e interessante o Haka. Fizerem comparações e estabeleceram pontes entre o Haka e algumas coreografias apresentadas por elas. Pensaram

em usar parte do que aprenderam em uma nova coreografia. Fizeram contato com “galera da Nova Zelândia” e trocaram endereços de redes sociais.

Para culminar este processo, as ginastas foram convidadas a visitar a exposição “*Tukulho*– Legado vivo Maori” no Espaço Tom Jobim, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Em transporte cedido pelo grupo, foram conhecer um pouco mais sobre a cultura Maori. E ficaram encantadas com um mundo que era desconhecido, mas que se desvelou aos poucos através do esporte. Do seu esporte, a GR, e do esporte que acabavam de conhecer: o Rúgbi.

As meninas da GR frequentam diferentes espaços da cidade do Rio de Janeiro sem demonstrarem a preocupação com serem discriminadas. Sentem-se seguras quanto a si mesmas. Confiam em seu bom comportamento. Apesar disso, os olhares, muitas vezes desconfiados e surpresos, sempre acabavam voltados a elas. O fato de frequentarem espaços “elitistas” não deveria causar surpresa e muito menos a forma “adequada” como as ginastas se comportam, mas há - ainda que disfarçado - um olhar estigmatizado que não as considera por seu valor e sim pelo local que representam: a Mangueira.

Ainda no segundo semestre de 2015, as ginastas da Mangueira receberam uma nova visita estrangeira. Mas dessa vez, a visita seria especificamente à GR da Mangueira e duraria mais tempo. Através de pesquisa na internet a artista e fotógrafa britânica Jo Longhurst encontrou um artigo publicado em 2013, no Seminário Internacional Inclusão e Diversidade em Educação: Universidade e Participação 3. Trava-se do seguinte artigo: “A Ginástica enquanto prática esportiva educacional inclusiva na Vila Olímpica da Mangueira”, de autoria de Maciel e Vieira (2013). Jo Longhurst estava no Brasil, participando de um programa internacional de residências artísticas do Largo das Artes.

Ocupando um casarão do século XIX no centro histórico do Rio de Janeiro, o Largo das Artes vem abrigando diversos projetos artísticos e culturais desde 2008. Em janeiro de 2013, o espaço foi transformado em um centro independente de arte contemporânea, com galeria, cursos, ateliês e um programa de residências artísticas, que já recebeu aproximadamente 50 artistas de mais de 15 países (LARGO DAS ARTES, disponível em <http://www.largodasartes.com.br/>, acesso em dez 2014).

Dessa forma, o contato com entre a GR da Mangueira e Jo Longhurst foi mediado pela diretora do Largo das Artes (Consuelo Bassanesi), com quem manteve contato direto desde o primeiro email enviado. No primeiro email, Consuelo apresentava a artista Jo Longhurst e suas intenções para com as ginastas da Mangueira.

Cara Maria Augusta,

Estou entrando em contato com você a pedido de uma artista Britânica chamada Jo Longhurst que desde 2008 vem trabalhando num projeto fotográfico com ginastas. A

Jo vai estar no Rio de Janeiro entre 7 de setembro e 4 de outubro participando do programa de residências do Largo das Artes, do qual sou diretora. Durante este período, ela pretende visitar centros de treinamento de ginastas para pesquisar e realizar novos registros. Ela também gostaria de visitar o Projeto Social da Mangueira para conhecer o trabalho de vocês e para conversar sobre uma possível colaboração com os ginastas participantes. Gostaríamos de saber se você poderia nos receber e apresentar o projeto. Como ela não fala português, estou fazendo este primeiro contato. Mas se você preferir, e inglês não for uma barreira, posso colocar vocês diretamente em contato.

Espero sua resposta. Muito obrigada. Abraço, Consuelo (ARQUIVO PESSOAL, 2015).

Imediatamente o email foi respondido, colocando à disposição de Jo Longhurst a visita e contato com a GR e as ginastas da Mangueira.

Contato feito e definida a estratégia para a visita da artista britânica à GR Mangueira, foi feito um trabalho com as ginastas a fim de orientá-las sobre o que as esperava. Foi solicitado que as ginastas buscassem na internet (em casa, na escola ou na própria Vila Olímpica) informações sobre Jo Longhurst, mas o que ficou registrado por elas foi que Jo é fotógrafa.

Para receber Jo Longhurst, as ginastas fizeram algumas apresentações e sabiam que ao final, poderiam conversar com ela, inclusive para saber mais sobre qual o trabalho que Jo pretendia realizar com elas.

Como as meninas sabiam que Jo Longhurst também era fotógrafa, logo imaginaram que fariam fotos como as que habitualmente fazem: de poses ginásticas, de coreografias, com diferentes roupas de apresentação e aparelhos de GR. Ficaram muito espantadas quando Jo Longhurst lhes mostrou além do tradicional equipamento fotográfico, um scanner de mão que seria utilizado por ela para obter imagens dos corpos das ginastas.

Após uma difícil e burocrática negociação com a Coordenação da Vila Olímpica da Mangueira, Jo Longhurst obteve autorização para realizar seu trabalho com as ginastas da Mangueira. Foram definidos os dias e horários das visitas e trabalho com as ginastas.

Foram vários dias de contato ao longo de três semanas. Horas de observação, conversa e trabalho. As meninas ficavam ansiosas pelo dia em que Jo viria para vê-las e trabalhar com elas. Rapidamente se afeiçoaram a ela. A relação entre Jo Longhurst e as meninas, desde o primeiro contato foi de respeito e admiração. Com passar do tempo essa relação foi se aprofundando e tornou-se também uma relação de carinho.

As visitas e os treinos se sucederam e Jo Longhurst ficou encantada com os movimentos realizados pelas ginastas, mas também com a educação e postura das meninas. Observou atentamente a forma como elas trabalhavam em grupo e as parabenizou por isso. Notou o empenho das mães que confeccionavam as roupas de apresentação das meninas e fez

elogios quanto à beleza e qualidade dessas roupas. Vale ressaltar que o Projeto Olímpico não fornece uniformes de apresentação às ginastas. As mães e responsáveis se organizam para providenciar as malhas de apresentação das ginastas e na maioria das vezes as próprias mães costuram e bordam as malhas. O reconhecimento dado às mães pelo trabalho realizado e a aproximação respeitosa e profissional para com as ginastas, fez com que Jo Longhurst cativasse também os responsáveis.

O Largo das Artes, local onde Jo Longhurst ficou em residência artística neste período em que esteve no Brasil, realizaria uma exposição dos trabalhos dos artistas em residência.

Jo Longhurst apresentaria uma exposição preliminar do trabalho realizado com as ginastas da Mangueira e gentilmente as convidou para ir. Patrocinou o transporte e as recebeu na porta, apresentando-lhes o Largo das Artes, o espaço das exposições, os demais artistas e o que seria o trabalho daquela galeria. Nenhuma das ginastas tinha ido a uma galeria de artes antes. Foi uma experiência muito enriquecedora em vários aspectos. As meninas adoraram conhecer um lugar novo e nele, serem reconhecidas e valorizadas. Relatavam sentiram-se especiais, como estrelas. Tiraram várias fotos, provaram “petiscos” desconhecidos e algumas mais comunicativas foram adicionadas às páginas de Facebook de Jo Longhurst e de outros artistas como Risja Steeghs (também em residência no Largo das Artes). O idioma já não era empecilho para a comunicação!

A forma respeitosa, atenciosa e delicada como Jo Longhurst lidou todo o tempo com as ginastas, as cativou significativamente a ponto de se emocionarem quando viram parte do trabalho de Jo exposto. Nesse ponto, as ginastas sabiam que aquele contato de semana após semana estava chegando ao fim.

Assim, no último dia de trabalho com Jo na Vila Olímpica, as ginastas decidiram fazer uma surpresa. Nos dois treinos anteriores se reuniram e utilizaram o tempo do treino para coletivamente confeccionarem um “mega” cartão em homenagem àquela artista que as cativou de vez. Levaram diferentes tipos de papéis, canetinhas coloridas, fotos e tudo mais para capricharem na produção. Umas escreveram, outras desenharam, algumas recortaram e colaram, mas todas participaram da confecção da surpresa. Toda a idéia, execução e apresentação dessa surpresa foram de iniciativa exclusiva das meninas. Os responsáveis que assistiram a todo esse movimento de perto, também se organizaram e fizeram um rateio para comprar e personalizar uma camisa para aquela “estrangeira” que passava ocupar um lugar no tempo e na vida das ginastas da Verde-e-Rosa.

O último dia de trabalho de Jo com as ginastas da Mangueira foi de muita alegria e festa, mas também embalado por muitas lágrimas e emoção pela partida da artista britânica que já vestia as cores verde e rosa.

As ginastas da Mangueira já participaram de competições oficiais pela Federação de Ginástica do estado do Rio de Janeiro (FGERJ) e embora não participem mais desde 2014, continuam em contato com as atualizações do Código de Pontuação da Ginástica Rítmica, onde há atualmente, uma valorização do trabalho artístico das coreografias. Para que as ginastas sejam mais completas o trabalho físico e técnico deve estar associado a um trabalho de expressão artística e corporal. Assim, as ginastas da Mangueira foram estimuladas a ampliarem seu repertório de movimentos corporais, vivenciando aulas de diferentes manifestações da cultura corporal. Foi mais especificamente na dança que as ginastas encontraram esta possibilidade. Em função do contato direto com uma professora de dança do Departamento de Arte Corporal da UFRJ, que já havia trabalhado no Projeto Olímpico da Mangueira auxiliando na preparação corporal das ginastas de GR, foi possível estreitar os laços entre a GR Mangueira e a Dança da UFRJ. O convite para a participação em atividades de disciplinas e projetos específicos inseridos nos cursos de Dança da UFRJ passou a ser constante e sempre atendido com muita alegria por parte das ginastas.

Pelo menos duas ou três vezes por semestre a partir de 2012, a equipe de GR participou de atividades na disciplina “Introdução aos fundamentos da Ginástica” da Faculdade de Dança da UFRJ. As meninas da GR não conheciam a UFRJ e o imenso Campus da Ilha do Fundão. Não tinham a dimensão da grandeza do espaço físico e do espaço social que poderia se descortinar a partir do momento em que adentravam pelos “muros” de uma Universidade Federal, mesmo que como visitantes.

No início, ficaram um pouco contidas e tímidas. De certa forma, aquela grandeza as assustou um pouco. Como foram muito bem recebidas por toda a comunidade acadêmica do curso de Dança, aos poucos ficaram mais à vontade para fazerem as aulas, falarem com os alunos, permearem aquele novo espaço.

Passaram a ficar muito empolgadas para “fazerem aula” com alunos da UFRJ. E quando participavam das aulas ministradas em disciplinas da Dança, chamavam atenção pela flexibilidade e pelos movimentos acrobáticos que realizavam. Interagiam muito bem com os alunos e ficavam ansiosas pelo dia em que iam no “Fundão”. Adoravam serem aplaudidas e utilizadas como exemplo para demonstrar movimentos nas aulas. Foi uma constante troca de conhecimentos, partilha de saberes e experiências. Muito mais do que a linguagem verbal, a linguagem predominante era a corporal. O corpo fala. Como fala.

Lembramos a educadora Isabel Marques que através de seus estudos sobre o movimento e a arte (dança) nos fornece um olhar amplo que nos leva a considerar a realidade do trabalho com GR para as alunas-ginastas da Mangureira: “A criança humana não vive dentro do corpo como uma lesma em sua concha. O ser humano vive no mundo com seu corpo” (MARQUES, 2003, p. 26).

Passaram de visitantes a mascotes e ganharam o status de estrelas para aqueles alunos, que mudavam de período, de disciplina, mas que já as reconheciam como parte do mundo da Dança da UFRJ.

Foi uma experiência muito enriquecedora para ambas as partes. As meninas da GR Mangureira já falam em fazer prova para a UFRJ. Queriam fazer faculdade de dança, ou quem sabe, educação física. Ganharam não apenas a ampliação do seu repertório de movimentos corporais, mas a ampliação de suas perspectivas de futuro. Mais uma vez lidaram com a diversidade em variados aspectos.

Mais uma vez experimentaram a possibilidade de conhecerem novos lugares e novas pessoas e foram valorizadas pelo seu fazer, conquistando atenção e reconhecimento. É muito importante perceber que houve todo o tempo um diálogo com relação à importância da educação e dos estudos como veículo de transformação dos sonhos em realidade. Não basta querer entrar para a universidade. É preciso conhecer os mecanismos que as levam até lá: o estudo, a escola, a disciplina, os valores éticos e responsabilidade. Houve incentivo à valorização do estudo, do aprofundamento, portanto da educação.

Se foi muito importante que as ginastas pudessem apreender e experimentar novas formas de se expressar corporalmente, também seria oportuno que elas pudessem visualizar no palco ou nas quadras momentos onde essa expressão estivesse presente de forma profissional.

A convite da direção do Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro, onde já há neste espaço um projeto de formação de platéia, a equipe de GR Mangureira teve oportunidade de assistir gratuitamente aos espetáculos de dança em cartaz.

Em uma primeira visita, as ginastas conheceram todo o Centro Coreográfico e foi mostrado a elas cada espaço e sua utilização. As meninas foram guiadas em um mini tour e após puderam assistir ao espetáculo em cartaz. Mais uma vez foram elogiadas pela postura e pela educação durante toda a visita. Dessa forma, o contato com o Centro Coreográfico passou a ser constante e as ginastas assistiram a vários espetáculos de diferentes companhias de dança. Assistiram a espetáculos de hip-hop, dança contemporânea, danças folclóricas, ballet e até funk.

Nas idas ao Centro Coreográfico, assistindo aos espetáculos as ginastas puderam apreciar criticamente diferentes linguagens corporais. As meninas da Mangueira tiveram a oportunidade de se constituírem enquanto uma platéia crítica, consumidora de produtos culturais. Houve uma expansão da cultura corporal e uma ampliação da cultura geral dessas meninas.

Desde sua implementação no Projeto Olímpico da Mangueira no ano de 2000, inúmeras experiências educacionais, culturais, sociais e esportivas foram vivenciadas pelas ginastas no âmbito da prática da GR.

Descrevemos aqui, alguns episódios de 2011, 2012, 2013 e mais recentemente em 2015, vivenciados pelas ginastas da Mangueira em que acreditamos serem momentos onde a GR pôde ser desenvolvida enquanto um esporte educacional para as crianças e adolescentes que dele participaram.

Nos momentos e ocasiões relatados as ginastas puderam construir coletivamente conhecimentos não apenas técnicos, lidando com a diversidade e aprendendo a respeitá-la, exercitando sua autonomia e desenvolvendo valores positivos rumo a uma formação integral. Pudemos reconhecer nas vivências através da prática da GR os princípios do esporte educacional: inclusão de todos, construção coletiva, respeito à diversidade, autonomia e educação integral. As ginastas “aprenderam esporte”, “aprenderam bem o esporte” e principalmente “aprenderam mais que esporte”. Estes são os principais objetivos do trabalho com o esporte educacional. E para com as ginastas da Mangueira, não seria diferente. Neste caso, podemos dizer que estes objetivos foram alcançados no trabalho com GR.

Um ponto tênue, mas que deve ser levado em consideração é relação ginastas / técnica (aluno/professor). Embora seja recomendável um distanciamento científico da amostra da pesquisa enquanto pesquisadora é inegável que minha relação enquanto técnica das ginastas não pode passar despercebida. Enquanto técnica cabe a mim a responsabilidade de mediadora entre as ginastas e sua relação com o mundo que as cerca.

Por estudar e acreditar no papel decisivo do esporte para transformação social, que a forma como lido com a GR e as meninas é imbricada de dedicação, comprometimento e amor. Muitas das oportunidades de vivências no âmbito da GR e fora dela, não teriam sido possíveis sem que eu me debruçasse confiantemente na execução das mesmas.

CAPÍTULO 4 – As Políticas Públicas de Esporte no Brasil e seu reflexo cotidiano das ginastas de GR do Projeto Olímpico da Mangueira.

A Política Nacional de Esporte do Brasil, como visto no capítulo dois, além de se propor a desenvolver o esporte de alto rendimento, busca promover ações de inclusão social por meio do esporte, ampliando a democratização à prática esportiva, enfatizando a melhoria na qualidade de vida e o desenvolvimento humano.

A utilização do esporte educacional por diferentes políticas e programas do M.E. se dá prioritariamente no trabalho com crianças e adolescentes, sendo estas consideradas em período de formação e em idade escolar. No Projeto Olímpico da Mangueira a prática da GR por crianças e adolescentes se encontra no interior de um equipamento esportivo gerido em alinhamento com as Políticas Públicas de Esporte. A GR no Projeto Olímpico da Mangueira é oferecida dentro do quadro das modalidades esportivas direcionadas para o esporte educacional.

A fim de identificar e discutir os reflexos das políticas públicas de esporte no cotidiano das ginastas da Mangueira, a partir especificamente da GR enquanto esporte educacional, buscamos cruzar os objetivos destas políticas com os dados colhidos das ginastas, ex-ginastas e responsáveis pelas ginastas. Iremos recorrer às falas das entrevistas¹², acreditando que os dados numéricos podem ser complementados para interpretar a realidade social investigada. Nas falas são reveladas nuances de questões pessoais, afetivas, sentidos de pertencimento e outros fatores não expressos em números.

Conforme exposto na metodologia, foram aplicados questionários a sessenta ginastas, quarenta responsáveis e realizadas entrevistas com 15 ginastas, 10 responsáveis e 11 ex-ginastas. Tanto os questionários quanto as entrevistas buscaram colher informações quanto a dados pessoais, vida escolar das ginastas, inclusão social e socialização, qualidade de vida e desenvolvimento pessoal e humano de uma forma geral.

Os dados produzidos serão expostos e analisados a partir de três eixos de discussão, que se configuram como os principais objetivos das políticas públicas de esporte no Brasil, de acordo com o M.E.. Os três eixos são: democratização à prática esportiva; Inclusão social e socialização e desenvolvimento humano rumo a um desenvolvimento integral. É inegável a relação entre esses eixos, todavia eles se encontram divididos para uma melhor exposição didática.

¹² A transcrição das falas no corpo do texto sofreu correção ortográfica e de pontuação para a melhor compreensão do leitor.

Para facilitar a identificação e interpretação dos dados e falas das entrevistas utilizamos os quadros de tipologia abaixo.

Tabela 1: Tipologia das Ex-ginastas entrevistadas.

Sigla	Idade	Ocupação	Por quanto tempo treinou na equipe	Há quanto tempo deixou de treinar
EG1	23 anos	Estudante. Graduanda em Ciências Contábeis	6 anos	6 anos
EG2	24 anos	Professora de Educação Física	4 anos	6 anos
EG3	24 anos	Analista de Controle Financeiro	7 anos	6 anos
EG4	23 anos	Auxiliar Administrativo	7 anos	4 anos
EG5	22 anos	Recepcionista e Graduanda em Pedagogia	8 anos	5 anos
EG6	26 anos	Secretária	8 anos	10 anos
EG7	25 anos	Professora de Educação Física	4 anos	7 anos
EG8	27 anos	Técnica em Nutrição e graduanda em Nutrição	2 anos	5 anos
EG9	24 anos	Não trabalha e nem estuda	7 anos	8 anos
EG10	24 anos	Graduanda em Ciências Biológicas	8 anos	7 anos
EG11	34 anos	Professora de Dança e graduanda em Educação Física	9 anos	12 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 2: Tipologia das Ginastas entrevistadas.

Sigla	Idade	Há quanto tempo treina	Local onde mora
G1	14 anos	10 anos	Mangueira
G2	14 anos	9 anos	São Francisco Xavier
G3	13 anos	7 anos	Mangueira
G4	16 anos	6 anos	Barra da Tijuca
G5	15 anos	5 anos	Rocha
G6	12 anos	3 anos	Rocha
G7	13 anos	4 anos	Mangueira
G8	12 anos	7 anos	Engenho de Dentro
G9	12 anos	3 anos	Rocha
G10	14 anos	3 anos	Jacarepaguá
G11	14 anos	10 anos	Mangueira
G12	10 anos	4 anos	Mangueira
G13	11 anos	6 anos	Complexo do Alemão
G14	11 anos	5 anos	Riachuelo

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 3: Tipologia dos Responsáveis entrevistados.

Sigla	Idade	Parentesco com a ginasta
R1	44 anos	Mãe
R2	36 anos	Mãe
R3	40 anos	Mãe
R4	38 anos	Mãe
R5	47 anos	Mãe
R6	37 anos	Mãe
R7	62 anos	Avó
R8	32 anos	Mãe
R10	48 anos	Mãe
R11	37 anos	Mãe

Fonte: Dados da pesquisa.

4.1 - Democratização à prática esportiva: o acesso à prática da GR por meninas da Mangueira e adjacências.

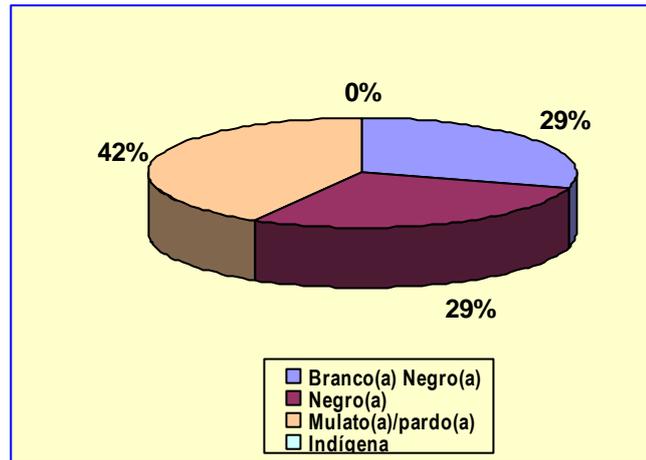
Para analisar a democratização da prática esportiva, iniciaremos a discussão a partir da questão do acesso à prática da modalidade GR. Foram considerados dados quanto ao perfil social e investigou-se se ginastas teriam oportunidade de praticar a GR fora do Projeto Olímpico da Mangueira.

No questionário aplicado a quarenta responsáveis foi possível extrair os seguintes dados: 100% são do sexo feminino; a maioria, 52% se declarou de cor mulata/parda; 30% se declararam negros e 18% brancos; 50% residem em bairros próximos à Mangueira; todas têm filhos; 70% trabalham em variadas ocupações como funções burocráticas e escritório, prestação de serviços, técnicos na área de saúde e comércio e atividades auxiliares¹³. As famílias, em sua maioria são compostas por mais de quatro pessoas, com renda mensal de um a três salários mínimos.

Já no questionário aplicado às sessenta ginastas foi possível identificar que 29% se declararam brancas, 29% se declararam negras e 42% se declararam mulatas/pardas.

¹³ A separação das profissões dos responsáveis está de acordo com a Classificação Brasileira de ocupações do Censo 91 do IBGE. Disponível em < <http://concla.ibge.gov.br/estrutura/ocupacao-estrutura>>, acesso em 12 jan 2016.

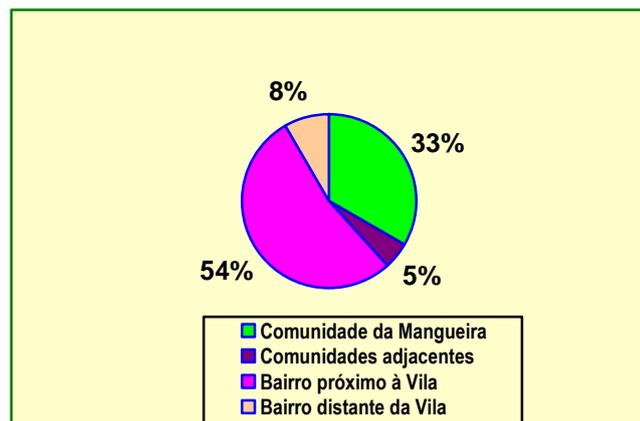
Gráfico 01: Raça/cor das ginastas



Fonte: Dados da pesquisa

Com relação ao local onde residem, a maior parte, 52%, respondeu que reside em bairros próximos à Vila Olímpica da Mangueira; 33% responderam que moram na Comunidade da Mangueira, 5% moram em comunidades adjacentes e 8% em bairros distantes da Vila Olímpica.

Gráfico 02: Local de Moradia das Ginastas

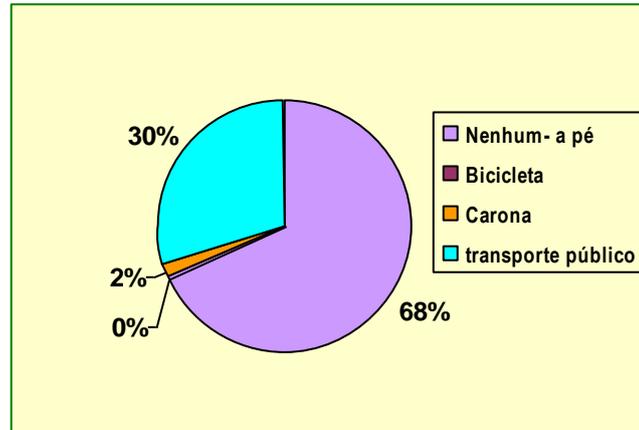


Fonte: dados da pesquisa.

A partir análise do gráfico 02 podemos observar que 38% das ginastas são residentes em Comunidades (Mangueira ou adjacentes à Mangueira) e que quase a totalidade delas, 92% reside próximo à V.O. Mangueira. Somente 8% residem em lugares distantes da Vila Olímpica.

Com relação ao meio de transporte que utiliza para chegar a V. O. Mangueira encontramos os seguintes resultados expressos no gráfico 03.

Gráfico 03: Meio de transporte utilizado para chegar à V. O. Mangueira



Fonte: dados da pesquisa

A maior parcela de ginastas, 68%, vai para a V. O. Mangueira a pé. Isso pode se justificar pelo fato de que 92% residem próximo a V.O. Mangueira. Os 30% que utilizam transporte público, possivelmente têm gastos financeiros com as passagens.

Ainda de acordo com os questionários foi possível detectar que 63% das ginastas mora com seus pais. A maioria das ginastas com o pai e a mãe juntos.

A maior parte tanto de responsáveis como de alunas se declarou negra ou parda/mulata.

A partir destes dados podemos supor que uma família que tenha em média quatro integrantes e uma renda de um a três salários mínimos não poderia arcar com atividades que não fossem ofertadas de forma gratuita, como por exemplo, a prática esportiva, atividades como cursos, atividades culturais. Maior dificuldade seria então se atividades fossem requerer dispêndio financeiro com transporte. Note-se como a maioria das ginastas vai a pé para a Vila Olímpica.

Neste sentido podemos perceber a importância dos espaços e equipamentos esportivos que buscam dar acesso gratuito ao esporte a toda população, mas especialmente às camadas mais desfavorecidas da sociedade.

Essa suposição pode encontrar eco nas entrevistas realizadas com as ginastas e ex-ginastas. Na fala das ginastas egressas extraímos trechos em que se pode notar o reconhecimento da oportunidade que elas tiveram quanto à prática da GR. Inclusive as falas apontam para a maturidade e a visão crítica acerca da sociedade em que estão inseridas.

Cresci na Mangueira e ao longo dos meus vinte e quatro anos eu vi muitas meninas perderem o rumo na vida. Se envolveram com o tráfico e pessoas ligadas ao crime. Acredito que o esporte em geral dá ao jovem um suporte para a vida e ocupa um tempo que poderia ser usado com coisas ruins. Além de ser esporte e fazer bem para a saúde, a GR revela a beleza de cada menina. Me sinto privilegiada por ter essa oportunidade de praticar um esporte tão lindo e tão perto de casa, gratuitamente e com um professora excelente (EG3, entrevista, 2015).

(...) eu moro em comunidade e vejo muitas meninas novas na rua, à toa, sem ter a chance de estar estudando ou de estar em um esporte. Muitas crianças que moram em uma comunidade sofrem discriminação, mas a GR é forma de mostrar pra elas e para o mundo que elas são iguais como qualquer outra criança; porque a GR Mangueira une todas as classes sociais (EG5, entrevista, 2015).

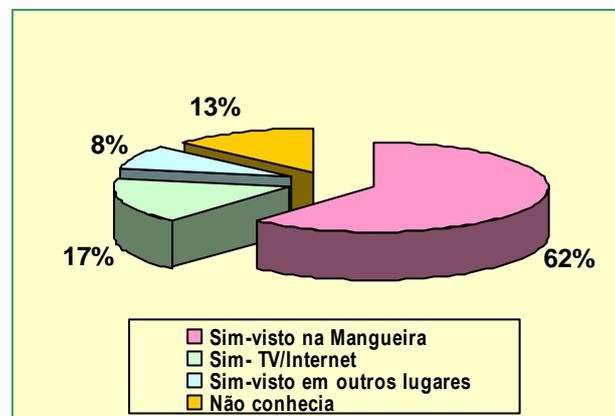
(...) apesar de ser um esporte destinado às meninas que moram no entorno do bairro e no Morro da Mangueira, muitas outras não tiveram essa oportunidade, esse acesso (EG10, entrevista, 2015).

EG10 treinou durante oito anos e deixou a equipe há sete. Cursa Ciências Biológicas na UFRJ e é bolsista, aluna de extensão no Espaço Ciência Viva.

EG3, EG5 e EG10 apresentam um discurso político acerca da realidade social à sua volta e talvez este discurso tenha sido fortalecido na prática da GR Mangueira. EG5 treinou por seis anos e deixou a equipe há cinco anos. É universitária e já ocupa espaço no mercado de trabalho como recepcionista.

As ginastas da Mangueira tiveram acesso à prática da GR, um esporte tradicionalmente praticado por quem possui mais recursos e que por ser um esporte amador, não é amplamente reconhecido e ofertado. A maior parte das ginastas e responsáveis que responderam aos questionários afirmou que antes de realizarem a inscrição para as aulas de GR já conheciam a modalidade por a terem visto no Projeto Olímpico da Mangueira.

Gráfico 04: Já conhecia GR antes de ter aulas?



Fonte: dados da pesquisa

Desta forma foi possível verificar que o Projeto Olímpico da Mangueira oportuniza o acesso ao conhecimento e prática da modalidade GR às meninas da Comunidade da Mangueira e bairros vizinhos. Essa ação contribui para democratização da prática da GR e para a ampliação dos saberes. Abaixo, a fala de uma ex-ginasta demonstra que para as meninas da Mangueira e por consequência, também para as pessoas relacionadas a elas, o conhecimento da GR é algo tão familiar que causa estranheza que outras pessoas não conheçam essa modalidade esportiva.

(...) muitas meninas sequer conhecem esse esporte, por incrível que pareça. Ainda existem muitas meninas que perguntam: ah, é aquela que a Dayane dos Santos faz, né? (EG4, entrevista, 2015).

No caso das ginastas, quando foram perguntadas sobre, se não estivessem treinando no Projeto Olímpico da Mangueira, se teriam condições de treinar em outro lugar a maioria das ginastas respondeu que não, a exemplo das seguintes respostas:

Não treinaria em outro lugar porque não teria condições de pagar e se fosse em um lugar longe demais de graça, não teria como me deslocar” (G2, entrevista, 2015).

(...) não teria a oportunidade de treinar em outro lugar, mas mesmo se tivesse não iria porque Mangueira é o meu amor (EG12, entrevista, 2015).

O que chamou a atenção nos diferentes comentários foi o fato de que, independente da clareza de possíveis restrições financeiras e de deslocamento que as fizessem optar por treinar na Mangueira, as ginastas já demonstraram neste momento outro aspecto relevante: a afetividade pela equipe e pelo lugar onde treinam - a GR do Projeto Olímpico da Mangueira.

Passemos então à questão do tipo de acesso à prática esportiva que as ginastas da Mangueira possuem. Esta questão se torna relevante na medida em que compreendemos que a oportunização da prática esportiva deve vir acompanhada do fator qualidade. Observando o caso das ginastas da Mangueira, o diferencial está no fato de que elas têm acesso à prática da GR com a uma gama de orientações e instrumentos para praticarem a GR de forma correta (tecnicamente falando) e com possibilidade de sucesso, ou seja, existe o acesso à prática da GR.

As ginastas da Mangueira têm acesso: à aquisição e desenvolvimento da técnica específica da GR com treinamento esportivo adequado e preparação física e técnica de aparelhos; às regras e especificidades que diferenciam a GR de outras modalidades de ginástica; à linguagem correta e própria dos movimentos da GR; aos aparelhos oficiais (ainda que nacionais e de qualidade discutível) e à permanência com sucesso no esporte que treinam (mesmo que com os limites e dificuldades inerentes à sua realidade).

Para que haja qualidade técnica no trabalho desenvolvido com as ginastas, existe uma metodologia e planejamento das aulas adequados às diferentes faixas etárias e diferentes níveis de aptidão. No caso das ginastas que possuem maior grau técnico e experiência, (separadas como equipe de apresentação e competição) a metodologia seguida obedece às orientações gerais da metodologia do treinamento esportivo, voltado também para o rendimento.

Assim, no processo dos treinos que envolvem a preparação física das ginastas e onde são aperfeiçoadas valências como flexibilidade, força, equilíbrio e coordenação, é comum que as meninas sejam exigidas física e emocionalmente. Não é fácil adquirir condições físicas e técnicas na GR. Este processo de incorporação de técnicas leva a desgastes e dor. O trabalho é árduo e depende de esforço, motivação e determinação. Foi perguntado às ginastas, nas entrevistas, sobre a coisa mais difícil de treinar GR na Mangueira. Separamos algumas respostas:

(...) a coisa mais difícil é sentir a dor (G3, entrevista, 2015)

(...) a coisa mais difícil de treinar são as dores (G5, entrevista, 2015)

(...) a coisa mais difícil de treinar é lidar com o cansaço e com as dores (G1, entrevista, 2015)

(...) a coisa mais difícil é agüentar a tia Guta forçando (G7, entrevista, 2015)

(...) a coisa mais difícil de treinar eu diria que são as dores, porque nem tudo é um mar de rosas, então, a pior parte são as dores, mas com o tempo você aprende a conviver com isso (G2, entrevista, 2015)

(...) a coisa mais difícil é agüentar as dores (G9, entrevista, 2015)

(...) nos treinos me sinto alegre e acolhida, mas tem as dores (...) (G4, entrevista, 2015).

A fala sobre dor e limites, questões técnicas, também se faz presente na fala das ex-ginastas que apontaram com certo saudosismo essa rotina:

(...) sinto falta de me sentir flexível, da exaustão dos treinos, de tudo (...) se eu pudesse, voltaria nos tempo só para sentir a dor, o calor, o cansaço e ouvir a tia Guta gritar (EG4, entrevista, 2015)

(...) as limitações me frustravam e eram duas: a dor no pulso esquerdo que tinha um cisto e flexibilidade de perna, que julgava não ser suficiente, sobretudo a esquerda (EG2, entrevista, 2015)

EG2 deixou a equipe há seis anos após quatro anos integrando a equipe de GR. É Bacharel em Educação Física e cursa atualmente Licenciatura em Educação Física. Trabalha

como professora de GR no projeto Gol de Letra e é estagiária de GR na Vila Olímpica da Mangueira.

Foi exatamente pelo bom desenvolvimento técnico que as ginastas da Mangueira tiveram muitas das oportunidades e conquistas vivenciadas. Em função disto, a ex-ginasta RS aconselha às ginastas de hoje:

O primeiro e essencial passo é treinar sempre. Só com muito treino é que conseguirá melhorar suas habilidades, aperfeiçoar seus pontos fracos e melhorar o condicionamento físico (EG9, entrevista, 2015).

EG9 treinou por sete anos e está afastada há oito. É técnica em Enfermagem, mas atualmente não está trabalhando. Tem uma filha.

À custa, é verdade, de alguns sacrifícios como sentirem dor durante os treinos (dor essa que o que com tempo e adaptação ao ambiente de treinamento tende a amenizar), mas graças à qualidade técnica de seus trabalhos, ex-ginastas e ginastas puderam relatar nas entrevistas o que consideram como conquistas na GR. As respostas que apresentamos abaixo têm relação direta com a qualidade técnica que possuem:

São tantas! Difícil escolher uma só. Mas, vou falar sobre algo conquistado em coletivo, uma conquista de toda essa equipe linda da qual fiz parte. A apresentação do conjuntão, que passou na seleção em Nova Friburgo (se não me engano), para ir para Portugal para nos apresentarmos com outros excelentes grupos de ginástica. Foi uma conquista maravilhosa¹⁴ (EG10, entrevista, 2015).

Nós tivemos muitas conquistas, mas a melhor foi quando ganhamos uma viagem para participar de uma seletiva para Gymnaestrada de Portugal e obtivemos êxito (EG5, entrevista, 2015).

Ter sido classificada para participar da Gymnaestrada (EG6, entrevista, 2015).

EG6 treinou por oito anos e saiu da GR Mangueira há dez anos. Atualmente trabalha como secretária.

Todas as conquistas em competição, para mim, foram muito boas e merecidas, mas uma que me marcou bastante foi na vez em que eu e mais quatro integrantes do grupo na época ganhamos o campeonato estadual de conjunto, com um conjunto de 5 bolas (G2, entrevista, 2015).

Uma conquista foi eu ter ficado entre as oito melhores ginastas no Campeonato Estadual de GR (G11, entrevista, 2015).

Minha maior conquista é que eu consegui chegar no pódio (...) A melhor coisa de treinar GR é a pegada ao lado (G12, entrevista, 2015)

Uma conquista foi ter ficado em segundo lugar na minha primeira copa individual (G5, entrevista, 2015)

¹⁴ A ex-ginasta "RC" se refere à habilitação da equipe de GR Mangueira para a participação na 12ª edição da Gymnaestrada Mundial. Esta seletiva ocorreu no ano de 2002.

Conquistas? Cada competição em que ganhei, individualmente ou em grupo, medalhas, troféus e parabéns merecidos (G4, entrevista, 2015)

Uma conquista foi que eu já consegui subir no pódio (G13, entrevista, 2015)

Uma conquista foi meu primeiro lugar com meu individual na copa em que competi (G7, entrevista, 2015)

Apesar das conquistas relatadas pelas ginastas abarcarem o sentido da qualidade técnica, existe uma tensão entre o fazer das meninas, que se profissionaliza no sentido da aquisição técnica, e seu fazer amador. Esta tensão remete a Bourdieu (2004), ao identificar as disputas de poder que animam todo e qualquer campo:

O profissional tende a “odiar” o “leigo vulgar” que o nega enquanto profissional, dispensando seus serviços: ele está pronto a denunciar todas as formas de “espontaneísmo” (político, religioso, filosófico, artístico), capaz de despossuí-lo do monopólio da produção legítima de bens e serviços. Os detentores da competência legítima estão prontos a se mobilizar contra tudo e o que possa favorecer o autoconsumo popular (p.182).

Podemos observar que há uma visão deturpada e preconceituosa de alguns que concebem as ginastas enquanto praticantes de uma atividade realizada somente para ocupação do tempo livre e alternativa para vida com menos desigualdades, sem a possibilidade de aquisição técnica e um fazer profissional.

4.2 Inclusão social: conquistando espaços dentro e para além das quadras do Projeto Olímpico da Mangueira

- Inclusão dentro das quadras – o relacionamento entre as ginastas

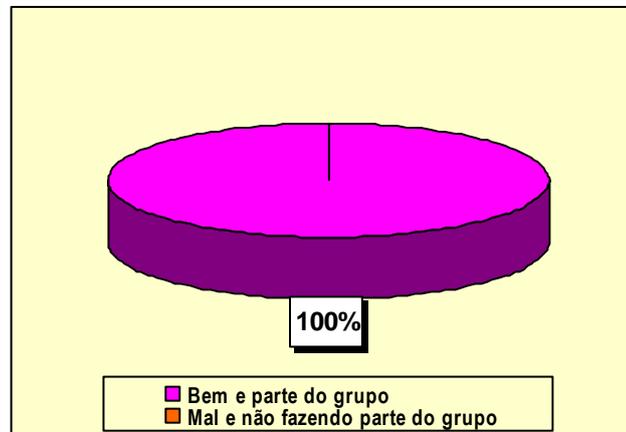
Partimos do pressuposto que Inclusão social:

(...) refere-se basicamente à possibilidade efetiva de participação na construção da vida social e nos bens sociais, culturais, educacionais nela produzidos. E à exclusão aos grupos sociais minoritários que participam minimamente ou estão em grande parte excluídos desta construção e no acesso àqueles bens. (...) (CIDADE, BUSTO, 2008, p. 125).

A inclusão e socialização das meninas da GR Mangueira ocorre muitas vezes sem que elas próprias tenham uma real compreensão dessa inclusão. Este processo é gradativo e paulatino, começando pelo relacionamento entre elas, com a técnica, com os responsáveis e com todo cotidiano que as cerca na GR. A inclusão de cada uma tem início em um universo social menor: o da GR Mangueira. Os laços que unem as ginastas, muitas vezes ultrapassam a construção de um bom relacionamento entre elas e com o ambiente que as cerca, avançando para além da inclusão no grupo social da GR.

Todas as ginastas que responderam ao questionário expuseram que se sentem bem e acolhidas por suas colegas e por sua professora na GR da Mangueira.

Gráfico 05 – Sentimento de acolhimento na GR



Fonte: Dados da pesquisa

Também a totalidade dessas ginastas afirmou que participa das atividades propostas pela GR como aulas, apresentações, festas, encontros e passeios, por exemplo. Quando perguntadas a respeito de como se sentem na GR Mangueira, 100% declararam que se sentem bem e parte do grupo.

Todas as quinze ginastas entrevistadas responderam que têm um bom relacionamento com as companheiras de equipe. Algumas respostas foram mais veementes do que outras, devido provavelmente a um componente de personalidade, mas todas responderam sobre o carinho e companheirismo existente entre elas. Destacamos algumas respostas:

Boa. Somos todas amigas (G10, entrevista, 2015).

Me dou bem com todas. Adoro elas (G6, entrevista, 2015).

Tento sempre ajudar o próximo no for preciso, sou muito companheira (G1, entrevista, 2015).

Elas são ótimas colegas, me ajudam se eu tiver alguma dificuldade de algum movimento da ginástica. São muito educadas e sempre falam comigo (...) Elas me tratam muito bem e são muito amorosas (G9, entrevista, 2015).

Gosto bastante de cada uma e tentamos levar as nossas amigas para a quadra e todas as apresentações; todas são importantes em todos os momentos (G4, entrevista, 2015).

Tenho uma ótima relação com todas (G3, entrevista, 2015).

Muito boa. Fico feliz porque elas vão ter um futuro do mesmo jeito que eu (G13, entrevista, 2015).

Sou muito amiga. Ajudo no que for preciso (G2, entrevista, 2015).

Apresentamos agora a visão dos responsáveis a respeito do relacionamento entre as ginastas da Mangueira. Todas as dez responsáveis entrevistadas destacaram o ambiente de amizade e respeito entre as ginastas, onde mais uma vez pudemos identificar o bom relacionamento entre as ginastas. Novamente recorreremos a algumas falas:

Acredito que por minha filha ser mais fechada, a ambientação pra ela foi gradativa, mas hoje ela está bem mais entrosada na equipe (R1, entrevista, 2015).

O ambiente é de amizade, respeito e disciplina (R6, entrevista, 2015).

Muito tranqüilo e de muita cumplicidade (R7, entrevista, 2015).

Um ambiente familiar (R2, entrevista, 2015).

De amizade entre as meninas e companheirismo (R5, entrevista, 2015).

Um ambiente agradável, com verdadeiro espírito de equipe e amizade (R10, entrevista, 2015).

Elas são amigas e se respeitam muito, até porque a treinadora é bem rígida com elas (R3, entrevista, 2015).

O ambiente de treino é de dedicação e desempenho. Algumas conseguem se destacar em algumas habilidades e outras não, mas se esforçam para aprender. Nas apresentações existe o nervosismo, mas conseguem se apresentar divinamente (R4, entrevista, 2015).

Ótimo ambiente. O melhor que existe. Tem tudo de bom. Respeito com as outras (R11, entrevista, 2015).

As falas tanto das próprias ginastas quanto dos responsáveis nos levam a pensar sobre o ambiente amistoso, cooperativo e de amizade no qual estão inseridas. Este ambiente é fruto de um trabalho que incentiva, valoriza e orienta as ginastas de modo a trabalharem em equipe e para o bem da equipe.

As individualidades são respeitadas e acolhidas, mas existe um estímulo para a interação e apoio mútuo. Cada ginasta é valorizada por seu desenvolvimento e elas procuram se ajudar para que juntas componham uma equipe mais forte e coesa.

O bom relacionamento e a convivência com as companheiras de equipe também foi destacado pelas ex-ginastas. Todas as onze ex-ginastas entrevistadas apontaram sentir saudades das amizades construídas e da convivência na GR. As ex-ginastas foram perguntadas se sentiam saudades do tempo em treinavam GR na Mangueira e do que. Extraímos algumas respostas:

Saudades eu sinto desde sempre. As meninas sempre foram a minha família, minha companhia. A união que tínhamos sempre foi importante para mim. Muitas das amizades eu mantenho até hoje. Infelizmente a distância acaba nos afastando (EG3, entrevista, 2015).

Claro, sem dúvida nenhuma foi a melhor época a minha vida. Sinto falta das viagens, dos treinos, da amizade e do clima de família que nossa equipe tinha (EG4, entrevista, 2015).

Sim. Saudades de muitas coisas (...) saudades das amizades, o companheirismo, o trabalho em equipe e apresentações (EG2, entrevista, 2015).

Sim! Muitas saudades! Sinto saudades de tudo que vivi, de todo o convívio com as outras ginastas, das viagens para competir, das coisas que aprendi, dos valores que GR me passou, de todo o sentimento bom que esse esporte e meu grupo de GR me proporcionaram ao longo de tantos anos de minha vida (EG10, entrevista, 2015).

Sim, muitas saudades da harmonia que a equipe junto a técnica tinham comigo, dos desfiles de carnaval na escola de samba, das competições e até mesmo dos gritos da técnica (EG5, entrevista, 2015).

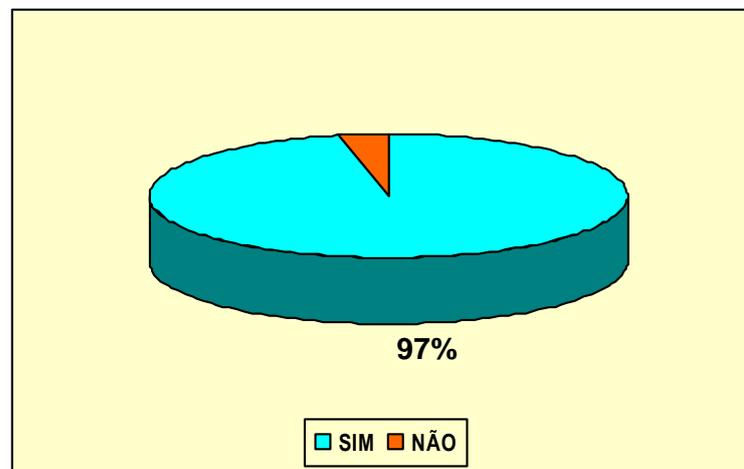
Sinto muita! Sinto falta das amizades que fiz, do companheirismo, de sentir o frio na barriga a cada apresentação, dos conselhos que a Guta nos dava, das viagens, da bagunça no ônibus... Enfim! GR fez parte da minha história (EG8, entrevista, 2015).

Sem dúvidas, a forma como as ginastas se relacionam umas com as outras, foi e continua a ser um fator de motivação e desenvolvimento técnico e pessoal para as ginastas. Nesse momento podemos perceber como as meninas da Mangueira foram e sentem incluídas neste espaço social do qual fizeram ou fazem parte: a GR Mangueira. Quando uma ginasta se despede da GR, ela se despede também de um grupo social, dos seus códigos e simbolismos.

➤ A inclusão social para além das quadras...

Quando abordada a questão sobre a ampliação de oportunidades (ou não) pela prática da GR na Mangueira, 97% ginastas responderam no questionário que através da GR têm sim a oportunidade de conhecer novos lugares e novas pessoas.

Gráfico 06: GR oportuniza conhecer novos lugares e pessoas?



Fonte: Dados da pesquisa

Ainda com relação a esta questão, destacamos das entrevistas realizadas as seguintes respostas:

Nunca tinha ido a uma galeria de arte, com a ginástica tive essa oportunidade. Nunca tinha desfilado na Sapucaí, com a ginástica eu desfilei (G6, entrevista, 2015).

Fazendo ginástica tive oportunidades que não teria porque tem viagens, passeios e muitas coisas que eu não faria se eu não estivesse na ginástica (G5, entrevista, 2015).

Na GR tive oportunidade de fazer coisas, que se eu não estivesse na ginástica não faria como viagens, conhecer pessoas de outros países (G11, entrevista, 2015).

Com a ginástica tive a oportunidade de viajar para vários lugares (G3, entrevista, 2015).

Tive bastante oportunidades de conhecer lugares novos, que não teria se não fizesse ginástica (G7, entrevista, 2015).

Na ginástica tive uma experiência, há muito tempo, em que eu e minhas colegas tivemos a oportunidade de conhecer pessoas novas de outro país e que fazem a mesma coisa que nós (G2, entrevista, 2015).

Acho que se não estivesse aqui, não teria conhecido estrangeiros e aprendido coisas novas, únicas. Também não teria conhecido esse povo maravilhoso que treina comigo (G4, entrevista, 2015).

Fazendo ginástica eu pude desfilhar no carnaval e conhecer a cidade de Campos, talvez se eu não estivesse na ginástica eu não conheceria... Também conheci a cultura Maori dos índios da Nova Zelândia (G9, entrevista, 2015).

Para os responsáveis a inclusão também se dá quando eles observam as meninas serem aplaudidas por outras pessoas e em vários lugares. A eles foi perguntado o que sentem ao ver a ginasta pela qual são responsáveis se apresentando e novamente destacamos algumas respostas:

Nossa, é inexplicável; pelo menos comigo é uma mistura de sentimentos muito grande; orgulho. Uma espécie de alívio pela superação; confesso que até vaidade por ser tão lindo (R1, entrevista, 2015).

Sinto um orgulho enorme, pois sei o quanto se dedica (R4, entrevista, 2015).

Nossa... É uma sensação muito maravilhosa... Lembro que na primeira vez, parecia que meu coração ia saltar pela boca, me arrepiou dos pés a cabeça. E até hoje isso acontece. Tenho muito orgulho (R3, entrevista, 2015).

Sinto orgulho quando vejo ela se apresentar (R10, entrevista, 2015).

Fico emocionada e feliz quando ela se apresenta (R8, entrevista, 2015).

Orgulho de ver como vale a pena os treinos e as dores que ela sente; fico muito emocionada (R5, entrevista, 2015).

Muito grata, feliz e realizada (R2, entrevista, 2015).

Sinto muita emoção e orgulho (R7, entrevista, 2015).

Emoção, orgulho, alegria, felicidade. É um momento ímpar (R6, entrevista, 2015).

Fico feliz por ver minha filha feliz (R11, entrevista, 2015).

De certa forma esse orgulho e felicidade relatados pelos responsáveis denotam a alegria de verem suas meninas incluídas, respeitadas e aplaudidas pelo seu fazer em diferentes ambientes. Contudo, não é possível negar a existência de um receio inicial sobre como as meninas seriam recebidas em cada apresentação. Felizmente, na maioria das vezes, o que se constatou foi o sentimento de alegria e orgulho, na medida em que através das boas apresentações, as meninas conquistavam os espaços, o respeito e o aplauso do público que as assistia.

A cada novo espaço onde as ginastas se apresentavam, permeavam e ocupavam estes espaços, gerando um sentido de pertencimento a eles e por consequência, seus responsáveis. Assim a cada nova apresentação um espaço físico, simbólico e social foi ocupado com sucesso por elas.

O que se observa é a dinâmica que se estabelece no campo¹⁵ esportivo, no momento do trânsito em que as meninas da Mangueira caminham: dentro e fora do espaço da Vila Olímpica; dentro e fora de padrões e costumes; ratificando ou retificando hegemonias e subalternidades. Nesse sentido, a fala (seja a do outro, seja a do indivíduo) é algo legitimador, ou que dá valor. Cabe ressaltar o poder dos discursos que se estabelecem, lembrando que “a maior parte dos discursos que foram ou são pronunciados em favor do ‘povo’ são obra de produtores que ocupam posições dominadas no campo de produção” (BOURDIEU, 2004, p.183).

(...) os campos, segundo Bourdieu, têm suas próprias regras, princípios e hierarquias. São definidos a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação e construídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que são seus membros (CHARTIER, 2002, p. 140).

É a partir das construções e experiências da vida neste espaço menor, representado pela equipe de GR, que as ginastas “se colocam” na relação e interação em outros espaços e contextos. Assim o trânsito e a inclusão dessas meninas em diferentes espaços sociais e simbólicos, menores e maiores, está em permanente construção e para elas ocorre naturalmente na medida em que aprendem a conviver dentro e fora da GR Mangueira.

Todo e qualquer capital (social, cultural e simbólico) que as ginastas possam acumular as enriquecem na medida em que ampliam seu repertório de visão e ação no mundo. A prática da GR pode auxiliar no sentimento de inclusão, mas não resolve a exclusão em si e o seu

¹⁵ O campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos actos ou nos discursos que eles produzem, têm sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções (BOURDIEU, 2003, p. 179).

sentimento, pois existem muitas variáveis como raça, classe, gênero, por exemplo, que vão para além desta prática e que não são foco desta pesquisa.

Todas as ginastas através da resposta ao questionário asseguraram que se sentem bem recebidas pelas pessoas quando representam a Vila Olímpica da Mangueira em eventos externos.

Na fala da ex-ginasta EG2 percebemos como este sentimento de inclusão nesses espaços específicos se dá de forma significativa para muitas delas.

Quando você mora na favela as pessoas impõem milhões de estereótipos e eu vi e sofri todos esses (certamente sofri menos que a maioria das minhas amigas negras da GR), mas quando eu estava na ginástica eu me sentia importante, além de tudo isso. Eu de alguma maneira sentia que as pessoas viam que eu era capaz de desenvolver algo bom, belo, especial. Na escola eu era chamada para fazer apresentações ou representar a escola no desfile de sete de setembro. Nos lugares fora da favela da minha casa, as pessoas sempre comentavam ou me pediam para fazer algo da GR: 'olha o que essa menina faz'! Nesses momentos pouco importava onde eu morava, e se importava, era de maneira diferente, era algo, 'supremamente'. Como acontecia quando nós da equipe GR Mangueira apresentávamos nos lugares, o que fazíamos com tanta qualidade técnica, surpreendia as pessoas. Hoje eu entendo que elas não esperavam aquilo da gente (EG2, entrevista, 2015).

Por todo o exposto é possível dizer que através da prática da GR na Mangueira as ginastas ampliaram vivências que contribuíram para que pudessem cada vez mais aprender a conviver entre elas e com as demais pessoas presentes não só no cotidiano da GR, mas que circulam em diferentes meios sociais. Essas vivências na GR também contribuíram para que se ampliasse o repertório de conhecimentos e bagagem cultural das ginastas. Conheceram novas pessoas e lugares, interagindo e estabelecendo relações entre o que sabem e o que adquirem nessas experiências. Houve uma produtiva troca de saberes e práticas entre as ginastas, outros grupos e contextos.

4.3 Desenvolvimento humano rumo a um desenvolvimento integral: vida escolar, construção de valores positivos, qualidade de vida.

Neste eixo de discussão tratamos das possibilidades diversas de desenvolvimento pessoal, possibilidades essas que vão além do bem estar econômico. Oportunidades quaisquer que possam contribuir para o desenvolvimento de capacidades do ser humano ampliando os diversos tipos de capital (cultural, simbólico, etc).

O conceito de desenvolvimento humano nasceu definido como um processo de ampliação das escolhas das pessoas para que elas tenham capacidades e oportunidades para serem aquilo que desejam ser.

Diferentemente da perspectiva do crescimento econômico, que vê o bem-estar de uma sociedade apenas pelos recursos ou pela renda que ela pode gerar, a abordagem de desenvolvimento humano procura olhar diretamente para as pessoas, suas oportunidades e capacidades. A renda é importante, mas como um dos meios do desenvolvimento e não como seu fim. É uma mudança de perspectiva: com o desenvolvimento humano, o foco é transferido do crescimento econômico, ou da renda, para o ser humano.

O conceito de Desenvolvimento Humano também parte do pressuposto de que para aferir o avanço na qualidade de vida de uma população é preciso ir além do viés puramente econômico e considerar outras características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade da vida humana (PNUD, 2015).

Situar o ser humano no cerne do desenvolvimento, alavancando seu potencial, é uma visão que perpassa o trabalho com as meninas da Mangueira. Oportunizando a troca com diferentes realidades sociais e culturais, o leque para suas escolhas pode ser ampliado.

4.3.1A prática da GR na Mangueira e sua influência na vida escolar nas ginastas.

A fim de investigar a influência da prática da GR na vida escolar das ginastas colhemos dados com ginastas e seus responsáveis. Buscamos encontrar evidências da relação entre as experiências de praticar a GR no projeto e a vida escolar, percebendo como essa relação se materializa no cotidiano das meninas. Será que o que elas vivenciam treinando contribui de alguma forma com a experiência escolar delas? Há um trânsito de aprendizagens e conteúdos entre a GR e a escola? Os dados que serão apresentados apontam que sim. As ginastas conseguem estabelecer pontes entre sua prática na GR e as disciplinas da escola.

Por exemplo, quando as ginastas são orientadas espacialmente para realização de determinado exercício, é pedido que elas se coloquem em diagonal. Algumas ginastas com menos idade relataram que quando estudaram este conteúdo nas aulas de matemática, já o conheciam da GR. As ginastas mais velhas, que já haviam visto na escola este conteúdo, apontam que puderam vivenciar/aplicar concretamente conceitos que, na maioria das vezes, são desenvolvidos de forma abstrata nas salas de aula.

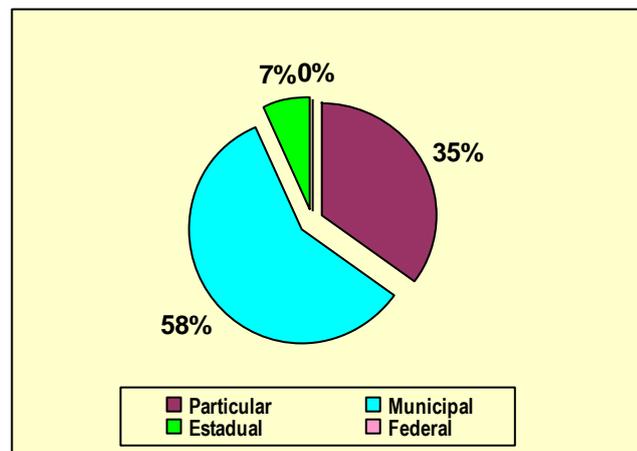
Assim, percebemos que as ginastas puderam estabelecer pontes entre o conhecimento aprendido na GR e nas aulas de matemática. Outros conteúdos como lateralidade, noções de espaço e forma, noções de tempo, também foram assimilados e posteriormente utilizados pelas meninas na escola e em seus cotidianos. Esta relação é uma via de mão dupla, pois muitas vezes, as ginastas também trazem para os treinos o que aprenderam na escola.

Existem outros exemplos que poderíamos citar com relação aos conteúdos vivenciados na GR que poderiam dialogar com conteúdos de outras disciplinas da escola como ciências (já que elas aprendem na GR sobre as partes do corpo e cuidados com a saúde e alimentação), geografia (toda vez que as meninas entram em contato com pessoas de lugares diferentes ou que viajam para apresentações, elas realizam uma dinâmica onde cada uma traz uma informação ou curiosidade a respeito desses lugares).

Estar matriculado(a) e frequentando a escola é uma exigência do Projeto Olímpico. Essa exigência foi constatada quando todas as ginastas que responderam ao questionário informaram estarem estudando, a escola que frequentam e o ano (série) que estavam cursando. Um dado interessante a ser observado é que todas as ginastas se encontravam no nível escolar considerado correto para sua idade.

Através dos dados colhidos nos questionários foi possível constatar que 65% das ginastas estudam em escolas públicas e 35% em escolas particulares.

Gráfico 07: Tipo de Escola que frequenta



Fonte: dados da pesquisa

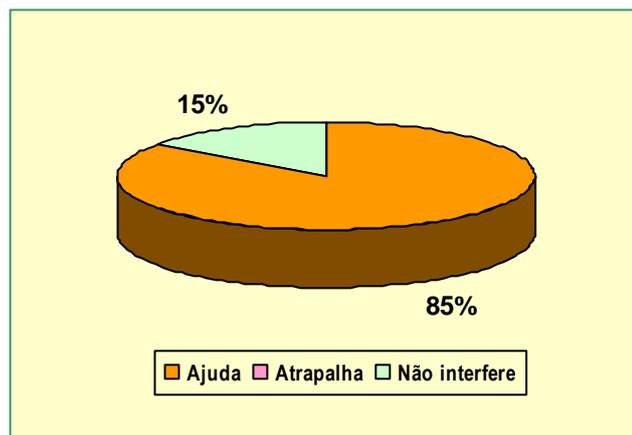
Analisando o gráfico observamos que a maioria das ginastas estuda em escolas públicas municipais. No que se refere à porcentagem de ginastas que declararam estudar em escola particular (35%), vale ressaltar que 52% destas estudam na Escola Tia Neuma, um convênio entre o Colégio Santa Mônica e a Vila Olímpica da Mangueira, portanto, estas ginastas têm gratuidade na escola. Os responsáveis por estas ginastas que declararam estudar em escola particular não arcam com nenhuma despesa financeira com a escola.

A pergunta quanto à interferência da prática da GR na vida escolar das ginastas compôs os questionários de responsáveis e de ginastas. Dos responsáveis que responderam,

100% tiveram a percepção de que a prática da GR estava ajudando no desenvolvimento escolar das ginastas.

Para analisar o gráfico abaixo, é importante dizer que as ginastas têm a percepção de que um bom desenvolvimento escolar significa boas notas, ou seja, dentro e acima da média escolar e aprovação no ano que cursa. Assim, 85% das ginastas consideraram que a GR ajuda no seu desenvolvimento escolar e 15% consideraram que a GR não interfere. Ou seja, 100% das ginastas consideraram que a prática da GR não atrapalha o seu desenvolvimento escolar.

Gráfico 08: GR e Desenvolvimento na Escola



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao responderem o questionário, 92% dos responsáveis afirmaram que a escola apóia as atividades da ginasta. Estes dados podem nos levar a crer que a escola está disposta a dialogar com outros meios de desenvolvimento dos alunos, fora da escola – educação formal. Contudo, 8% responsáveis relataram que escola não apóia a ginasta nas atividades relacionadas à prática da GR. Quase a totalidade dos responsáveis, 98%, relataram estarem satisfeitos com o desempenho escolar da ginasta pela qual é responsável.

Concluiu-se então, que a prática da GR não atrapalha o desenvolvimento escolar das ginastas.

Acreditamos que inicialmente as ginastas queiram garantir um bom desempenho escolar para não perderem o acesso a essa atividade, pois não é incomum que os responsáveis utilizem de mecanismos “de troca” como: caso a ginasta não tire boas notas, sairá da GR. A GR acaba por se tornar uma moeda de troca. Se vai bem na escola, a ginasta pode treinar. Caso não, estará fora.

A influência da GR na vida escolar dela é uma influencia positiva quando ela se esforça para ter bom rendimento na escola pra poder continuar na equipe (R1, entrevista, 2015).

Tenho um acordo com a minha filha pelo desempenho na escola [...] Ela tem responsabilidade para conciliar as tarefas (R4, entrevista, 2015).

Com a prática da GR as ginastas são estimuladas a encontrarem nos estudos uma importância para seu desenvolvimento. Por sua vez, existe também a influência da técnica (professora), que reforça junto aos responsáveis e ginastas a necessidade de um bom desempenho escolar. Nesse ponto existe uma comunhão bem clara entre as exigências do Projeto Olímpico, a técnica e os responsáveis no sentido da valorização do estudo.

É importante observar que, com o passar do tempo, as ginastas se tornam mais conscientes da importância do estudo e já não se tornam mais necessários mecanismos “de troca” por parte dos responsáveis.

Pra passar pra equipe ela mudou de horário na escola, da tarde pra manhã. E mesmo agora com horário na escola estendido, chega no treino atrasada, mas não falta. Muitas vezes faz dever de casa ainda na escola, em horário vago, no recreio; pra ter mais tempo em casa pra outras tarefas, até mesmo pra treinar em casa. Ela gosta também de aprender tocar instrumentos musicais e intercala com as demais tarefas (R1, entrevista, 2015).

Vejo os treinos influenciarem na escola com certeza. Elas precisam ter boas notas e não ter faltas e isso faz terem responsabilidade” [...] “Pela manhã estuda. Segunda, quarta e sexta à tarde vai aos treinos e depois que chega dos treinos estuda e faz os deveres de casa. Terça e quinta estuda melhor as dificuldades (R3, entrevista, 2015).

Ela sempre foi muito estudiosa e a ginástica só acrescentou com a disciplina pois ela precisa tirar boas notas [...] Ela estuda na parte da manhã então a ginástica não atrapalha em nada o horário e as tarefas da escola (R10, entrevista, 2015).

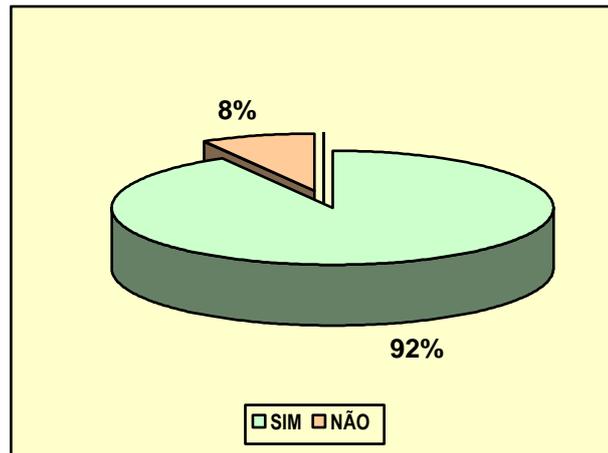
Dando responsabilidade e o cuidado com as coisas e com si própria [...] ela concilia de forma bem aproveitável a escola e a GR, sempre com muito amor e zelo (R8, entrevista, 2015).

A escola é na parte da manhã e a ginástica na parte da tarde. Nos dias que não tem treino ela estuda mais e coloca em dia as tarefas da escola (R5, entrevista, 2015).

Claro que os treinos influenciam na vida escolar dela. Trazem disciplina e concentração [...] É uma correria, mas no final tudo dá certo. Estuda de manhã, sai voando, troca de roupa pra chegar no horário do treino. As outras atividades são escolhidas de modo que não atrapalhe a GR (R6, entrevista, 2015).

Quando as ginastas passam a compreender que é fundamental que tenham organização, disciplina e responsabilidade para conciliarem a escola com as atividades da GR conseguem incorporar no seu cotidiano a importância do estudo. O gráfico abaixo aponta o resultado encontrado quando foi perguntado às ginastas no questionário se utilizam na escola o que aprendem na GR.

Gráfico 09: Utiliza na escola o que aprende na GR?



Fonte: Dados da Pesquisa

Podemos dizer que as ginastas estabelecem pontes entre o que aprendem na GR e na escola, podendo assim utilizar o que foi aprendido com GR na escola e vice-versa. Para ilustrar este fato podemos apresentar o seguinte dado: 92% das ginastas apontaram que utilizam na escola o que aprenderam praticando GR.

Com relação a conciliação entre a prática da GR e a escola, destacamos as seguintes falas:

Estudo à noite e nos finais de semana. Faço as tarefas depois que chego da GR e quando tem trabalho em grupo marco para os dias que não tem treino (G6, entrevista, 2015).

Os treinos influenciam na escola porque a ginástica me ensina a ser mais dedicada, esforçada, cumprir com o horário certo e ter mais responsabilidade” [...] “Eu estudo na parte da manhã para poder treinar à tarde e quando trabalho, marco para os dias que não tem treino e assim consigo conciliar os treinos com a escola (G5, entrevista, 2015).

Na escola a ginástica me ensina a ter mais responsabilidade, mais dedicação e me ajuda nas aulas de educação física” [...] “Fazer ginástica não me atrapalha em nada na escola, eu consigo ter tempo para treinar e pra estudar (G11, entrevista, 2015).

A ginástica está presente em minha vida fora das quadras. Aprendo a me concentrar na escola, decorar textos como faço com as coreografias (G10, entrevista, 2015).

Os treinos me ajudam a ter mais responsabilidade, a chegar no horário na escola, a ter mais dedicação e também quando tem trabalhos sobre esportes” [...] “De vez em quando eu estudo quando eu chego da ginástica, sempre na parte da noite. Sempre quando tem trabalho em grupo tento sempre marcar para os dias que não tem ginástica; estou sempre fazendo minhas tarefas de casa e também sempre tento tirar uma boa nota (G1, entrevista, 2015).

Bom, na minha vida escolar a ginástica influencia, de maneira geral, no sentido de responsabilidade, foco e determinação; ou seja, na hora de estudar eu paro o que estou fazendo e me dedico totalmente àquilo e só penso em outra coisa depois de ter acabado os estudos” [...] “eu estudo de manhã até o meio dia e treino de tarde até no máximo às dezessete horas, às segundas, quartas e sextas. Quando chego da GR me

preocupo com meus estudos e às terças e quintas me preocupo mais em estudar, aprofundar. Também deixo meu tempo livre para ler livros ou fazer outras coisas ligadas ao lazer (G2, entrevista, 2015).

Estar na ginástica influencia na minha vida escolar me fazendo ter mais responsabilidade, foco, força de vontade e determinação”. [...] “Tudo o que eu faço está no tempo certo. Eu estudo pela manhã e faço curso de inglês às quintas. Então costumo dizer que a GR não me atrapalha, pelo contrário, me distrai, ocupa a minha mente com coisas diferentes. Outra coisa que eu não concordo é dizer que, se eu não obtive uma nota ou algo muito importante, é culpa da GR. A GR pra mim só traz benefícios (G4, entrevista, 2015).

As experiências e valores obtidos com a GR e que foram incorporados pelas ginastas, também se refletem nas tarefas escolares. É possível sim que as ginastas conciliem a GR com a escola, com êxito, como demonstrado nas falas acima.

4.3.2 Construção de valores positivos, com ênfase na formação humana.

Responsabilidade. Disciplina. Trabalho em equipe. Respeitar. Amor. Vida. Essas palavras se repetiram de forma veemente em todas as entrevistas com ginastas e ex-ginastas. Orgulho. Ver minha filha feliz. Responsabilidade. Concentração. Disciplina. Essas foram palavras e expressões que se repetiram em todas as entrevistas com os responsáveis.

Deparar-me com a quantidade de respostas que repetiam palavras representativas de valores foi algo muito significativo. Afinal as entrevistas foram realizadas individualmente, em lugares e dias diferentes e com liberdade para que as pessoas respondessem aquilo que quisessem e sentissem, sem quaisquer induções e/ou interferências.

Há realmente uma incorporação de valores e sentimentos por essas meninas durante sua permanência na prática GR: lidar positivamente com as individualidades em meio ao coletivo; respeitar e dialogar com as diferenças; dominar os códigos e condutas da vida em sociedade. Dessa forma, são capazes de atuar de forma crítica, consciente e participativa na construção de uma sociedade plural, mais justa e menos excludente para todas as pessoas. Quando a sociedade em que estamos inseridos é cada vez mais marcada por exclusões, individualismos e disputas, o desenvolvimento humano não pode deixar de ser priorizado.

Quando as ginastas e ex-ginastas relatam a forma como atuam no mundo que as cerca, a partir do que trazem de bagagem na prática da GR na Mangueira, podemos considerar que essas meninas, outrora olhadas pelo viés de suas fragilidades (pobres, moradoras de comunidades, público alvo de ações protecionistas), adquiriram múltiplas competências e valores que as fortaleceu enquanto indivíduos e que as tornou capazes de serem agentes multiplicadoras e promotoras dos valores positivos que incorporaram. Os trechos de entrevistas cedidas pelas ginastas que serão transcritos abaixo, corroboram essa afirmação.

Levo pra mim que é possível você competir sem precisar pisar em ninguém, que quando trabalhamos em equipe as coisas se tornam mais fáceis e que precisamos ter responsabilidade (EG4, entrevista, 2015).

Aprendi que cada criança e adolescente trás consigo uma cultura de vida; temos que alcançá-la de alguma forma e isso é um trabalho duro (EG11, entrevista, 2015).

Aprendi a ter força de vontade, não desistir fácil das coisas; vivenciei muitos momentos bons e emocionantes ao lado de todas (EG09, entrevista, 2015).

Aprendi a ter garra quando se quer algo; e no pessoal a professora me deu vários conselhos (EG6, entrevista, 2015).

Aprendi a entender mais as pessoas, suas dificuldades e a lidar com as diferenças (EG8, entrevista, 2015).

A GR me ensinou a ser disciplinada, correta e responsável em relação a tudo na minha vida. Me ensinou a trabalhar em equipe e ser colaborativa (EG1, entrevista, 2015).

A GR acrescentou mais responsabilidade, me ensinou o que é trabalhar em equipe e a lidar com as diferenças alheias (EG4, entrevista, 2015).

Eu aprendi respeito, disciplina e ter fé nas pessoas que eu tenho lá (G12, entrevista, 2015).

A Ginástica está presente em tudo: na saúde, no respeito com meus pais, aprendi a ser um pouco mais madura. A ginástica não está só presente dentro de quadras, está na vida pessoal também (...) Aprendi a ter mais responsabilidade, a esperar porque com o tempo tudo vem... Enfim, aprendi lições que irei levar para toda a vida (G6, entrevista, 2015).

Fazendo GR aprendi a ter responsabilidade, respeitar, a fazer novas amizades (...) A ginástica está presente em todos os lugares, porque faz parte do meu dia-a-dia (G5, entrevista, 2015).

Fazendo ginástica aprendi a me organizar, me esforçar, respeitar a todos (G7, entrevista, 2015).

Fazendo ginástica aprendi a fazer os exercícios da GR e principalmente lidar com pessoas diferentes de mim; aprendi e ainda continuo aprendendo a viver socialmente, cada vez melhor (G2, entrevista, 2015).

Lá a gente aprende muita coisa, como responsabilidade, atenção, disciplina e muitas outras coisas que me ajudam na minha vida fora da ginástica (...) a ginástica faz parte da minha vida fora das quadras quando respeito meus pais, aprendo a obedecê-los, a saber a hora certa de falar e dar minha opinião na minha família (G9, entrevista, 2015).

Fazendo ginástica aprendi a respeitar o próximo, a trabalhar em equipe, a saber ganhar e perder (...) acho que a GR me ajudou na postura, nos dois sentidos: em relação ao corpo e a ter mais respeito no meio em que vivo (G4, entrevista, 2015).

Com a ginástica aprendi tudo. Aprendi a ter responsabilidade, coisas novas e conhecer os movimentos (...) Aprendi respeitar os mais velhos (...) A ginástica está presente na minha vida em casa e na rua (G14, entrevista, 2015).

Nas entrevistas, quando perguntados sobre o que a ginasta pela qual é responsável aprende fazendo GR na Mangureira, as respostas foram unânimes em apontar os valores positivos adquiridos pelas meninas.

Ela aprende a ter disciplina, comprometimento, aprende convivência em grupo (R1, entrevista, 2015).

Fazendo GR ela aprende que a disciplina é fundamental, mas tem várias vantagens como o trabalho em equipe, organização, responsabilidade (R4, entrevista, 2015).

Ela aprende noção de cidadania, respeito, responsabilidade (R3, entrevista, 2015).

Além da ginástica em si, que é lindo, ela aprende a ter disciplina, comprometimento, trabalhar em equipe e ter responsabilidade (R10 entrevista, 2015).

Fazendo GR ela aprende a ter responsabilidade, a se comunicar com as pessoas e ser mais feliz (R5, entrevista, 2015).

Aprende disciplina, educação, companheirismo, compromisso, respeito [...] Ajuda no caráter das meninas (R2, entrevista, 2015).

Ela aprende a ser responsável e ser disciplinada [...] ajuda na disciplina, no trabalho em equipe e na concentração (R6, entrevista, 2015).

Ela aprende a fazer amizades e ficou com mais postura depois que começou a fazer GR. Ficou mais obediente e menos tímida (R11, entrevista, 2015).

Aprende a ter responsabilidade (R8, entrevista, 2015).

Aprende disciplina de maneira geral (R7, entrevista, 2015).

No relato dos responsáveis podemos notar como fica claro para eles a aquisição de valores positivos, competências e atitudes pelas ginastas.

4.3.3 Corpo e mente saudáveis: dois elementos importantes na qualidade de vida.

A luz
Se fez nascer de um novo dia
E a mangueira em poesia
Fez luzir um clarão
Criou a juventude campeã
De corpo são e mente sã
É o Brasil do amanhã
(Samba enredo, Mangueira, 1997).

Herculano (2000) apresenta a dificuldade em discutir um conceito de qualidade de vida, pois qualidade de vida seria algo adjetivo e relativo. Ainda esta dificuldade aponta que: *“Há outras críticas ao tema: a questão do entendimento sobre o que é qualidade de vida também pode ser vista como desnecessária, não por ser desimportante ou pouco palpável, mas pela sua obviedade”* (p.5)

A avaliação da qualidade de vida, ainda para o autor, vem ocorrendo de duas formas diferenciadas:

1) em primeiro lugar, examinando-se os recursos disponíveis, a capacidade efetiva de um grupo social para satisfazer suas necessidades (...) 2) Uma segunda forma de estimar a qualidade de vida é avaliar as necessidades, através dos graus de satisfação e dos patamares desejados (HERCULANO, 2000, p.5)

Pereira, Teixeira e Santos (2012) mostram que o conceito de qualidade de vida está cada vez menos restrito a fatores relacionados à saúde e mais ligado a elementos importantes da vida como trabalho, família, amigos e circunstâncias do cotidiano. Contudo, apesar das diferentes abordagens, corpo e mente saudáveis continuam a ser dois elementos importantes na qualidade de vida.

Do ponto de vista do bem estar físico as ginastas tiveram oportunidade da própria prática esportiva, com a repetição de exercícios e realização de aulas práticas.

A prática GR possibilitou aquisição de múltiplas competências, além de melhorar sua condição física e aprimorar habilidades motoras e técnicas necessárias a prática esportiva e as atividades da vida diária, evitando (ou amenizando) problemas de saúde como sedentarismo, obesidade, problemas posturais, dentre outros. Para Le Breton (2013) *“Ao mudar o corpo, o indivíduo pretende mudar sua vida, modificar seu sentimento de identidade (...) dispensando um corpo antigo mal-amado, a pessoa goza antecipadamente de um novo nascimento, de um novo estado civil [Le Breton, 1992] (p.30).*

As ginastas foram orientadas também quanto à importância dos cuidados com o corpo, no sentido de pensar uma educação para a saúde. Hábitos saudáveis como alimentação correta e saudável, higiene e cuidados pessoais, importância de horas de sono e estilo de vida promovem indivíduos saudáveis, sejam eles atletas, alunos ou não. Afinal como nos lembra Le Breton (2013): o corpo pode (e deve) ser um lugar privilegiado de contato com o mundo. É no corpo e através dele que todas as relações se estabelecem. Relações com o outro, com ambiente que o cerca, com o mundo.

Se em todas as sociedades humanas o corpo é uma estrutura simbólica (Le Breton 1990; 1993) torna-se aqui uma escrita altamente reivindicada, embasada por um imperativo de se transformar, de se modelar, de se colocar no mundo (Le Breton, 2013, p.31).

É válido lembrar que no Projeto Olímpico da Mangueira as ginastas têm acesso a serviços especializados de nutrição, fisioterapia, clínica médica e psicologia.

Em relação ao bem estar emocional e psicológico as ex-ginastas e ginastas descreveram como se sentem bem e felizes ao praticarem a GR. Como a prática da GR representa um espaço de lazer e bem estar. Inclusive, no caso específico de uma ginasta, é relatado por sua responsável o quanto a prática da GR foi importante no auxílio ao tratamento dos distúrbios psicológicos que a ginasta apresenta.

Ela aprende (...) além de aprender a trabalhar seu corpo e a importância de ter uma alimentação saudável, balanceada(...) Pra minha filha a GR não é simplesmente uma atividade esportiva; tem uma importância maior na vida dela; GR tem uma influência significativa em sua autoestima. Ajudou muito no tratamento da depressão, no tratamento do transtorno de autoflagelo. GR pra ela significa corpo e mente saudáveis (R1, entrevista, 2015).

Ainda com relação ao este sentimento de satisfação as ginastas descrevem como se sentem na prática da GR:

Me dá alegria, satisfação, energia (...) uma conquista foi perder a timidez (G10, entrevista, 2015).

Nos treinos me sinto leve e muito bem (G3, entrevista, 2015).

Quando estou me apresentando me sinto a poderosa porque eu amo o que eu faço (...) Nos treinos eu me sinto ótima e cada dia tento dar o meu máximo possível (G1, entrevista, 2015).

Nos treinos me sinto bem porque estou fazendo o que sei fazer de melhor (G7, entrevista, 2015).

Nos treinos me sinto melhor com relação aos problemas pessoais e escolares, me desestresso; é um tempo do meu dia em que eu esqueço de tudo (G2, entrevista, 2015).

gosto de treinar, porque além de ser um esporte que eu admiro muito, é algo que me traz muita felicidade (...) A GR é uma atividade física, que já é um ponto bom, pois traz benefícios à saúde; é meio de responsabilidade, educação e também é mais alguma coisa que pode me distrair (G4, entrevista, 2015).

Destacamos importantes falas de duas responsáveis quanto à relação entre prática da GR e a qualidade de vida.

(...) Todo e qualquer esporte faz bem a qualquer criança; e a GR ajuda as meninas a terem postura; elas aprendem muita coisa inclusive a cuidar do corpo; aprendem a lidar com limitações (R1, entrevista, 2015).

Ginástica Rítmica é importante por vários aspectos, esporte faz bem pra saúde e a transformação é imediata; elas criam uma independência, responsabilidade, disciplina (R4, entrevista, 2015).

Por fim, recorreremos às falas das ex-ginastas no intuito de mostrar o legado da prática da GR na vida das ex-ginastas.

Em relação às técnicas no esporte, me acrescentou mais confiança, leveza, coordenação, flexibilidade, postura. Em relação à minha vida fora da GR, acrescentou muito aprendizado, muito mais respeito e amor ao esporte, mais bem estar físico e mental. (...) Levo todas as experiências que tive, sendo boas ou não tão boas assim. Tudo que aprendi sobre esse esporte incrível e a sintonia que ele proporcionou à minha vida, o sentido que ele trouxe para mim na época foi algo que com certeza marcou a minha vida para sempre (EG10, entrevista, 2015).

Se hoje sou a profissional, a filha, a aluna e a líder que sou quando preciso é por esse ensinamento recebido ao longo desses sete anos de convivência intensa com essa equipe maravilhosa. Sou grata pela família que recebi. Foram tantas pequenas conquistas e sempre com uma liderança positiva e que nos levava a pensar sempre no melhor e acreditar em nossa capacidade (EG3, entrevista, 2015).

Bem, a maior conquista na GR foi me sentir importante, participante de algo bom. A GR me fez sentir capaz de buscar e conquistar qualquer coisa (EG1, entrevista, 2015).

Por todo exposto, fica evidente a relação entre a prática da GR e promoção de satisfação física, social e emocional para ginastas que a praticam na Mangueira.

O corpo deixa de ser uma máquina inerte e torna-se um *alter ego* de onde emanam sensação e sedução. Torna-se o local geométrico da reconquista de si, território a ser explorado à espera de sensações inéditas a experimentar (terapias corporais, massagens etc) (Perrin 1984), local do contato desejado com o ambiente (corrida, caminhada etc), local privilegiado do bem-estar ou do parecer bem por meio da forma física e da juventude a ser mantida. (LE BRETON, 2013, p.53)

Até aqui, descrevemos e analisamos dados com relação à democratização de esporte, inclusão social e socialização, desenvolvimento humano rumo a um desenvolvimento integral no cotidiano das ginastas de GR do Projeto Olímpico da Mangueira. Contudo, apesar de esclarecer os benefícios advindos da prática da GR em inúmeros aspectos, existem entraves e limitações a esta prática esportiva. Dentre esses entraves e limitações podemos considerar a fala de algumas ginastas quanto à falta de oportunidades em competir. Fato este que tem direta relação com dificuldades e decepções relatadas pela maioria dos responsáveis no que diz respeito ao investimento financeiro na modalidade (que consideram insuficiente) traduzida por eles na falta de apoio e verba para GR.

Gostaria de competir, mas ainda não tive essa oportunidade (G6 entrevista, 2015).

Eu queria competir, mas ainda não tive essa oportunidade (G9, entrevista, 2015).

A coisa mais difícil foi não ter visto minha filha participar de competições pois desde que ela entrou não teve (R10, entrevista, 2015).

Uma decepção foi não ter conseguido patrocínio para ir para a Finlândia (G5, entrevista, 2015).

A coisa mais difícil é que nem sempre o transporte está disponível para levar a gente em apresentações (G10, entrevista, 2015).

A coisa mais difícil é vê-las levar o nome de um patrocinador que não faz mais nada por elas. Vê-las dar seu tempo, seus esforços, superar suas dores e ainda assim não terem reconhecimentos (R3, entrevista, 2015).

O patrocínio acho que deixa muito a desejar (R5, entrevista, 2015).

As ginastas poderiam ter um espaço só para elas e aparelhos próprios para os treinos (R7, entrevista, 2015).

Podia melhorar a atenção com as meninas com relação a uniforme, aparelhos, sapatilhas, água gelada, tênis [...] Acho que a coisa mais difícil delas treinarem seria a falta de atenção com as atletas sem uniforme e sem água gelada (R1, entrevista, 2015).

Acho que ainda tem muito que melhorar... Como: um espaço exclusivo para o treino das ginastas, pois elas não têm e ficam se revezando de quadra em quadra,

aguardando outros esportes saírem para elas treinarem; uma sala maior para guardarem seus aparelhos; materiais, roupas (collants, shorts, tênis, tops). As ginastas não recebem uniformes já há dois anos (R3, entrevista, 2015).

Muita coisa poderia melhorar; dando mais importância, fornecendo mais verba para aparelhos, ambientes mais limpos, mais atenção para esse esporte (R4, entrevista, 2015).

Valorizar mais as professoras mantendo seu pagamento em dia (R10, entrevista, 2015).

Podia melhorar praticamente tudo como: transporte, ambiente para treino, etc (...) O ambiente é muito quente e às vezes sujo; nas apresentações tem ambientes excelentes (R8, entrevista, 2015).

Podia melhorar muita coisa. Ter um espaço só delas, ter um patrocínio bom. Elas treinam e se esforça e não têm retorno nenhum de patrocinador de roupa, aparelho, tênis (R11, entrevista, 2015).

Quando nos referimos a entraves e limitações na prática da GR, a questão da permanência foi um importante ponto considerado por ex-ginastas, ginastas e responsáveis. Porém no caso das ginastas e responsáveis os relatos quanto à questão da não permanência foram associados a fatores pessoais e inerentes a realidades sociais das ginastas. Esses fatores abarcam questões que vão desde problemas de comportamento com os familiares até acidentes como incêndio de residência. Esses são alguns dos que aparecem nas entrevistas, embora no cotidiano da prática da GR outros sejam expostos em momentos outros que não da entrevista.

Em alguns casos houve superação dos fatores que foram empecilhos à prática da GR e as ginastas puderam retornar aos treinos, inclusive incentivadas por seus responsáveis.

Saí da ginástica porque os treinos, por conta das apresentações, estavam muito pesados e por motivos pessoais. Eu voltei para ginástica, porque justamente nesse tempo em que eu fiquei fora eu percebi que sair foi a pior decisão da minha vida (G2, entrevista, 2015).

Saí da ginástica porque estava ficando difícil treinar por causa da escola. Voltei porque senti saudades e consegui me organizar com a escola (G3, entrevista, 2015).

Minha filha interrompeu os treinos por um ano. Por vários fatores. (...) seu rendimento na escola não estava bom e por estar apresentando problemas psicológicos. Apoiei o retorno pra tentar ajuda no tratamento pra depressão (R1, entrevista, 2015).

Disciplina é fundamental e minha filha estava um pouco respondona. Tirei ela da GR, tive o apoio da professora, onde conversamos e pudemos juntas resolver todo o problema. O apoio da professora foi fundamental para me ajudar (R4, entrevista, 2015).

Minha filha já interrompeu os treinos. Achou que tinha que dedicar mais tempo para o estudo. Quando ela achou que era a hora de voltar e que estava fazendo falta se exercitar, ela voltou (R5, entrevista, 2015).

Sim, minha filha já parou de treinar. Ano passado após um incêndio na minha casa tive que me mudar, pois perdemos tudo. Foi um ano muito difícil com a perda do

avô dela. Também ela pensou em desistir. Quis voltar depois. Obrigada Guta por nunca ter desistido da minha filha. Nunca (R11, entrevista, 2015).

Uma pequena parte dos responsáveis relatou problemas com respeito à conciliação da GR com a escola no tocante ao horário escolar. Apesar disso, não houve a necessidade de que as ginastas deixassem de praticar a GR.

A coisa mais difícil é o tempo que tem quando ela volta da escola para ir pra GR. Tem pouco tempo e fazemos tudo para ela não se atrasar (R4, entrevista, 2015).

No momento a única dificuldade é o horário. Conciliar o horário da escola com o horário do treino (R1, entrevista, 2015).

No caso das ex-ginastas percebe-se claramente nas entrevistas como foi difícil deixarem a GR e todo o contexto que as envolvia enquanto faziam parte da equipe de GR da Mangureira. A maioria das ex-ginastas entrevistadas apontou que o momento mais difícil que elas vivenciaram na GR foi o momento de deixarem a equipe. Embora esse momento seja relatado como de dificuldade, podemos interpretar que um ciclo se encerra com novas possibilidades pela frente, já que as meninas deixaram de treinar para ingressarem no mercado de trabalho ou para aprofundarem seus estudos.

Na entrevista era preciso completar a seguinte frase: coisa mais difícil de ter treinado GR na Mangureira foi... Optamos por destacar algumas respostas marcantes:

Deixar de fazer parte da equipe e me afastar de você, apesar de ser uma eterna ginasta dura e a filha desnaturada de seu coração (EG3, entrevista, 2015).

Ter que ir embora e deixar para trás algo que eu sempre amei fazer... Até hoje eu sinto falta de me preparar, de colocar meu collant e meu casaco verde e rosa... Ah, minha Mangureira! Pena que crescemos (EG8, entrevista, 2015).

Não conseguir ficar mais tempo participando da equipe, treinando e participando das competições. Não poder mais representar a GR Mangureira nos outros lugares (EG10, entrevista, 2015).

Sair da GR. Parar de fazer algo que você ama (EG1, entrevista, 2015).

Ter que deixar a GR para poder trabalhar (EG5, entrevista, 2015).

Para encerrar o capítulo quatro vamos retomar ao intuito deste capítulo que foi o de cruzar alguns dos principais objetivos das políticas públicas de esporte para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, com o cotidiano das ginastas de GR do Projeto Olímpico da Mangureira. A exposição e análise dos dados se deram a partir de três eixos de discussão: democratização da prática esportiva, inclusão social e socialização e desenvolvimento humano rumo a um desenvolvimento integral. Cabe ressaltar a dificuldade encontrada em separar e alocar os dados dentro da divisão dos eixos, pois compreendemos que estes se relacionam e que uma fala poderia ser analisada em qualquer dos eixos de discussão.

A análise e discussão dos dados nos três eixos foi realizada com a preocupação de salientar as aproximações entre os eixos e as competências, atitudes e valores desenvolvidos na prática esportiva da GR enquanto uma ferramenta de educação para as crianças e adolescentes que a praticam na Mangueira. A GR no Projeto Olímpico está balizada pelos princípios e objetivos do esporte educacional, sendo praticada pelas ginastas não somente enquanto uma prática esportiva, mas, sobretudo, enquanto uma prática de educação pelo movimento.

A educação, como um processo de aprendizagem da cultura e de seus sistemas simbólicos, é multifacetada, ou seja, não se restringe a um momento particular e formal da vida humana, mas está diluída nos mais diferentes espaços de relações sociais, conformando condutas, divulgando normas, instaurando valores (...) No processo de educação como aprendizagem da cultura, a vivência corporal, por exemplo, no esporte não deve ser compreendida como uma forma distraída de atividade, mas como a possibilidade de compreender e atribuir sentido aos acontecimentos (OLIVEIRA e PERIN, 2009, p. 34).

A partir das experiências vivenciadas (e por nós pontuadas e analisadas) no acompanhamento das meninas que fazem GR no Projeto Olímpico, várias falas de responsáveis se mostram em alinhamento com as proposições das PPE quando apontam a importância do acesso à prática esportiva e os benefícios advindos desta prática. Foi perguntado aos responsáveis se consideram importante que existam espaços como o do Projeto Olímpico da Mangueira e porquê.

Sim claro. Dar oportunidade para as crianças aprenderem um esporte; se tornarem atletas; ajuda a afastar do mundo da criminalidade; incentiva nos estudos (R1, entrevista, 2015).

Sim, porque o esporte é importante não só para a saúde, mas para o ambiente familiar em vários aspectos como o convívio (R4, entrevista, 2015).

Sim, muito importante. É importante que nossas crianças e adolescentes tenham opções de práticas de esportes e se descubram de alguma maneira neles ao invés de serem inseridos nos índices de marginalidade (R3, entrevista, 2015).

Sim. Muitas crianças jamais teriam condições de pagar e se não houvesse o Projeto estariam sem fazer nada e muitas acabariam se desviando para caminhos errados; com o esporte elas se ocupam com algo que realmente contribui para seu desenvolvimento e aprendem a ter responsabilidade (R10, entrevista, 2015).

Sim. Porque incentiva as crianças e as adolescentes a praticarem esporte e ter um modo de pensar e agir diferente (...) Principalmente as meninas que moram em comunidade, aqui na ginástica elas aprendem muitas coisas e não ficariam muito tempo em ruas aprendendo o que não deve (R8, entrevista, 2015)

Sim. Para integrar as crianças na sociedade e ajudar na sua formação (R2, entrevista, 2015).

Existe uma incorporação do discurso promovido pelo Ministério do Esporte e por outros órgãos públicos e privados quanto à importância da democratização da prática esportiva para crianças e adolescentes. Na realidade, a importância atribuída à prática esportiva apresenta inúmeras possibilidades e benefícios, mas esbarra em limites e desafios.

Após toda a análise, interpretação e discussão dos dados apresentados no capítulo quatro é pertinente encerrá-lo com a fala das ginastas a respeito da importância da prática GR Mangueira em suas vidas.

Quando estou me apresentando se sinto numa altura que nunca achei que ia estar fazendo uma coisa que eu amo (G13, entrevista, 2015).

Fazer Ginástica Rítmica representa a realização de um sonho (G10, entrevista, 2015).

Pra mim a ginástica representa tudo. Uma das melhores coisas que aconteceram em minha vida (G1, entrevista, 2015).

A ginástica representa um espaço onde eu posso me expressar (G7, entrevista, 2015).

É difícil achar um significado, desenvolver em palavras, o que a GR representa para mim, porque é um sentimento tão grande, tão especial que toma conta do meu coração. Mas se fosse em uma frase eu diria que eu não vivo sem a GR (G2, entrevista, 2015).

Gosto de treinar porque é divertido, as professoras são legais e posso ter um futuro (...) a ginástica é minha vida; eu amo (G14, entrevista, 2015).

Considerações finais

O trabalho com GR possibilitou a intervenção em um cenário influenciado diretamente pelas políticas sociais e esportivas vigentes e em modificação ao longo dos mais de quinze anos. As meninas da GR são apenas parte da parcela da população excluída, uma vez consideradas público alvo de um programa que se propõe a amenizar as desigualdades e voltado para o atendimento de pessoas em situação de exclusão. Na prática do trabalho com a GR, observando-ouvindo-conversando com meninas, pode-se perceber relações de subordinação-dominação. E de insurgência.

Os estudos em subalternidade podem trazer luz a este debate, já que se percebe claramente uma tentativa de romper com paradigmas teóricos estabelecidos historicamente. Uma leitura, como propõe Jaramillo (2011), anti-elitista da história:

Por estudios subalternos se conoce La corriente historiográfica que desde comienzos de La década de los ochenta del siglo anterior, irrumpió como un proyecto intelectual estimulado por un grupo de académicos de la India, que buscaba problematizar La forma como se había escrito a historia de esos países (...). De esse modo, los estudios subalternos fueron una respuesta intelectual a las dos escuelas historiográficas

dominantes em laÍndia (...) as cuales tenían en común el ensalzamiento del papel de las elites (...) (JARAMILLO, 2011, p. 72).

Para que possamos reconhecer processos e mecanismos na manutenção das hegemonias de poder, relações de dominação / subordinação e investigar a possibilidade de insurgências é recomendável que os estudos em subalternidade possuam uma abordagem crítica e interdisciplinar buscando conexões e contribuições da História, Política, Memória, Antropologia, Geografia, Semiótica, Literatura, Direito, Economia, Educação.

O contexto dos estudos sobre subalternidade aponta claramente para a crítica à historiografia e etnografia elitistas que apresentam um ponto de vista onde as narrativas reforçam o poder hegemônico dominante, promovendo a manutenção das relações de dominação e subalternidade. Para Spivak (2010), quaisquer abordagens/narrativas sobre colonização-emancipação no ocidente europeu são insuficientes para desvendar a complexidade e particularidades dos processos ocorridos na modernidade colonial (seja na Índia, onde estes estudos foram pioneiros, seja em outros territórios ou países).

Apontamos a relevância de ressignificar os estudos em subalternidade mediante a realidade do Brasil, com enfoque no recorte temporal e espacial escolhidos para o estudo ora apresentado. Assim, entendemos que interpretar o fenômeno da emancipação e apontar as estratégias de rebelião vividas pelas meninas da GR na Mangueira, exige reconhecê-las como sujeitos ativos nas práticas insurrecionais, não limitando nossa análise a uma visão elitista de intelectuais, muitas vezes comum nas análises dos processos de luta pela emancipação.

Spivak (2010) apresenta uma crítica à visão elitista da historiografia/ dos intelectuais, tanto de origem marxista como liberal, na análise dos processos de luta pela emancipação, que se revelam nos símbolos instituídos de poder e autoridade explícita nos códigos de vestir, falar, comportar-se.

(...) entender como opera o poder, portanto, deve levar em conta a dimensão ideológica, ou o que a autora denomina “textura micrológica”, que forma os sujeitos e solidifica os âmbitos macrológicos do capitalismo global e do Estado-Nação (CARVALHO, 2011, p. 67).

Assim, sustenta-se a afirmação de que na GR da Mangueira é possível perceber relações de subordinação-dominação e de atos de insurgência, por exemplo, ao transformar um discurso de autoridade ou de legitimidade desse esporte em um espaço que não mais é ocupado somente pelos privilegiados. Torna-se uma exigência exercitar o olhar etnográfico e ouvir a voz dos subalternos (Carvalho, 2001).

Uma posição de resistência dos subalternos se mostra quando as meninas da Mangueira, a partir de uma prática da GR compromissada com questões sociais – mas

também comprometida com a qualidade técnica e a permanência com sucesso neste esporte – se inserem em espaços eruditos e legítimos os quais anteriormente nem sequer conheciam e a que não tinham acesso.

É oportuno que se reflita: no “campo” GR, quem detém a hegemonia de um discurso que afirma o que é ou não legítimo? Pode a menina da Mangueira, legitimar-se neste espaço?

Apesar da “legitimidade” conquistada com desenvolvimento técnico e social das meninas, o olhar lançado sobre elas é sempre um olhar que as vê subalternas, na medida em que as vislumbra socialmente como desfavorecidas, em condição aquém, inferior, antes mesmo de qualquer olhar para sua qualidade técnica.

Na Mangueira, as meninas que praticam GR se mostram como elementos de distinção com relação às outras meninas. Fora deste âmbito são subalternizadas por quem é (ou se diz) dominante. Portanto, encontram-se em uma posição hierárquica “em movimento”, dependendo de onde e como as relações se darão.

Quando se incorre no erro de falar do outro e pelo outro, a narrativa epistemológica e o suporte teórico estarão equivocados. A produção de conhecimento acaba sendo produção de narrativas sobre o outro, reprodução de relações de dominação. O olhar e fala sobre o outro (no caso as meninas da Mangueira) acabam por reforçar relações de poder e dominação.

Ouvir a fala dessa mãe de ginastas da Mangueira traz luz para este estudo:

Eu moro no morro. Não é favela, é morro, mas não tem muita diferença sobre isso, mas tem pessoas que saem dali pra estudar e se tornam outra pessoa, entendeu? A capacidade da pessoa tá nela então ela tem que mostrar se ela quer ser alguma coisa na vida que ela tem que mostrar que ela é capaz. (M, mãe de MR e CH, 2003).

Ela é uma criança com problema: prematura, praticamente órfã de pai e mãe. Tem problemas de baixa auto-estima. É certo falar assim? É (pausa) então aqui com vocês, na ginástica rítmica, não só pela parte profissional, que vocês fazem bem a parte profissional, mas também pela (pausa) assim, vocês não são só profissionais. É como se fosse uma família. Prá ela ajudou muito a convivência com as crianças, as mães que acompanha, é como se fosse uma família pra ela. Ela melhorou na escola, ela foi uma das melhores alunas. Ela nunca foi boa aluna, não. Agora ela foi elogiada, foi uma das melhores alunas da escola, se sente mais bonita, quer se arrumar mais. Ela era muito tímida. Você viu quando ela chegou. Não falava, né? Agora, não. Quando chegou deu um abraço em todo mundo, abraçou as menina, tá muito feliz! Quer dizer melhorou pra ela a auto-estima, melhorou a escola, a convivência, até em casa, mesmo. Ela tá crescendo uma criança que entende o que a gente fala. Por exemplo: no Natal não pôde ganhar presente, ela entendeu. Tá com uma consciência maior, tá desenvolvendo bem mesmo. Eu achei que ela seria uma criança problema porque nasceu prematura, doente, quase morreu duas vezes, entendeu? Saiu do hospital quase morreu duas vezes. Eu falei: essa menina vai me dar trabalho mas (pausa) aqui beneficiou muito, muito, mas muito mesmo e a convivência, as criança, foi muito bom prá ela. Na apresentação ela sai muito, muito feliz, mas não fala ainda bem não, sabe? Mas eu acho que isso vai melhorando com o tempo. Eu fiz uma malha nova pra ela. Fiz. Ela botou a malha mas, menina! Ela não tirava. Ela dizia: ai, meu Deus, que bom! Ela foi pra Saquarema, então enquanto ela tava lá eu tava bordando. Ficou toda feliz com a malha! Quer dizer, ela

não, não fazia essas coisas. Não fazia não. Muito tímida, assim. Não ligava não. Ou não ligava ou era retraída. Isso aí também eu não sei entender muito bem, né? Eu achava que ia colocar ela pra fazer análise assim, psicólogo, né? Ou procurar um serviço aí. Um serviço que tem isso aqui no Pedro Ernesto pra orientar, mas acho que ela nem tá precisando mais disso. Aqui foi muito bom pra ela, muito bom mesmo (Depoimento *in* BUARQUE, 2003, p.75).

Ainda que impulsionada por uma conjuntura política-social de exclusões e desigualdades, alicerçadas em um discurso e práticas interessadas no poder hegemônico, a GR ofertada às meninas da Mangueira pode ser considerada um espaço para decifrar-mostrar os *subordinados* como sujeitos de histórias e da História e para fundamentar-fortalecer relações de emancipação na educação e na sociedade.

As ideias de igualdade social e sua inversa – a desigualdade social – têm a potência de ideias força autônomas para comunicar aspirações, mas logo exigem se as explicitem conceitualmente – igualdade ou desigualdade do que se está falando. É necessariamente longo o caminho da explicação das diferenças dos conceitos de (des) igualdade de oportunidade, de (des) capacidades, (des) igualdade de renda e riqueza, ou ainda dos caracteres étnico-culturais dos povos, que, estabelecendo diferenças entre os seres humanos, se transformam em vetores de profundas desigualdades sociais.

A desigualdade, aqui entendida como negação e/ou restrição da liberdade humana, é um antivalor sob quaisquer critérios (DELGADO, 2010, p. 413).

Portanto, é possível, a partir dos relatos e discussões mostradas, evidenciar que há, de fato, um trânsito e uma mobilidade nos caminhos percorridos pelas ginastas de GR do Projeto Olímpico da Mangueira. E estes caminhos só podem ser percorridos graças à oferta que o projeto proporciona por estar em alinhamento com as políticas públicas de democratização e acesso ao esporte. Na mesma medida, a oferta em si não garante a manutenção e a permanência em um dos “lados da moeda”, isto é, as meninas não são subalternas o tempo todo, assim como não se pode dizer que elas conquistaram espaços hegemônicos. Não há definições tão claras; os limites são sempre muito tênues. E a dinâmica sempre existe. As meninas da GR provam que os deslocamentos passam a acontecer em uma horizontalidade e não dentro de uma verticalidade. A ascensão é gradual e incerta. Como aponta GUHA, 1996:

Uno de los rasgos más importantes de esta política estaba relacionado, precisamente, a aquellos aspectos de La movilización tanpoco explicados por La historiografía elitista. Em el dominio de La política de elite, La movilización se lograba verticalmente, mientras que em El de La política Del subalterno se La lograba horizontalmente (p.28).

(...) um novo contexto de globalização em que agencias de desenvolvimento e organização não governamentais são protagonistas e nova missão colonial e “benevolentes” de representação de subalternos (CARVALHO, 2010, p. 68).

Mesmo se as tentativas de “amenizar” desigualdades corroborarem para a manutenção e aprofundamento das relações de poder e exclusão já existentes, ocorrem brechas onde é possível uma dinâmica na qual os subalternos (como as meninas da Mangueira) resistam com suas vozes, saberes e práticas.

Através da prática da GR, as ginastas tiveram a oportunidade de desenvolver múltiplas competências, valores e atitudes. Competências pessoais (aprendendo a ser), competências sociais (aprendendo a conviver), competências cognitivas (aprendendo e conhecendo sobre GR, corpo humano, arte, cultura, sobre as relações interpessoais e tudo mais que puderam aprender e conhecer no cotidiano da prática da GR) e competências produtivas (aprendendo a fazer). Ou seja, a prática da GR configurou-se como um instrumento de educação pelo esporte para o desenvolvimento humano e integral das meninas que a praticam (ou praticaram) no Projeto Olímpico da Mangueira. As ginastas da Mangueira com suas ações, atitudes e práticas são capazes intervir na sociedade em que vivem, modificando positivamente a realidade que as cerca.

REFERÊNCIAS

- ABCD do esporte educacional. **Cartilha da Rede de Parceiros Multiplicadores de Esporte Educacional**. Petrobras. Governo Federal. Ano: 2013. 4 Ed.
- ALMEIDA, Paulo Antônio Crescúlo de. **Esporte e Lazer como instrumentos políticos da “Era Vargas” e governo Lula: aproximações e particularidades**. Tese de doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2013.
- ALVES-MAZZOTTI. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n.113, p.39-50, julho 2001.
- ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: Buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, n.113, p.51-64, julho 2001.
- ARROYO, Miguel G. **Políticas Educacionais e Desigualdades: À procura de novos significados**. Educação e Sociedade. Campinas, v.31, n.113, p.1381-1416, 2010.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- _____. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- BARROS, D.& NEDIALCOVA,T.G. **Os Primeiros Passos da Ginástica Rítmica**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1998.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas**. In: *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre o poder Simbólico*. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2003.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. *Os Usos do “povo”*. In: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense,1990.
- _____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2013.
- BRASIL. Lei Nº 11.438, De 29 de Dezembro de 2006. República Federativa do Brasil, Planalto, **Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, DF. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111438.htm> Acesso em 08 ago. 2015.
- BRASIL. Lei n. 378 de 13 de Janeiro de 1937. República Federativa do Brasil, Senado Federal. **Secretaria de Informação Legislativa**. Disponível em <<http://legis.senado.leg.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102716&tipoDocumento=L EI&tipoTexto=PUB>> acesso em 08 ago. 2015.

BRASIL. Medida provisória n.º 1.794-8, de 31 de dezembro de 1998. República Federativa do Brasil, Planalto, **Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, DF. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/Antigas/1794-8.htm> Acesso em 08 ago. 2015.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos. **Plano plurianual 2008-2011** : projeto de lei / Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos. - Brasília : MP, 2007.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos. **Plano plurianual 2012-2015** : projeto de lei / Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos. - Brasília : MP, 2013.

BROHM, J. M. (1993). *Tesis sobre e deport*. In **Materiales de Sociologia del Deporte**. Madrid: La Piqueta.

BROHM, J. M. (1983). **Sociologia política del Deporte**. Cidade do México: Fondo de cultura econômica.

BUARQUE, Maria Augusta. **Projeto “GRD no Ritmo da Manguieira”**, GRESEP Manguieira, Projeto Olímpico. Mimeo. Rio de Janeiro, 2000.

BUARQUE, M.A.A.G. **Ginástica Rítmica no Programa Social da Manguieira – desenvolvendo a auto-estima e ampliando a perspectiva de vida das ginastas**. RJ – Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Desportos, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

BUENO, L. **Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento**. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governo) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2008.

BUFFA, E., ARROYO, M. e NOSELLA, P. **Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?** 10.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CAMP Manguieira. **Instituto Manguieira do Futuro**, 2015. Disponível em <<http://www.manguieiradofuturo.com.br/capacitacao/camp-manguieira/>> Acesso em 17 nov. 2015.

CARDOSO, F. H. Discurso durante a cerimônia de sanção da lei do voluntariado. Brasília, 1998 apud FRANCO, A. **A reforma do Estado e o Terceiro Setor: cinco perguntas preliminares, uma pergunta fundamental e uma nota**. **Seminário Sociedade e a Reforma do Estado**. Brasília, 1998. Disponível em: <<http://empreende.org.br/pdf/ONG's,%20OSCIP'S%20e%20Terceiro%20Setor/A%20Reforma%20do%20Estado%20e%20o%20Terceiro%20Setor.pdf>> Acesso em: 17 mar 2015.

CARNAVAL 2015. **Revista da Manguieira**. Rio de Janeiro: 2015.

CARVALHO, B. S. de. Subalternidade e possibilidades de agência: uma crítica pós-Colonialista. **Estudos Políticos**, nº3, 2011: 65-69.

CARVALHO, Francisco. Depoimento. In: 25 ANOS transformando vidas. Programa Social da Manguieira. **Revista da Manguieira**. Rio de Janeiro: 2013.

CARVALHO, Francisco. Depoimento. **Mangueira. Programas Sociais**. Disponível em <<http://www.mangueira.com.br/programas-sociais/vila-olimpica/>> acesso em 16 nov 2015.

CARVALHO, José Jorge. O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Série Antropologia**, Brasília, n. 261, p. 01-30, 1999

CASTELAN, L. P. **As Conferências Nacionais do Esporte na configuração da Política Esportiva e de Lazer no governo Lula (2003-2010)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011

CASTRO, E. Talento que se destaca das dificuldades. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 abr. 2003. Zona Norte, p.6.

CIDADE, Ruth Eugenia & BUSTO, Rosangela Marques. *Inclusão, Gênero e Deficiência*. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de & PERIM, Gianna Lepre (orgs). **Fundamentos Pedagógicos para o Programa Segundo Tempo**. Brasília: Ministério dos Esportes; Porto Alegre: UFRGS, 2008. pp. 123 a 138.

CHAKRABARTY, Dipesh. Subaltern Studies and Postcolonial Historiography. In: DELANTY, Gerard & ENGIN, Isin F. (Orgs.) **Handbook of Historical Sociology**. London: SAGE Publications Ltd. 2003.

CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu e a história – debate com José Sérgio Leite Lopes. **Palestra** proferida na UFRJ, Rio de Janeiro, 30 abr. 2002. p. 140

CLASSIFICAÇÃO Brasileira de ocupações. **Censo 91 do IBGE**. Disponível em <<http://concla.ibge.gov.br/estrutura/ocupacao-estrutura>>, acesso em 12 jan 2016.

CORREIA, J. C. A. **O setor privado sem fins lucrativos e as Políticas Públicas de Esporte e Lazer (2008-2011)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

COSTA, Maria Alice Nunes. **Samba e Solidariedade: capital social e parcerias coordenando as políticas sociais na favela da Mangueira, RJ**. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal Fluminense – UFF / Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política – PPGACP, março de 2002.

_____, Maria Alice Nunes. **Sinergia e Capital na Construção de Políticas sociais: A favela da Mangueira no Rio de Janeiro**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 21, p. 147-163, nov. 2003.

DELANTY, Gerard & ENGIN, Isin F.(Orgs.) **Handbook of Historical Sociology**. London: SAGE Publications Ltd. 2003.

DELGADO, Guilherme. *Desigualdade social no Brasil*. In: **Os anos Lula: contribuições para um balanço crítico 2003 – 2010**. Rio de Janeiro: Garamound, 2010.

DEMO, Pedro. Cuidado metodológico: signo crucial da qualidade. **Sociedade e Estado**, Brasília, vol. 17, n. 2, p. 349-373, dez. 2002.

DIAZ JARAMILLO, José A. Alborotados, sediciosos y amotinados: tres momentos eLa construcción de una prosa contrainsurgente sobre ellevantamiento comunero de1781. **Memoria y Sociedad** 15, N°30, 2011: 71-84.

DUPAS, Gilberto, **Tensões Contemporâneas entre o público e o privado**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

EMPRESA de Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro. **Projeto Comunidade da Mangueira**. Disponível em < <http://www.emop.rj.gov.br/trabalho-tecnico-social/projeto-comunidade-da-mangueira/> > Acesso em 19 dez. 2015.

FORMANDO Campeões no esporte & na vida. **Folder de divulgação Centro Petrobras de Referência Esportiva Vila Olímpica da Mangueira**. Rio de Janeiro, 2011.

FREIRE.J.B. e SCAGLIA, A. J.**Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.). **A Cidadania Negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. 3. ed. São Paulo : Cortez, 2002, p. 145-76

FRIGOTTO, Gaudêncio. *As novas e velhas faces da crise do Capital e o labirinto dos referenciais teóricos*. In: **Teoria e Educação no Labirinto do Capital**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

GAYA, Adroaldo& TORRES, Lisiane. *A Cultura Corporal do Movimento Humano e o Esporte Educacional*. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de & PERIM, GiannaLepre (orgs). **Fundamentos Pedagógicos para o Programa Segundo Tempo**. Brasília: Ministério dos Esportes; Porto Alegre: UFRGS, 2008. PP. 57 a 65.

GONÇALVES, M. A.R. **A vila olímpica da verde-e-rosa**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

HERCULANO, Selene C. *A qualidade de vida e seus indicadores*. In: **Qualidade de Vida e Riscos Ambientais**. Herculano, Selene. et al. (org.). Niterói: Eduff, 2000.

HOBBSAWM, E., RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 2002.

INSTITUTO Esporte e Educação. **OBJETIVOS DO ESPORTE-EDUCACIONAL**. Disponível em <<http://www.esporteeducacao.org.br/?q=metodologia/objetivos>> acesso em 14 nov. 2015.

INSTITUTO Profissionalizante. **Instituto Mangueira do Futuro**, 2015. Disponível em <<http://www.mangueiradofuturo.com.br/capacitacao/ipm/>> Acesso em 17 nov. 2015.

LEHER, Roberto. Tempo, autonomia, sociedade civil e esfera pública: uma introdução ao debate a propósito dos “novos” movimentos sociais na educação. In: GENTILI, Pablo e FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.). **A cidadania negada. Políticas de exclusão na educação e no trabalho**. São Paulo: Cortez Editora, 2002, p. 145-176.

LINHALES, MeilyAssbú. *A produção de uma forma escolar para o esporte: os projetos culturais da Associação Brasileira de Educação (1926-1935) como indícios para uma historiografia da Educação Física*. IN: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. (org.). **A Educação do Corpo na Escola Brasileira**. Campinas: Autores Associados; 2006. pp. 93-109.

_____. **A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos e setores excluídos**. Belo Horizonte, 1996, Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFGM, Belo Horizonte: 1996.

LÜDORF, S.M.A. **Metodologia da pesquisa em Educação Física**: conversando sobre a pesquisa e o projeto de monografia. Rio de Janeiro: Edição da Autora, 2003.

MACIEL, Maria Augusta A. G. Buarque; VIEIRA, José Jairo. A Ginástica Rítmica enquanto prática esportiva educacional inclusiva na Vila Olímpica da Mangueira (2002/2013). **Anais do Seminário Internacional de Inclusão em Educação: Universidade e Participação 3**. Rio de Janeiro, 2013. Pags nº 680- 685. Disponível em <<http://www.lapeade.educacao.ufrj.br/anais/files/WSM9C886.pdf>> Acesso em 28 out 2015.

MANGUEIRA e Petrobras: um show de cidadania. **Encarte Petrobras**. Rio de Janeiro, 2010.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003

MELO, Marcelo Paula de. Esporte e juventude pobre: a Vila Olímpica da Maré e as políticas públicas de lazer. Campinas: Autores Associados, 2005 IN: MELO, M. P. D. **Esporte dominação burguesa no século XXI: a agenda dos Organismos Internacionais e sua incidência nas Políticas Públicas de Esportes no Brasil de hoje**. 2011. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011 Educação Física dentro e fora da escola ou dois pesos e duas medidas? **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 32, n. 1, p. 127-142, setembro 2010.

MELO, M. P. D. **Esporte dominação burguesa no século XXI: a agenda dos Organismos Internacionais e sua incidência nas Políticas Públicas de Esportes no Brasil de hoje**. 2011. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MENDES, A. D.; AZEVÊDO, P. H. Políticas Públicas de Esporte e Lazer & Políticas Públicas Educacionais: promoção da **educação e no trabalho**. 3. ed. São Paulo : Cortez, 2002, p. 145-76.

MEZZADRI, Fernando Marinho; SILVA, Marcelo Moraes & FIGUERÔA, Kátiuscia Mello. Desenvolvimento de um método para as pesquisas em Políticas Públicas de Esporte no Brasil: uma abordagem de pesquisa mista. **Motrivivência**, maio 2015. v. 27, n. 44, p. 49-63.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO do esporte. **República Federativa do Brasil**. Disponível em <<http://www.esporte.gov.br/>> Acesso em 24 nov 2015.

MINISTÉRIO do esporte. Video “**Conheça o trabalho do Instituto Mangueira do Futuro, no Rio de Janeiro. Conheça o projeto desenvolvido pela Lei de Incentivo ao Esporte**”. Disponível em <<http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/53925-video-conheca-o-trabalho-do-instituto-mangueira-do-futuro-no-rio-de-janeiro>> Acesso em 24, set, 2015.

MINISTÉRIO do esporte. **A Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (Snelis)**. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/missao> Acesso em 24 nov 2015.

MOREIRA, W.W. (org.) **Educação Física & esportes: perspectivas para o século XXI**. 10.ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

NETO, Otávio Cruz. **O trabalho de campo como descoberta e criação**, in: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de & PERIM, Gianna Lepre (orgs). **Fundamentos Pedagógicos para o Programa Segundo Tempo**. Brasília: Ministério dos Esportes; Porto Alegre: UFRGS, 2008.

O QUE é desenvolvimento humano. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**(PNUD)Disponível em <<http://www.pnud.org.br/idh/DesenvolvimentoHuman> o.aspx?indiceAccordion=0&li=li_DH>. Acesso em: 13 dez 2015.

ORTIZ, Renato (org.). **Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39, 1983.

PASSARINHO, Paulo. *Apresentação*. In: **Os anos Lula: contribuições para um balanço crítico 2003 – 2010**. Rio de Janeiro: Garamound, 2010.

PEREIRA, Érico Felden, TEIXEIRA, Clarissa Stefani, SANTOS Anderlei dos. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.26, n.2, p.241-50, Abr/jun. 2012.

PETROBRAS. **Esporte Educacional**, disponível em <<http://sites.petrobras.com.br/PPEC/esporte-educacional>> acesso em 18 nov 2015.

PETROBRAS. **Prêmio Petrobras de Esporte Educacional**. Disponível em <<http://premioesporte.petrobras.com.br/esporte-educacional/>>, acesso em 20 de nov 2015.

PROGRAMA Social da Mangueira, 25 ANOS transformando vidas. **Revista da Mangueira**. Rio de Janeiro, 2013.

RODRIGUES, Maria Cecília Prates. **Ação social das empresas privadas: uma metodologia para avaliação de resultados**. Tese apresentada à Escola Brasileira de Administração Pública e de empresas para a obtenção do grau de doutor. Rio de Janeiro, março de 2004.

SAVIANI, Demerval & SORES, Newton. (Orgs). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012

SIVAK, Gaiatry. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STAREPRAVO, F. A.; SOUZA J.; MARCHI JR, W. Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil: Uma argumentação inicial sobre a importância da utilização da Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.35, n.3, 2013.

STAREPRAVO, F. A.; SOUZA J.; MARCHI JR, W. Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil: uma proposta teórico-metodológica de análise. **Movimento**, Porto Alegre, v.17, n.1, 2011.

STAREPRAVO, F. A. ; REIS L. J. D. A. ; CAVICHIOLLI R. F.; MARCHI JR, W. E assim criou-se a Rede: aspectos técnicos, políticos e espistemológicos na criação da Rede CEDES. **Movimento**, Porto Alegre, v.20, n.1, 2014.

TUBINO, M. J. G. Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI. In: MOREIRA, W.W. (org.) **Educação Física & esportes: perspectivas para o século XXI**.10.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

_____. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010.

VIEIRA, E. Renovação de contrato: presente na Verde- Rosa. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 18 jan. 2002. Mais esportes, D.

VÍDEO: saiba como é o Haka, dança de guerra da Nova Zelândia. **G1**, disponível em <<http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2015/08/video-saiba-como-e-o-haka-danca-de-guerra-da-nova-zelandia.html>>, acesso em 08 dez 2015.

WEBER, Marx. **Ciência e política: duas vocações**. 18ª Ed. São Paulo: Coutrix, 2011.

APÊNDICES

1 - TERMO DE ASSENTIMENTO – ALUNAS MENORES DE 18 ANOS.

Você está sendo convidada a participar da pesquisa de dissertação de mestrado intitulada “Projeto Olímpico da Mangueira e a Ginástica Rítmica: discutindo Políticas Públicas de Esporte, Esporte Educacional e Educação.”, que está sendo realizada pela Prof.^a Maria Augusta A. G. Buarque Maciel, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, matrícula nº 114.068.613, sob a orientação do Prof. Dr. José Jairo Vieira.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar os possíveis reflexos das Políticas Públicas de Esporte no cotidiano das alunas da modalidade esportiva educacional Ginástica Rítmica do Projeto Olímpico da Mangueira.

Para atingir os objetivos da pesquisa serão aplicados questionários e realizadas entrevistas (que serão gravadas em áudio e posteriormente transcritas) com ex-ginastas, ginastas e seus responsáveis.

Caso participe desta pesquisa, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecida em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma como é atendida pela pesquisadora.

As informações obtidas nos questionários e entrevistas serão utilizadas exclusivamente para fins de investigação científica, observando os princípios éticos da pesquisa científica e seguindo procedimentos de sigilo e discrição. Você não será identificado em nenhuma publicação. Participando da pesquisa você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Assim, confirmo que fui informada sobre o presente estudo de maneira clara e detalhada. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações. Tendo o consentimento do meu responsável assinado abaixo, declaro que concordo em participar desse estudo.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20 ____.

_____ Assinatura da menor.

_____ Assinatura da pesquisadora.

2 - TERMO DE CONSENTIMENTO – PARTICIPAÇÃO DA MENOR.

Eu _____ (nome completo do responsável pela menor), após ter recebido todos os esclarecimentos, confirmo que a menor _____ (nome da menor), recebeu todos os esclarecimentos necessários, e concorda em participar desta pesquisa. Assim sendo, AUTORIZO E CONCORDO que a menor sob minha responsabilidade participe de forma voluntária da pesquisa de dissertação de Mestrado em Educação: “Projeto Olímpico da Mangueira e a Ginástica Rítmica: discutindo Políticas Públicas de Esporte, Esporte Educacional e Educação”.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20__.

_____ Assinatura do (a) responsável.

_____ Assinatura da pesquisadora.

3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEIS).

Você está sendo convidada a participar da pesquisa de dissertação de mestrado intitulada “Projeto Olímpico da Mangueira e a Ginástica Rítmica: discutindo Políticas Públicas de Esporte, Esporte Educacional e Educação.”, que está sendo realizada pela profª Maria Augusta A. G. Buarque Maciel, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, matrícula nº 114.068.613, sob a orientação do Prof. Dr. José Jairo Vieira.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar os possíveis reflexos das Políticas Públicas de Esporte no cotidiano das alunas da modalidade esportiva educacional Ginástica Rítmica do Projeto Olímpico da Mangueira.

Para atingir os objetivos da pesquisa serão aplicados questionários e realizadas entrevistas (que serão gravadas em áudio e posteriormente transcritas) com ex-ginastas, ginastas e seus responsáveis.

Caso participe desta pesquisa, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pela pesquisadora.

As informações obtidas nos questionários e entrevistas serão utilizadas exclusivamente para fins de investigação científica, observando os princípios éticos da pesquisa científica e seguindo procedimentos de sigilo e discrição. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Os resultados da pesquisa serão apresentados à Coordenação da Vila Olímpica da Mangueira e estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua autorização. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável.

Desta forma, eu, _____, portador (a) do RG n.º _____ CONCORDO em participar de forma voluntária da pesquisa da dissertação de Mestrado em Educação informada acima.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20____.

_____ Assinatura do participante.

_____ Assinatura da pesquisadora.

4 - QUESTIONÁRIO PARA ALUNAS.

BLOCO 1 – IDENTIFICAÇÃO E DADOS PESSOAIS

1 – Nome: _____

2 – Gênero:

() Feminino . () Masculino.

3 – Raça:

() Branco (a) () Negro (a) () Pardo (a) () Indígena

4 – Idade: _____ anos.

5 – Onde você mora?

() Na Comunidade da Mangueira

() Em Comunidades adjacentes. Qual? _____

() Em bairro próximo à Vila Olímpica da Mangueira. Qual? _____

() Em bairro distante da Vila Olímpica da Mangueira. Qual? _____

6 – Você tem irmãos?

() Sim. Quantos? _____ () Não

7 – Com quem você mora?

() Pai e mãe () Pai () Mãe () Irmãos

() Outros parentes. Quais? _____

8 – No total, contando com você, quantas pessoas moram na sua residência? _____

BLOCO 2 – ESCOLA E VIDA ESCOLAR.

1 – Você frequenta escola regularmente?

() Sim. () Não.

2- Sua escola é :

() Particular () Municipal () Estadual () Federal

3 – Você estuda na Escola Tia Neuma?

() Sim. () Não.

4 – Você estuda no CIEP Nação Mangueirense?

() Sim. () Não.

5 – Em qual segmento e ano se encontra matriculado (a) no ano de 2014?

() Primeiro segmento do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)

Qual ano? _____

() Segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)

Qual ano? _____

() Ensino Médio.

Qual ano? _____

6 – Você acha que praticar Ginástica Rítmica na Vila Olímpica da Mangueira interfere no seu desenvolvimento na escola?

() Ajuda. () Atrapalha. () Não interfere.

7 – Você utiliza na escola o que aprendeu praticando Ginástica Rítmica?

() Sim. () Não.

8 – Quando você precisa faltar à escola para treinar, se apresentar, competir ou realizar alguma atividade relacionada à Ginástica Rítmica, sua escola e professores:

Abonam faltas:

() Sim. () Não.

Remarcam provas:

() Sim. () Não.

Dão aulas extras:

() Sim. () Não.

9 – Você gosta da sua escola e está satisfeita com ela?

() Sim. () Não.

BLOCO 3 – FREQUENTANDO A VILA OLÍMPICA DA MANGUEIRA

1 – Qual meio de transporte você utiliza predominantemente para chegar à Vila Olímpica da Mangueira?

() Nenhum, vou a pé () Bicicleta () Carona () Transporte público

2 – Considerando o Programa Social da Mangueira como um todo (não somente a Vila Olímpica), quais atividades você realiza?

Acompanhamento com nutricionista.

Acompanhamento com psicóloga.

Fisioterapia.

Reforço escolar.

Faço acompanhamento da minha saúde na Clínica da Família Dona Zica.

Faço acompanhamento da minha saúde no Centro Municipal de Saúde Tia Alice (posto dentro da Vila olímpica da Mangueira).

Nenhuma das acima listadas.

3 – Você pratica algum outro esporte ou atividade na Vila olímpica da Mangueira?

Sim. Qual (is) ? _____ Não

4 – Você escolheu praticar a Ginástica Rítmica ou foi uma escolha de seu responsável?

Eu escolhi Um responsável escolheu Escolhemos juntos (as)

5 – Você já conhecia o esporte Ginástica Rítmica antes de ter aulas na Mangueira?

Sim, conhecia a GR por ter visto na Mangueira.

Sim, conhecia a GR por ter visto pela TV e/ou internet.

Sim, conhecia a GR por ter visto em outros lugares.

Não conhecia.

6 – Quantas vezes por semana você pratica Ginástica Rítmica na V.O. Mangueira?

Duas vezes. Três vezes. Quatro vezes ou mais.

7 - Por qual (is) motivo (s) você procurou a Vila Olímpica da Mangueira para realizar atividades?

Por indicação médica.

Para ficar com o corpo mais bonito (estética).

Para ficar mais saudável, realizando uma atividade física regular e orientada.

Pelo prazer de realizar alguma atividade física.

Por ser um entretenimento, passatempo.

Para ocupar meu tempo livre.

Para adquirir aprendizagem, novos conhecimentos.

Realizar novas amizades.

- Por acreditar ter chances de seguir a carreira esportiva.
- Pela qualidade dos profissionais e do trabalho desenvolvido
- Outros motivos.

8 – Você recebe uniforme de aula e lanche para fazer aulas de Ginástica Rítmica na Vila Olímpica da Mangueira?

- Sim.
- Não.

BLOCO 4 – INCLUSÃO SOCIAL / SOCIALIZAÇÃO

1 – Você participa da maioria das atividades propostas pela Ginástica Rítmica da V. O. Mangueira (aulas, apresentações, festas, encontros, passeios e outros)?

- Sim.
- Não.

2 – Você se sente bem e acolhida por suas colegas e professora na Ginástica Rítmica da V. O. Mangueira?

- Sim.
- Não.

3 – Ao praticar a Ginástica Rítmica na Mangueira, tem a oportunidade de conhecer novos lugares e pessoas?

- Sim.
- Não.

4 – Na GR na Mangueira se sente :

- Bem e parte do grupo
- Mal e não fazendo parte do grupo

5 – Através da GR, quando frequenta outros espaços, diferentes da Vila Olímpica da Mangueira, se sente:

- Bem, independente da realidade vivenciada.
- Mal, independente da realidade vivenciada.

6- Você se sente bem recebida pelas pessoas quando representa a Vila Olímpica da Mangueira em eventos externos?

- Sim.
- Não.

7 – Acha que o seu fazer na GR é reconhecido fora da Mangueira por sua qualidade?

- Sim.
- Não.

BLOCO 5 – MAIS PERCEPÇÕES...

1 – Você reconhece alguma mudança em sua vida, após participar das aulas de Ginástica Rítmica na Vila Olímpica da Mangueira?

- Sim, mudanças positivas.
- Sim, mudanças negativas.
- Não reconheço nenhuma mudança.

2 – Você acha que a Vila Olímpica da Mangueira a ajuda a se desenvolver tanto na Ginástica Rítmica, quanto como pessoa?

- Sim, me ajuda a me desenvolver tecnicamente como ginasta.
- Sim, me ajuda a me desenvolver como pessoa.
- Sim, me ajuda a me desenvolver tecnicamente como ginasta e como pessoa.
- Não me ajuda a me desenvolver tecnicamente como ginasta.
- Não me ajuda a me desenvolver como pessoa.
- Não me ajuda a me desenvolver nem tecnicamente como ginasta e nem como pessoa.

3 – Você está satisfeito (a) com as atividades realizadas por você na Vila Olímpica da Mangueira?

- Sim.
- Não.

4 – Para você, o que poderia melhorar na Vila Olímpica da Mangueira?

5 – Você acha que a Vila Olímpica da Mangueira ajuda positivamente a comunidade da Mangueira, comunidades e bairros vizinhos?

- Sim.
- Não.

5 - QUESTIONÁRIO PARA OS RESPONSÁVEIS.

BLOCO 1 – IDENTIFICAÇÃO E DADOS PESSOAIS

1 – Nome: _____

2 – Gênero:

Feminino Masculino

3 – Raça:

Branco (a) Negro (a) Pardo (a) Indígena

4 – Onde você reside?

Comunidade da Mangueira

Comunidade adjacente. Qual? _____

Bairro próximo à Vila Olímpica da Mangueira. Qual? _____

Bairro distante da Vila Olímpica da Mangueira. Qual? _____

5 – Você tem filhos?

Sim. Quantos? _____ Não.

6 – Você trabalha?

Não. Sim, na função de _____.

7 – Sua renda mensal é de aproximadamente:

1 a 3 salários mínimos. 4 a 7 salários mínimos. 8 ou mais salários mínimos.

8 – No total, quantas pessoas moram com você (contando com você)? _____

BLOCO 2 – ESCOLA E VIDA ESCOLAR DA ALUNA PELA QUAL É RESPONSÁVEL.

1 – A criança ou adolescente pela qual é responsável frequenta regularmente a escola?

Sim. Não.

2- A escola que a aluna frequenta é:

Pública Particular

3 – É matriculada na Escola tia Neuma?

Sim. Não.

4 – É matriculada no CIEP Nação Mangueirense?

Sim. Não.

5 – Em qual segmento e ano se encontra matriculada no ano de 2014?

Primeiro segmento do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)

Qual ano? _____

Segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)

Qual ano? _____

Ensino Médio.

Qual ano? _____

6 – Você nota alguma modificação no comportamento da aluna pela qual é responsável após seu ingresso na Ginástica Rítmica da Mangueira?

Sim, modificações positivas. Sim, modificações negativas. Não.

7 – Você acredita que praticar Ginástica Rítmica na Vila Olímpica da Mangueira interfere no desenvolvimento escolar da aluna pela qual é responsável?

Sim, ajudando. Sim, atrapalhando. Não interfere.

8 – Você considera que a escola apóia a aluna pela qual é responsável nas atividades relacionadas à Ginástica Rítmica?

Sim. Não.

9 – Você está satisfeito (a) com o desempenho escolar da aluna pela qual é responsável?

Sim. Não.

BLOCO 3 – FREQUENTANDO O PROGRAMA SOCAIL DA MANGUEIRA.

1 – Considerando o Programa Social da Mangueira como um todo (não somente a Vila Olímpica), quais atividades você e/ou a aluna pela qual é responsável realizam?

Acompanhamento com nutricionista.

Acompanhamento com psicóloga.

Fisioterapia.

Reforço escolar.

- Acompanhamento de saúde na Clínica da Família Dona Zica.
- Acompanhamento de saúde no Centro Municipal de Saúde Tia Alice (posto dentro da Vila olímpica da Mangueira).
- Nenhuma das acima listadas.
- 2 – Você pratica alguma atividade ou esporte na Vila Olímpica da Mangueira?
- Sim. Qual (is)? _____
- Não.
- 3 – Você já conhecia o esporte Ginástica Rítmica quando decidiu matricular a aluna pela qual é responsável?
- Sim, conhecia a GR por ter visto na Mangueira.
- Sim, conhecia a GR por ter visto pela TV e/ou internet.
- Sim, conhecia a GR por ter visto em outros lugares.
- Não conhecia.
- 4 – Quantas vezes por semana você frequenta a Vila Olímpica da Mangueira?
- Até três vezes Quatro vezes ou mais. Nenhuma.
- 5 - Por qual (is) motivo (s) você procurou a Vila Olímpica da Mangueira para a aluna pela qual é responsável realizar atividades?
- Por indicação médica.
- Para ficar com o corpo mais bonito (estética).
- Para ficar mais saudável, realizando uma atividade física regular e orientada.
- Pelo prazer de realizar alguma atividade física.
- Por ser um entretenimento, passatempo.
- Para ocupar o tempo livre.
- Para adquirir aprendizagem, novos conhecimentos.
- Realizar novas amizades.
- Por acreditar na possibilidade de desenvolvimento de uma carreira esportiva.
- Pela qualidade dos profissionais e do trabalho desenvolvido
- Outros motivos.

BLOCO 4 – INCLUSÃO SOCIAL / SOCIALIZAÇÃO

1 – A aluna pela qual é responsável participa da maioria das atividades propostas pela Ginástica Rítmica da V. O. Mangueira (aulas, apresentações, festas, encontros, passeios e outros)?

() Sim. () Não.

2 – Em sua opinião, a aluna pela qual é responsável se sente bem e acolhida por suas colegas e professora na Ginástica Rítmica da V. O. Mangueira?

() Sim. () Não.

3 – Acredita que, com a prática da Ginástica Rítmica na Mangueira, a aluna pela qual é responsável tem a oportunidade de conhecer novos lugares e pessoas?

() Sim. () Não.

4 – Na GR na Mangueira, você e a aluna pela qual é responsável se sentem:

() Bem e integradas às demais pessoas que frequentam atividades.

() Mal e não integradas às demais pessoas que frequentam atividades.

5 – Acredita que através da prática da GR, quando a aluna pela qual é responsável frequenta outros espaços, diferentes da Vila Olímpica da Mangueira, se sente:

() Bem, independente da realidade vivenciada.

() Mal, independente da realidade vivenciada.

BLOCO 5 – MAIS PERCEPÇÕES...

1 – Você acha que a Vila Olímpica da Mangueira contribui para o desenvolvimento da aluna pela qual é responsável, tanto na Ginástica Rítmica, quanto como pessoa?

() Sim, ajuda no desenvolvimento técnico como ginasta.

() Sim, ajuda no desenvolvimento como pessoa.

() Sim, ajuda no desenvolvimento técnico como ginasta e como pessoa.

() Não ajuda no desenvolvimento técnico como ginasta.

() Não ajuda no desenvolvimento como pessoa.

() Não ajuda no desenvolvimento técnico como ginasta e nem como pessoa.

2 – Você está satisfeito (a) com as atividades realizadas pela aluna pela qual é responsável na Vila Olímpica da Mangueira?

() Sim. () Não.

4 – Para você, o que poderia melhorar na Vila Olímpica da Mangueira?

5 – Você acha que a Vila Olímpica da Mangueira ajuda positivamente a comunidade da Mangueira, comunidades e bairros vizinhos?

Sim. Não.

6 - ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS COM GINASTAS:

- 1) Qual é o seu nome?
- 2) Qual a sua cor/raça?
- 3) Que idade você tem?
- 4) Em qual bairro você mora?
- 5) Há quanto tempo você faz GR na Mangueira?
- 6) Você quem escolheu a GR? Por quê?
- 7) Você gosta de treinar na GR? Por quê?
- 8) Como fazer GR na Mangueira interfere no seu dia-a-dia?
- 9) O que aprendeu fazendo GR na Mangueira?
- 10) Você acha que a ginástica está presente na sua vida, fora das quadras? Onde e como?
- 11) Como você se sente nos treinos?
- 12) Como é sua relação com as outras ginastas que treinam e se apresentam com você?
- 13) Como você se sente quando está se apresentando?
- 14) Você acha que teve oportunidades que não teria se não fizesse GR na Mangueira?
Caso sim, fale sobre alguma.
- 15) Fale sobre uma conquista na GR.
- 16) Agora fale sobre uma decepção.
- 17) O que fazer GR na Mangueira representa em sua vida?
- 18) A melhor coisa de treinar GR na Mangueira é...
- 19) A coisa mais difícil é...
- 20) Alguma vez você já interrompeu os treinos (saiu da GR)? Caso sim, por quê? E por que quis voltar a treinar GR na Mangueira?
- 21) Se você não tivesse a oportunidade de treinar GR na Mangueira, teria condições de treinar em outro lugar?
- 22) Os treinos influenciam sua vida escolar? Como?
- 23) Como você concilia os treinos com a escola e com as demais tarefas?

7 - ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS COM EX-GINASTAS:

- 1) Qual é o seu nome?
- 2) Qual a sua cor/raça?
- 3) Que idade você tem?
- 4) Atualmente, qual a sua ocupação?
- 5) Há quanto tempo você deixou a Equipe de GR da Mangueira?
- 6) Durante quanto tempo você treinou na GR Mangueira?
- 7) Por que você deixou de treinar?
- 8) Sente saudades do tempo em que era ginasta na Mangueira? Do que?
- 9) O que treinar GR na Mangueira acrescentou em sua vida no tempo em que era ginasta?
- 10) Você leva para sua vida algo aprendido, vivenciado, experimentado no tempo em que fazia GR na Mangueira?
- 11) Fale sobre uma conquista na GR.
- 12) Agora fale sobre uma decepção.
- 13) A melhor coisa de ter treinado GR na Mangueira foi...
- 14) A coisa mais difícil foi...
- 15) Você considera que fazer GR na Mangueira foi uma oportunidade que outras meninas não têm?
- 16) Qual recado ou conselho você daria às meninas que hoje treinam GR na Mangueira?
- 17) E para aquelas que ainda não fazem GR?

8 - ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS COM RESPONSÁVEIS:

- 1) Qual é o seu nome?
- 2) Qual a sua cor/raça?
- 3) Que idade você tem?
- 4) Você é responsável por qual ginasta?
- 5) Qual seu grau de parentesco com ela?
- 6) Por que a colocou (ou apoiou a iniciativa) de treinar GR na Mangueira?
- 7) O que você acha que ela aprende fazendo GR?
- 8) Entre as ginastas da Mangueira, como é o ambiente dos treinos e apresentações?
- 9) Como é convívio com os outros responsáveis por ginastas da equipe GR Mangueira?
- 10) O que você sente quando a ginasta pela qual é responsável se apresenta?
- 11) Qual você acha que é o papel da família na vida de uma atleta de GR?
- 12) Qual a importância que você vê de a ginasta pela qual é responsável treinar GR na Mangueira?
- 13) Você aconselharia que outros responsáveis inscrevessem suas meninas na GR? Por quê?
- 14) Alguma vez você a ginasta pela qual é responsável interrompeu os treinos? Caso sim, por quê? E por que você apoiou o retorno dela à GR Mangueira?
- 15) Você acha importante que existam espaços como o do Projeto Olímpico da Mangueira? Por quê?
- 16) O que você acha que poderia melhorar para a GR no Projeto Olímpico da Mangueira?
- 17) A melhor coisa de ela treinar GR na Mangueira é...
- 18) A coisa mais difícil é...
- 19) De alguma forma você vê os treinos influenciarem a vida escolar dela? Como?
- 20) Como ela conciliou os treinos com a escola e com as demais tarefas?

9 - Pôster apresentado no I Seminário de Experiências em esporte educacional do Projeto Olímpico da Mangueira.



Rede Rio de Janeiro

Centro de Referência Esportiva Projeto Olímpico da Mangueira

"Brincando e aprendendo Ginástica Rítmica"

1. O que foi feito? Com qual objetivo?

Foram ministradas aulas de Ginástica Rítmica (GR), planejadas e apresentadas de acordo com a unidade didática elaborada para o desenvolvimento da GR através de atividades lúdicas, jogos e brincadeiras.

OBJETIVO GERAL:
Apresentar o aparelho "corda" (aparelho oficial da GR) às alunas, trabalhando com movimentos básicos de saltos e saltitos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Dimensão Conceitual (aprendendo a aprender!): Conhecer o aparelho corda; relacionar a brincadeira com corda aos movimentos específicos do trabalho com a corda na GR; descobrir variadas possibilidades de pular corda;

Dimensão Procedimental (Aprendendo a fazer!): Brincar com a corda; executar saltos e saltitos sobre e por dentro da corda; passar sob a corda com velocidade e agilidade; Perceber as diferentes velocidades com que a corda pode ser batida; equilibrar-se em cima da corda; entrar, saltar e sair da corda; vivenciar as atividades individualmente, em dupla, trios, quartetos ou em pequenos grupos;

Dimensão Atitudinal (aprendendo a ser!): arriscar-se a saltar o mais alto que puder; ajudar e incentivar as colegas, cooperar com as colegas e para o bom desenvolvimento das atividades e brincadeiras; respeitar a si em seus limites e as colegas; compreender e compartilhar o conhecimento; valorizar o espaço das aulas como um espaço de participação e construção coletiva.

2. Como foi feito? Quais foram as estratégias utilizadas?

As alunas participaram de aulas de GR com diferentes atividades, brincadeiras e jogos, com a utilização do aparelho corda. As aulas foram estruturadas em três momentos:

1º momento: roda de conversa para apresentar as atividades do dia e levantar o conhecimento prévio das alunas sobre a atividade a ser praticada;

2º momento: Aquecimento e vivência das atividades, jogos e brincadeiras;

3º momento: roda de conversa para avaliar as atividades realizadas e possibilitar a compreensão sobre o "fazer". Conversa sobre o que as alunas gostaram, não gostaram, aprenderam, podem sugerir para as próximas aulas.

Estratégias Utilizadas:

- Apresentação de regras e espaço para o aquecimento a ser feitos através de dinâmicas de pique. Exemplo: pique-cola americano e pique-salto;
- Apresentação de regras, espaço e material para as atividades, jogos e brincadeiras. No caso, o espaço de realização das atividades foi uma quadra e o material utilizado foi "corda".
- **Vivência de diferentes atividades, jogos e brincadeiras**, onde sempre:
 - ✓ Antes do início de cada dinâmica foram oferecidos "passos modelos", com uma ou mais alunas fazendo demonstrações;
 - ✓ Foram mediadas dificuldades nas etapas do processo – correções nas etapas de execução;

ATIVIDADES, JOGOS E BRINCADEIRAS VIVENCIADOS:

- **Brincadeira do "dobra coluna"** → Passar por baixo da corda em diferentes níveis de altura, do nível mais alto para o mais baixo;
- **Brincadeira do "pule mais alto"** → Passar por cima da corda em diferentes níveis de altura, do nível mais baixo para o mais alto;
- **Brincadeira do "Equilíbrio sobre a corda"** → Caminhar sobre a corda, se equilibrando para que não caia de cima da corda;
- **Jogo do Zerinho** → A professora e uma aluna ou estagiária batem uma corda grande para que as outras alunas passem por baixo sem tocar ou esbarrar o corpo. A corda é batida em direção às alunas que passam correndo sem interromper as batidas da corda;
- **Variações do jogo do zerinho** → Diversificar o número de alunas que passam pela corda (individualmente, em duplas, trios, quartetos e grandes grupos); diversificar o forma de bater a corda (mais rapidamente ou mais lentamente); Diversificar as formas de passar sob a corda (correndo para frente, para trás, de lado, com giros, etc...)
- **Jogo do "pular corda"** → A professora e uma aluna ou estagiária batem uma corda grande para que outras alunas entrem uma de cada vez, pulem um salto e saiam pelo lado oposto ao que entram;
- **Variações do jogo do "pular corda"** → Diversificar o número de alunas que passam pela corda (individualmente, em duplas, trios, quartetos e grandes grupos); diversificar o número de vezes que as alunas pulam a corda (um, dois ou três saltos); diversificar o forma de bater a corda (mais rapidamente ou mais lentamente); Diversificar as formas de pular a corda (com um pé, dois pés, girando, etc...)

3. Quais os resultados? O que as alunas aprenderam?

Avaliando qualitativamente: "aprendendo a aprender" – (conceitos e princípios).

As alunas conheceram o aparelho oficial da GR corda; reconheceram a relação entre a brincadeira com corda aos movimentos específicos do trabalho com a corda na GR; descobriram variadas possibilidades de pular corda.

Avaliação quantitativa: 100% das alunas alcançaram os objetivos na dimensão conceitual.




Avaliando qualitativamente: "Aprendendo a fazer"

As alunas experimentaram brincar com a corda, executando saltos e saltitos sobre e por dentro da corda; passando sob a corda com velocidade e agilidade;

Testaram seu equilíbrio ao equilibrar-se em cima da corda;

Exercitaram-se ao entrar, saltar e sair da corda; percebendo as diferentes velocidades com que a corda pode ser batida;

Vivenciaram as atividades individualmente, em dupla, trios, quartetos ou em pequenos grupos.

"Fizeram" exercício múltipla em contextos variados e práticas guiadas;

Refletiram sobre o fazer.

Avaliação quantitativa: Cerca de mais de 80% das alunas alcançaram os objetivos na dimensão procedimental.

Avaliando qualitativamente: "Aprendendo a ser" – (Colaboração, Participação, liberdade, respeito às diferenças, honestidade, solidariedade...)

As alunas:

- Arriscaram-se a saltar sobre a corda o mais alto que puderam, testando seus limites, mas aprendendo sobre segurança e cuidados ao realizar saltos;
- Ajudaram e incentivaram as colegas, demonstrando o que aprenderam e tentando ensinar umas as outras;
- Cooperaram para o bom desenvolvimento das atividades e brincadeiras, ouvindo atentamente as orientações e regras;
- Respeitaram a si em seus limites e as colegas;
- Compreenderam e compartilhar o conhecimento;
- Valorizaram o espaço das aulas como um espaço de participação e construção coletiva.

Avaliação quantitativa: Cerca de 90% das alunas alcançaram os objetivos na dimensão atitudinal.






Número de Alunas: 70.
Período de realização: outubro a dezembro de 2014.
Professora Responsável: Maria Augusta Buarque.





